

Reflexões

sobre 2 Timóteo

Vincent Cheung

Título do original: *Reflections on Second Timothy*

Copyright © 2010 by Vincent Cheung

<http://www.vincentcheung.com>

Tradução: Felipe Sabino de Araújo Neto

Direitos para o português gentilmente cedidos pelo autor ao site *Monergismo.com*.

<http://www.cheung.com.br>

Todas as citações bíblicas foram extraídas da Nova Versão Internacional (NVI), © 2001, publicada pela Editora Vida, salvo indicação em contrário.



SUMÁRIO

1. PAULO E A TRADIÇÃO HUMANA	5
2. PAULO E A REVELAÇÃO DIVINA	8
3. DEUS, O AUTOR.....	10
4. A QUESTÃO DO CONTEXTO HISTÓRICO	14
5. UMA HERANÇA PIEDOSA.....	16
6. ORDENAÇÃO E TRADIÇÃO HUMANA.....	18
7. UM ESPÍRITO DE PODER.....	21
8. SALVAÇÃO: UM RESGATE NECESSÁRIO.....	23
9. NÃO POR DECISÃO OU ESFORÇO DO HOMEM.....	25
10. A NATUREZA E PAPEL DA FÉ.....	28
11. O EVANGELHO TRAZ A GRAÇA À LUZ.....	30
12. PADRÃO PARA A PREGAÇÃO	31
13. LEALDADE A HOMENS	34
14. UM SISTEMA INTELLECTUAL PÚBLICO	36
15. COMPARTILHANDO O SOFRIMENTO	39
16. LEMBRE-SE DE JESUS CRISTO.....	42
17. UM OBREIRO APROVADO POR DEUS.....	47
18. SOBRE HEREGES E HERESIAS	49
19. O FIRME FUNDAMENTO DE DEUS	51
20. CONTROVÉRSIAS TOLAS.....	53
21. ENSINANDO OS APRISIONADOS DO DIABO	55
22. PESSOAS MÁ, TEMPOS MAUS.....	58
23. TEOCENTRISMO VS. ANTROPOCENTRISMO	61
24. INTELIGÊNCIA PARA SALVAÇÃO	65
25. INSPIRADA POR DEUS.....	68

26. PROCLAME A SÃ DOUTRINA	72
27. SOZINHO, MAS NUNCA SOZINHO.....	75

1. PAULO E A TRADIÇÃO HUMANA

Paulo, apóstolo de Cristo Jesus pela vontade de Deus, segundo a promessa da vida que está em Cristo Jesus,

a Timóteo, meu amado filho:

Graça, misericórdia e paz da parte de Deus Pai e de Cristo Jesus, nosso Senhor. (2 Timóteo 1.1-2)

Como Paulo escreve em outro lugar, ele foi “circuncidado no oitavo dia de vida, pertencente ao povo de Israel, à tribo de Benjamim, verdadeiro hebreu” (Filipenses 3.5). Ele era um dos fariseus, uma seita muito rigorosa da religião judaica. Antes de se converter à fé cristã, tudo isso contava como algo, mas depois ele perceberia que seu pano de fundo não lhe rendeu nenhum favor aos olhos de Deus. Ele teria que se chegar a Deus de outra forma.

Lucas apresenta-o em Atos 7. Ele era chamado Saulo naquele tempo, e consentiu quando os judeus apedrejaram Estevão até à morte. De uma perspectiva não cristã, ou da perspectiva daqueles cegos para a verdade, Saulo era um judeu perfeito, um fariseu justo, um erudito altamente credenciado. Contudo, a verdade era que ele era um cúmplice do assassinato de um homem inocente. Em Atos dos Apóstolos, essa é a primeira coisa que aprendemos sobre ele.

Saulo continuou nessa direção, e Atos 9 registra que ele “respirava ameaças de morte contra os discípulos do Senhor”. Ele recebeu autoridade do sumo sacerdote para visitar Damasco, a fim de capturar e aprisionar os cristãos dali. Parece que uma pessoa que perseguiria, aprisionaria e até mesmo assassinaria outros deve ser séria sobre suas próprias convicções. De fato, ele era um homem zeloso. Mas como mais tarde admitiria, ele agiu em “ignorância e incredulidade”. Seu zelo não era informado pela verdade, e não procedia de uma abertura para com Deus, ou fé no que Deus tinha revelado. Aqueles que se opõem e perseguem os cristãos são, por definição, pessoas injustas e sem inteligência.

Sua religião não o tornou um homem piedoso. Fez dele um assassino. O problema não estava na religião em si. Saulo tinha um tipo específico de religião: ou foi essa religião que o tornou um assassino, ou ele tornou-se um assassino porque seu comprometimento a essa religião era defeituoso ou distorcido. Contudo, sua devoção à sua religião parecia “irrepreensível” (Filipenses 3.6). Dessa forma, mesmo que houvesse um lado pessoal e subjetivo em seu grande erro, havia também um lado público e objetivo.

Havia algo errado em sua religião. Não estou me referindo à religião do Antigo Testamento. Esse é o equívoco que muitas pessoas fazem – eles assumem que a religião dos judeus e dos fariseus era a religião do Antigo Testamento. Não, embora a religião deles fosse baseada no Antigo Testamento, em geral era muito diferente e mesmo antagônica a ele, contradizendo-o em espírito e em letra. Algumas pessoas cometem o equívoco de pensar que os fariseus eram hostis a Jesus porque eles eram muito inflexíveis quanto a seguir a lei de Moisés ou o Antigo Testamento. Mas eles faziam o oposto. Jesus disse que eles anulavam os mandamentos de Deus por meio das suas

tradições (Mateus 15.6). Eles tinham inventado regras e costumes que eram supostamente consistentes com os mandamentos de Deus, mas que na verdade redefiniam e substituíam os mandamentos de Deus em suas vidas. Ele disse que a profecia de Isaías se aplicava a eles: “Em vão me adoram; seus ensinamentos não passam de regras ensinadas por homens” (Mateus 15.9).

A religião dos judeus e dos fariseus não era a religião do Antigo Testamento. Era um sistema que eles tinham fabricado para se escusarem de aceitar as palavras dos profetas. Jesus disse que eles nem mesmo criam no Antigo Testamento: “Se vocês cressem em Moisés, creriam em mim, pois ele escreveu a meu respeito. Visto, porém, que não creem no que ele escreveu, como crerão no que eu digo?” (João 5.46-47). A fé em Cristo, e dessa forma a fé no Novo Testamento, segue-se naturalmente da fé no Antigo Testamento, porque Cristo cumpriu o Antigo Testamento. Os judeus e os fariseus não seguiam a revelação de Deus, mas sua própria tradução humana. Devemos corrigir a ideia que eles eram hostis a Cristo porque eram muito obcecados com a precisão em sua doutrina e obediência. Não, eles eram hostis a Cristo porque se preocupavam muito mais sobre como evitar crer e obedecer à palavra de Deus enquanto davam a aparência de devoção religiosa, e Cristo expôs a hipocrisia deles.

Assim, Paulo, ou Saulo, era um homem zeloso. Mas esse zelo por sua religião o levou a ódio e assassinato contra o povo de Deus. Alguns poderiam dizer que isso era um caso de zelo mal direcionado. Isso não é inteiramente errado, mas a questão não era tão simples. Zelo não é uma atitude ideologicamente neutra — uma pessoa é zelosa *por algo*. Visto que uma pessoa é zelosa por algo, isso significa que zelo tem conteúdo, e visto que o conteúdo — as crenças ou ideologias — pode ser correto ou errado, então o zelo pode ser correto ou errado. Portanto, quando o zelo de uma pessoa o leva a fazer algo errado, se esse zelo é consistente com e um produto de sua ideologia pelo que ele é tão zeloso, então o próprio zelo é errado. Ele não é apenas um zelo mal direcionado, mas um zelo errado ou perverso, e um *tipo* diferente de zelo daquele zelo pelo que é verdadeiro e correto.

Não devemos supor que Paulo tinha uma atitude zelosa natural que era boa em si mesmo, mas apenas mal direcionada, e que esse zelo fez dele um crente mais eficaz uma vez que o zelo foi redirecionado pelo evangelho. Novamente, isso assume que zelo pode ser considerado em si mesmo, à parte daquilo pelo que a pessoa é zelosa, de forma que uma pessoa pode usar o mesmo zelo para esse ou para aquele, dependendo de como ele é direcionado. Contudo, o zelo não pode ser separado da ideologia. Não, Paulo tinha o tipo errado de zelo, um zelo que o tornou um assassino. Era um tipo de zelo que, por sua própria admissão, era baseada na “ignorância e incredulidade”. O zelo que ele exibiu como um cristão era baseado num fundamento inteiramente diferente, um que foi gerado pela obra do Espírito e um entendimento correto da graça do Senhor Jesus Cristo. E visto que o Espírito opera em todos do povo de Deus, e visto que todos do povo de Deus podem entender a graça de Deus, todos os cristãos podem possuir grande zelo pelas coisas de Deus. Isso não é algo que pertence a pessoas como Paulo à parte do evangelho, mas algo que é tornado disponível a todos os que creem no evangelho.

A fé de Jesus Cristo era o cumprimento das palavras dos profetas. Paulo não viu isso no início. Ele percebeu Cristo como uma ameaça à sua religião, embora grande parte dela não fosse procedente da religião do Antigo Testamento, mas da tradição humana, isto é, da invenção humana. Assim como Ismael zombou de Isaque, o filho da promessa, e assim como os fariseus perseguiram Cristo, o Filho da Promessa, os judeus perseguiram os cristãos. Os herdeiros da tradição humana sempre perseguirão os herdeiros da revelação divina. Não devemos ter a mínima simpatia pela posição de

Paulo antes de sua conversão. Ele seguia a tradição em vez da Palavra de Deus. Seu entendimento da lei era errado. Ele nem mesmo cria no que foi escrito por Moisés. Se tivesse crido na Palavra de Deus, ele teria crido no evangelho de Cristo prontamente. Mas ele não o fez. Ele estava errado.

2. PAULO E A REVELAÇÃO DIVINA

Paulo, apóstolo de Cristo Jesus pela vontade de Deus, segundo a promessa da vida que está em Cristo Jesus,

a Timóteo, meu amado filho:

Graça, misericórdia e paz da parte de Deus Pai e de Cristo Jesus, nosso Senhor. (2 Timóteo 1.1-2)

Os judeus comissionaram Paulo para caçar os cristãos em várias cidades e prendê-los. Ele então dava seu voto contra esses cristãos condenados à morte (Atos 26.9-11). Nossa atenção é frequentemente focada no que aconteceu na estrada para Damasco, mas obter um quadro preciso da condição de Paulo antes de ser convertido, é importante perceber que ele participou não somente no assassinato de Estevão (Atos 7.58, 60), e que Damasco não foi o primeiro lugar onde ele foi perseguir cristãos (Atos 9.2). Seu próprio testemunho nos diz que ele aprisionou cristãos e votou contra eles em múltiplas ocasiões (Atos 26.10, e a missão Damasco foi apenas uma das muitas jornadas nas quais ele perseguiu cristãos em cidades estrangeiras (Atos 26.11-12).

Quando se aproximava de Damasco, o Senhor Jesus lhe apareceu num resplendor de luz e o confrontou. O relato em Atos 9 poderia dar a impressão que o encontro foi breve. Leva dez segundos para ler os versículos 3 a 6, mas é provável que a conversa tenha durado muito mais. As conversas, sermões e discursos registrados na Bíblia são quase sempre sumários e não transcrições completas do que foi dito. Eles são sumários acurados, mas sumários não obstante isso. Seria absurdo pensar que nenhum dos discursos e interações dos crentes primitivos durou mais do que alguns segundos. Em Atos 20, Lucas escreve que Paulo falou a algumas pessoas e continuou falando até o amanhecer.

No caso da visão do Senhor por Paulo em Damasco, há indicação direta que a nós é dado apenas um sumário, e que o encontrou foi uma conversa que durou mais do que alguns segundos. Atos 22 registra o testemunho de Paulo sobre o incidente. As palavras usadas são similares, e a duração é quase a mesma do relato em Atos 9. Mas quando Paulo relata o evangelho novamente ao Rei Agripa em Atos 26, o número de palavras atribuído a Jesus é multiplicado várias vezes. Sua declaração inicial agora inclui: “Resistir ao agulhão só lhe trará dor!”. E os versículos 16-18 consistem de declarações que estão ausentes em Atos 9 e 22.

A explicação apropriada é que Atos 9 e 22, e mesmo Atos 26, são apenas sumários do que aconteceu. Elas incluem os pontos essenciais do evento, e detalhes adicionais são incluídos quando eles são relevantes para o contexto ou situação. Sem dúvida, isso não é incomum, e é a forma como todos nós resumimos eventos e interações. Eu poderia ter uma conversa de duas horas com alguém sobre quais são melhores, carros americanos ou japoneses, e o sumário disso poderia ser: “Eu disse, ‘Penso que os carros americanos são melhores’, mas meu amigo disse, ‘Discordo. Os carros japoneses são melhores’”. Poderia ser algo simplificado, mas até onde diz

respeito um sumário essencial, ele seria acurado e suficiente. Mas se estou relatando a conversa num contexto que requeira mais detalhes, então eu lembraria declarações adicionais feitas por nós. Ainda assim, provavelmente não repetiria todas as palavras ditas, mas apenas as relevantes.

Dessa forma, não sabemos quanto tempo se passou na visão na estrada para Damasco, mas podemos estar certos que muito mais foi dito do que temos registrado em Atos 9. É possível que o Senhor Jesus tenha explicado o evangelho a Paulo em grande detalhe, e também o papel que ele teria em proclamá-lo às nações. Não sabemos exatamente o que foi dito nessa visão, e seria errado especular. Contudo, não seria errado dizer que o próprio Senhor ensinou o evangelho a Paulo, visto que isso é o que Paulo alega em Gálatas 1.12.

Em adição, não seria errado dizer que o Senhor ensinou pelo menos algo do evangelho a Paulo por aparição direta em visões, visto que vemos um padrão disso em Atos dos Apóstolos. Atos 18 diz que Jesus falou a Paulo numa visão: “Não tenha medo, continue falando e não fique calado, pois estou com você, e ninguém vai lhe fazer mal ou feri-lo, porque tenho muita gente nesta cidade”. Novamente, isso é provavelmente um sumário — não sabemos se Jesus falou com Paulo durante dez segundos, dois minutos, ou três horas. Mas não há garantia para afirmar com certeza que a visão foi breve. Então, Atos 23 diz que certa noite “o Senhor, pondo-se ao lado de Paulo, disse: ‘Coragem! Assim como você testemunhou a meu respeito em Jerusalém, deverá testemunhar também em Roma’”. E novamente, é possível que o Senhor apareceu a Paulo, levou dois segundos para pronunciar essa declaração, e então desapareceu. Mas é possível também que ele apareceu e permaneceu ali por duas horas.

Seja qual for o caso nas visões individuais, o relato bíblico é que Paulo teve uma vida incrível de revelação na qual o próprio Jesus ocasionalmente apareceu e falou com ele, ensinou-lhe teologia, e o encorajou em seu ministério. Parece haver um padrão nas aparições pessoais de Jesus na vida de Paulo. Embora não possamos dizer se outros apóstolos experimentaram o mesmo ou não, temos conhecimento de três pontos importantes. Primeiro, Jesus já tinha ensinado aos outros apóstolos durante aproximadamente três anos. Segundo, os outros apóstolos continuaram a receber revelação. Jesus disse que o Espírito Santo continuaria a ensinar-lhes e guiar-lhes à toda verdade. Algumas vezes meios extraordinários foram usados. Por exemplo, Deus deu a Pedro uma lição em teologia quando lhe mostrou numa visão, “não chame impuro ao que Deus purificou” (Atos 10.15). Terceiro, embora não vejamos um padrão na aparição pessoal de Jesus na vida dos outros apóstolos (como vemos na vida de Paulo), sabemos que isso pode ter acontecido, e aconteceu a João quando Jesus apareceu a ele numa forma gloriosa, ditou-lhe sete cartas, e lhe mostrou as visões registradas no livro de Apocalipse.

Assim, na vida dos apóstolos, incluindo Paulo, havia uma história e um padrão contínuo de revelações diretas, pessoais e espetaculares. Isso nos ajuda a entender e apreciar a base da autoridade apostólica, e por extensão natural e necessária, a autoridade da Sagrada Escritura. A inspiração da Escritura foi uma operação distinta do Espírito, na qual ele conduziu os escritos à medida que eles produziam o texto, e isso ocorreu para assegurar um registro perfeito e permanente da história e mensagem do Senhor Jesus, pregada por apóstolos que foram direta, pessoal e espetacularmente ensinados pelo próprio Deus.

3. DEUS, O AUTOR

Paulo, apóstolo de Cristo Jesus pela vontade de Deus, segundo a promessa da vida que está em Cristo Jesus,

a Timóteo, meu amado filho:

Graça, misericórdia e paz da parte de Deus Pai e de Cristo Jesus, nosso Senhor. (2 Timóteo 1.1-2)

Deus é soberano — a vontade de Deus é suprema. Isso significa não somente que ele pode controlar algo se desejar fazê-lo, mas significa que nada pode acontecer a menos que ele decida que isso deveria acontecer e então faça com que isso aconteça mediante um poder ativo e invencível. A distinção é crucial. A falha em reconhecê-la tem resultado em absurdo e inconsistência mesmo naqueles que se consideram defensores da soberania de Deus. Deus não somente pode ativamente e diretamente decidir e controlar tudo — como se fosse possível ele *metafisicamente* deixar algumas coisas funcionarem por si mesmas — mas Deus *de fato* ativamente e diretamente decide e controla tudo, incluindo todos os pensamentos e ações humanas, quer boas ou más. Isso é verdadeiro por necessidade lógica, pois Deus é o único e universal poder metafísico que existe.

Sem dúvida, isso significaria que Deus é o autor *metafísico* do pecado e do mal. Ele foi aquele que criou Satanás bom e perfeito, e então inclinou o seu coração para o mal. Ele foi aquele que criou Adão bom e perfeito, e então fez com que Satanás o tentasse (a Escritura diz que Deus *mesmo* não tenta ninguém, visto que tentar é persuadir a praticar o erro, e Deus persuadir diretamente alguém a fazer algo torna esse por definição um ato justo; portanto, é logicamente impossível Deus tentar alguém diretamente), fez Adão sucumbir, e fez com que o seu coração inclinasse para o pecado. Teólogos ficam horrorizados por essa ideia, e quase sempre tentam distanciar Deus do pecado. Contudo, se distanciamos Deus do mal *metafisicamente*, isso significa que há outro poder metafísico que causa o mal. E isso significa que Deus não está no controle de tudo, que por sua vez significa que esse “Deus” não é Deus coisa alguma. Em outras palavras, contrário à noção popular que é blasfêmia sugerir que Deus é o autor do pecado e do mal, é blasfêmia dizer que ele não o é. Deus deve ser o autor do mal, ou o mal jamais poderia vir à existência. Deus deve ser o autor do pecado, ou o pecado jamais poderia ter acontecido.

Isso é muito diferente de dizer que Deus é mal. Uma coisa não implica a outra. Antes, Deus é aquele que define bom e mal, e mal é aquilo que viola seus preceitos morais. Embora o mal tenha vindo à existência, a Bíblia ainda chama Deus de bom. Isso necessariamente significa que Deus nunca impôs um preceito moral sobre si mesmo declarando que ele nunca deve fazer com que criaturas violem os seus preceitos morais. Portanto, não é mal Deus fazer com que suas criaturas violem os seus preceitos morais, mas é mal para as criaturas, causadas por Deus, violar esses preceitos morais.

Quanto a porquê Deus criaria o mal, e fazer com que suas criaturas violem seus preceitos, e então redimir algumas delas, é surpreendente que mesmo aqueles teólogos que se vangloriam de se referir à história bíblica como o “drama” da redenção não podem ver a resposta para isso. Pergunte ao escritor porquê há tanta oposição ao herói em sua própria história. O escritor não tem pleno controle sobre o que acontece em seu mundo? Se seguirmos as teorias absurdas de quase todos os teólogos, teríamos que dizer que os vilões aparecem e escrevem espontaneamente suas próprias linhas no manuscrito do escritor, e esse tem que dirigir seu herói para vencê-los. Ou, talvez o escritor de alguma forma “permita” que os vilões apareçam e causem destruição, mas eles aparecem sem o envolvimento direto do escritor escrevendo sobre eles na história. Os vilões dentro da história tomam controle da caneta para se inscreverem na história, mesmo antes que eles existam na história! Ou, personagens justos dentro da história tomam controle da caneta e inserem o mal neles, mesmo antes que haja qualquer mal dentro deles para movê-los a fazer isso! Alguém pode se perguntar se os personagens são infinitamente mais poderosos que o escritor. Quanta coisa sobre o decreto “passivo” de Deus e a “permissão” do mal! Em todo caso, se a Bíblia registra o “drama” da redenção, e se Deus é o escritor e diretor, então a razão, propósito e significado da existência do mal num mundo onde Deus possui controle direto e completo é automaticamente abordada, exceto para aqueles que não tenham nenhuma compreensão do drama. Romanos 9 diz que Deus deseja “tornar conhecidas as riquezas de sua glória” (v. 23).

Suponha que um escritor pense que é o momento de Richard, um personagem em sua história, morrer. Ele pode fazer isso acontecer de muitas formas. Ele pode escrever, sem nenhuma explicação, “Richard morreu”. E Richard morreria. Ele pode lançar uma pedra do céu e esmagar Richard no chão. Ele pode simplesmente parar de mencionar Richard, e embora os leitores e outros personagens na história poderiam não estar cientes disso, ele estaria morto na mente do escritor. Mas já que estamos num drama, tornemos isso mais interessante. O escritor pode introduzir Tom na história. Ele cobiça a esposa de Richard, e no decurso de uma trama complicada e improvável, Tom dá um tiro na cabeça de Richard e o mata.

Seria absurdo distanciar “metafisicamente” o escritor do mal nesta história usando Tom para explicar a coisa toda. O escritor é aquele que concebe Tom em sua própria mente e o introduz na história. O escritor é aquele que o faz cobiçar a esposa de Richard e então atirar na cabeça de Richard. Além disso, o escritor é aquele que faz Richard morrer. Essa é a parte que muitos teólogos e filósofos esquecem quando lidando com metafísica. Na verdade, não é Tom quem mata Richard. Na realidade, não é a bala que mata Richard. Numa história onde o escritor detém poder onipotente, Richard não precisa morrer simplesmente por alguém ter acertado um tiro na sua cabeça. E se Richard morre, o escritor pode ressuscitá-lo dentre os mortos. De fato, o escritor pode ressuscitar Richard dentre os mortos e fazê-lo matar Tom simplesmente mediante um olhar desaprovador.

Esse é o porquê, como explicações metafísicas, as chamadas causas secundárias não têm sentido. Quando a discussão é limitada às relações dentro da história, então é aceitável dizer que Tom mata Richard. Mas quando uma explicação metafísica é necessária, devemos dizer que o escritor faz Tom puxar o gatilho, faz a bala ser arremessada do revólver, e faz Richard morrer. Esses eventos são metafisicamente independentes, e estão relacionados somente no contexto da história. Isto é, a relação entre essas pessoas e eventos existe somente na mente do escritor, e é então registrada na história. Qualquer evento ocorre somente pela causa direta do escritor. Um objeto

dentro da história não pode escrever suas próprias linhas e então produzir um efeito sobre outro objeto dentro da história.

É verdade que o escritor mata Richard usando Tom, e é verdade que Tom atira voluntariamente em Richard. Tom age sob o desejo mais forte do momento, e não é coagido por nenhum outro fator *dentro* da história. De fato, ele não é coagido nem mesmo pelo escritor, mas isso não significa que ele tenha livre-arbítrio, e seria tolo mencionar que seu desejo e ação são “compatíveis” com o controle do escritor, pois o escritor é aquele que, em primeiro lugar, insere o desejo e ação. O compatibilismo não é apenas falso mas também irrelevante, pois não compreende a questão. Ele não é coagido pelo escritor porque coerção requer resistência naquele que é coagido, mas Tom nem mesmo tem a liberdade para exibir qualquer resistência à vontade do escritor. Seu desejo é escrito em sua mente pelo escritor, e então uma ação que é consistente com esse desejo é escrita na história. Dizer que o desejo, escolha e ação de Tom são compatíveis com a autoria do escritor é dizer nada mais que o escritor é compatível consigo mesmo, ou que o exercício de seu controle é compatível com sua posse desse controle. Isso é irrelevante e inútil para a agenda do compatibilista.

A menos que Tom seja livre *do escritor*, Tom não é livre em nenhum sentido significante da palavra. Ele poderia ser livre de outros personagens da história, mas mesmo isso se dá somente porque o escritor decidiu assim. Dentro da história, há de fato uma relação aparente entre a ação de Tom, a física da arma e a bala, e a morte de Richard. Mas repetindo, isso acontece somente porque o escritor torna isso verdadeiro nessa ocasião particular. Em outras palavras, não existe nenhuma relação *necessária* entre a ação de Tom ou a bala, com a morte de Richard. A relação é estabelecida, aparentemente se você desejar, para o propósito da história, ou drama. Na realidade, a vontade do escritor é a única explicação para qualquer condição ou evento no romance.

Tom possui uma liberdade relativa — ele é livre do controle ou interferência de outros objetos e personagens na história na extensão em que o escritor decide que ele seja livre deles. Essa liberdade relativa não tem nada a ver com a responsabilidade moral de Tom para com o escritor. Se Tom é considerado responsável por algo, é porque o escritor decide mantê-lo responsável, não porque Tom possui algum tipo de liberdade. O escritor é capaz de mantê-lo responsável precisamente porque Tom não é livre. Se Tom fosse inteiramente livre, mesmo do escritor, então Tom não prestaria contas a ninguém. A responsabilidade moral de Tom reside inteiramente na soberania e decisão do escritor. Dessa forma, o escritor pode expressar sua desaprovação para com o adultério e assassinato arrumando um final extremamente sangrento para Tom. Se desejar introduzir uma dimensão espiritual, o escritor pode até mesmo enviar Tom direto para o inferno na história.

Embora o escritor seja a causa direta e ativa do adultério e assassinato de Tom, dificilmente seria correto acusar o escritor desses crimes, visto que o escritor mesmo não cometeu adultério e assassinato, e não existe nenhuma lei no mundo (fora da história) do escritor declarando que um escritor não pode narrar um adultério e assassinato em seu romance. Tom, contudo, cometeu ambos, visto que o mundo da história desaprova ambos e reforça leis contra ambos.

Você pode se queixar que tudo isso soa verdadeiro quando diz respeito a escrever um romance, mas nós não somos meros personagens numa história. Bem, Deus não é homem, e quando escreve uma história, ele não está limitado a tinta e papel. Todavia, se você resiste à minha analogia, você pode lidar com aquela usada por Paulo em Romanos 9, onde somos meros montes de barro. Isso te ajuda de alguma forma, ou

nos compromete ainda mais à minha visão? Ele diz que Deus introduz pecado, mal e conflito contra si mesmo e o seu povo (v. 17-18), pois ele deseja “mostrar” (v. 22-23). Você diz: “O que? Tudo isso para uma demonstração? Por que Deus ainda nos culpa? Que personagem pode resistir à vontade do escritor?”. Mas quem é você para questionar a Deus? Acaso um personagem pode dizer ao escritor: “Por que me fizeste assim?” (v. 20). O escritor tem o direito e o poder para demonstrar seus valores e talentos da forma que desejar (v. 21).

Estou lhe dizendo o que aconteceu a Paulo. Ele escreve que era um apóstolo de Cristo Jesus “pela vontade de Deus”. A frase em si pode se referir ao decreto ou preceito de Deus. Isto é, pode se referir à decisão eterna de Deus que Paulo seria um apóstolo, ou ao mandamento temporal de Deus que Paulo deveria ser um apóstolo. Parece que a frase em nossa passagem refere-se ao decreto de Deus. Deus decretou todas as coisas antes da criação do mundo, e ele concebeu Paulo e pré-ordenou que ele seria um apóstolo. Paulo escreve que foi separado no nascimento (Gálatas 1.15), mas ele não nasceu um cristão. João o Batista foi cheio do Espírito enquanto ainda estava no ventre da sua mãe, mas Paulo viveu uma vida de assassinato até o Senhor Jesus confrontá-lo. Ambos foram ordenados pela vontade de Deus, mas Deus decretou vidas diferentes para eles.

Não é que Deus “permitiu” Paulo correr solto até Atos 9. Deus tinha tanto controle de Saulo o Fariseu como de João o Batista. Seu plano demandou que Paulo estivesse no caminho que estava antes de sua conversão. E Paulo nos diz pelo menos parte da razão: “Mas por isso mesmo alcancei misericórdia, para que em mim, o pior dos pecadores, Cristo Jesus *demonstrasse* toda a grandeza da sua paciência, usando-me *como um exemplo* para aqueles que nele haveriam de crer para a vida eterna” (1 Timóteo 1.16). O drama da conversão de Paulo serve ao drama maior da redenção. Deus tinha pré-ordenado que Paulo se tornaria um exemplo de um grande pecador que receberia misericórdia, de forma que “Cristo Jesus demonstrasse toda a grandeza da sua paciência”. Repetindo, isso foi em prol da demonstração, do drama. Mas para isso acontecer — para Paulo se tornar um grande pecador que recebe misericórdia — ele deve primeiro viver como “o pior dos pecadores”. Não foi um acidente que Paulo tornou-se uma demonstração da misericórdia divina, nem podemos explicar isso mediante alguma teoria ridícula de concorrência ou compatibilismo. Nem, esse foi seu destino pré-ordenado. Deus planejou e Deus fez acontecer — tudo isso.

No tempo determinado, o Senhor Jesus apareceu a Paulo e o confrontou. Paulo finalmente percebeu que ele estava errado o tempo todo, e que Jesus era de fato o Cristo predito por todos os profetas. Então Cristo ordenou que ele mudasse todo o curso de sua vida, e o comissionou para se tornar um apóstolo. A vontade de Deus era que ele se tornasse o representante mais eficaz e prolífico da fé na igreja primitiva. Ora, o escritor não tem nenhuma necessidade de Tom se deseja matar Richard, mas a história é sua e ele pode escrevê-la da forma que desejar. No mesmo sentido, Deus não precisa de nenhum homem para cumprir os seus desejos, mas agradeu-lhe em seu plano, sua “demonstração” se desejar, empregar instrumentos humanos e ordenar relações humanas neste drama de redenção. E quando algo é dito ser “a vontade de Deus” no sentido de decreto de Deus, então isso será feito, pois sua vontade não pode ser frustrada na história que ele mesmo escreve. Portanto, embora Paulo tenha sido criticado, abandonado e aprisionado durante o seu ministério, os propósitos de Deus em sua vida foram cumpridos. Ele deveria ser o instrumento chave em estabelecer a presença do evangelho de Cristo na Terra, em assegurar sua perpetuidade mediante extensas explicações escritas da fé. Isso ele realizou, e ainda temos os seus escritos hoje, pois a vontade de Deus nunca falha.

4. A QUESTÃO DO CONTEXTO HISTÓRICO

Paulo, apóstolo de Cristo Jesus pela vontade de Deus, segundo a promessa da vida que está em Cristo Jesus,

a Timóteo, meu amado filho:

Graça, misericórdia e paz da parte de Deus Pai e de Cristo Jesus, nosso Senhor. (2 Timóteo 1.1-2)

Temos aqui uma carta de Paulo ao seu colaborador júnior, Timóteo. Uma carta representa apenas um lado de uma conversação. Supostamente, o desafio ao ler uma carta está no fato de não conhecermos a natureza precisa das questões e situações que fizeram o missivista escrever sua carta, e é assumido que precisamos de certo entendimento desse outro lado da conversação para ter contexto suficiente a fim de interpretar a carta. Visto que os documentos bíblicos são literatura antiga, a distância entre o contexto original e os leitores modernos é alegadamente mais ampliada.

Estudiosos constantemente assumem essa dificuldade e tentam lidar com ela à medida que examinam o texto. Contudo, o problema é exagerado, mas visto que ele é teimosamente assumido, não é incomum ver um comentarista chegar a uma falsa interpretação que ignora ou contradiga o que está claramente no texto devido à sua obsessão em descobrir ou especular sobre o contexto histórico. Mesmo que alguém chegue ao significado correto, não é incomum encontrar um comentarista basear a sua interpretação em algo que pertence ao contexto histórico, quando as palavras do texto oferecem o mesmo significado, tornando supérflua a sua árdua investigação. O contexto histórico, quer ou não determinado corretamente, com frequência não afeta o significado de forma alguma.

A dificuldade é uma mera possibilidade em cada caso. Se há uma dificuldade real ou não, isso depende do que o escritor inclui em sua carta. Se Paulo escreve, “Tito, o que eu lhe disse para fazer, faça-o depressa”, então não teremos nenhuma ideia do que Paulo quer que Tito faça, embora ainda saibamos que Paulo deseja que ele faça algo. Por outro lado, se Paulo escreve, “Tito, constitua presbíteros em cada cidade, como eu o instruí”, e então inclui uma lista detalhada de qualificações, como o faz em sua carta a Tito, então devido à plenitude de informação inclusa desse lado da conversação, não existe nenhuma necessidade de especularmos sobre o outro lado.

Estudiosos podem considerar isso uma simplificação ingênua, mas não é. Antes, o problema é que eles exageraram tanto o problema da falta do contexto histórico, e subestimaram tanto a semelhança do pensamento e cultura humana através dos séculos, que eles complicaram a própria clareza, e recusam permitir que a linguagem direta seja o que é. O erro deles está em exagerar e superestimar a obra de detetive no processo de interpretação. A Bíblia é uma revelação confiável, atual e independente da parte de Deus. Mas ao assumir constantemente que a informação externa é necessária para fornecer o contexto apropriado para a interpretação, eles subestimaram a suficiência e perspicuidade da Escritura.

Outro problema relacionado à obsessão em descobrir o contexto histórico, ou talvez até mesmo um precedente dessa obsessão, é a tendência de pensar que tudo o que Paulo diz, ele o faz para abordar uma questão correspondente entre seus leitores. Ou, tudo o que ele afirma, ele o faz porque pelo menos alguns entre os seus leitores creem no oposto, e tudo o que ele diz que eles devem fazer, ele o faz porque eles não estão fazendo ou estão fazendo o oposto. Parece que Paulo nunca mencionaria algo, a menos que haja um problema relacionado a isso, ou pelo menos seus leitores estejam crendo ou praticando o oposto do que é defendido pelo apóstolo.

Essa suposição ridícula é extremamente comum em comentários bíblicos. Mas é inválida e enganosa, e deve ser descartada. Sem dúvida, ela é sempre aplicada inconsistentemente, ou teríamos que pensar que Paulo escreve somente a ateístas anticristãos, visto que ele menciona com muita frequência Deus e Cristo em suas cartas.

5. UMA HERANÇA PIEDOSA

Dou graças a Deus, a quem sirvo com a consciência limpa, como o serviram os meus antepassados, ao lembrar-me constantemente de você, noite e dia, em minhas orações. Lembro-me das suas lágrimas e desejo muito vê-lo, para que a minha alegria seja completa. Recordo-me da sua fé não fingida, que primeiro habitou em sua avó Lóide e em sua mãe, Eunice, e estou convencido de que também habita em você. (2 Timóteo 1.3-5)

Tradições humanas inventadas para neutralizar a palavra de Deus são ímpias e destrutivas, mas uma herança piedosa é algo belo. Ambos enfatizam a continuidade de crenças e práticas de geração para geração, mas enquanto as tradições humanas representam uma continuidade de rebelião contra o governo de Deus, uma herança piedosa representa fidelidade e uma dependência consciente da graça de Deus. Somente uma herança cristã é uma herança piedosa, e é a única cuja continuidade merece ser celebrada. Todas as outras tradições apresentam caminhos alternativos para o viver que afastam as pessoas da verdade e da vida eterna.

Paulo diz que ele serve a Deus com uma consciência limpa, como o fizeram os seus antepassados. Certo escritor comenta que, por essa declaração, o apóstolo reconhece que o cristianismo é uma continuação do judaísmo. Mas isso pode ser enganoso. Se por judaísmo nos referimos à religião do Antigo Testamento, de forma que os antepassados de Paulo referem-se àqueles que acreditaram e pregaram o seu Salvador prometido, então o cristianismo é de fato um cumprimento e continuação dessa religião. Mas o judaísmo não é a religião do Antigo Testamento. No tempo de Cristo, os judeus tinham rejeitado e pervertido tanto a palavra de Deus que assassinaram o cumprimento pessoal do Antigo Testamento. O próprio ministério de Cristo não foi uma continuação do ministério dos judeus ou fariseus, mas um rígido contraste a ele, com João o Batista, que condenava os judeus e fariseus, como o predecessor. Paulo teve que se converter da religião que estava servindo e voltar à fé do Antigo Testamento para retornar à vereda doutrinária coerente com a fé de Jesus Cristo. Seus antepassados não são os judeus e fariseus, mas aqueles profetas e anciãos que eles assassinaram.

Voltando à herança de Timóteo, Paulo menciona a fé de sua avó e mãe. Essa mesma fé agora habita em Timóteo. Visto que a fé de Timóteo é a fé de um cristão, quando Paulo se refere à fé de sua avó e mãe, é provável que ele tenha em mente a fé cristã também. Se Paulo tinha em mente a fé judaica, então uma delas ou ambas devem ter morrido antes de ouvir sobre a fé cristã, ou elas devem ter agora se convertido à fé cristã. Isso porque Jesus disse que se alguém crê em Moisés, então ele acreditará em Jesus, visto que Moisés falou sobre Jesus. Assim, ninguém que verdadeiramente creia no Antigo Testamento recusará crer em seu cumprimento, isto é, a mensagem de Jesus Cristo. E visto que a fé do Antigo Testamento é nada mais que uma fé prospectiva em Cristo, é muito apropriado chamá-la uma fé cristã também. Em outras palavras, quer no Antigo ou Novo Testamento, jamais houve qualquer fé verdadeira que não a fé cristã.

Timóteo é a terceira geração de crentes. Paulo usa esse fato para encorajar firmeza em seu pupilo. É necessário romper uma história de rebelião humana e tradições religiosos falsas, mas é algo louvável continuar uma herança piedosa.

Algumas vezes não há em comum entre nossa herança espiritual e natural, e não existe nenhum bem espiritual em nossa linhagem natural. Talvez nossos pais e avós sejam pessoas ímpias e creiam em algumas coisas muito tolas. E quando Deus nos salva, ele não nos salva para continuar uma herança piedosa, visto que não existe nenhuma, mas para nos afastar de uma herança ímpia. Ele nos resgata das abominações de gerações anteriores, e nos mostra que não estamos presos às suas crenças e práticas.

Alguns dos nossos pais são ateus. Eles imaginam um mundo fantasioso onde não existe nenhum Deus para lhes dizer o que fazer e condená-los por seus muitos pecados. Ateísmo é um estado de ilusão severa, uma desordem mental causada pelo pecado. Ou, talvez nossos pais sejam aderentes de religiões não cristãs. Essas são alternativas ensinadas por demônios e aceitas pelas pessoas para evitar enfrentar a verdade sobre Cristo o Salvador e Juiz. Essa é também uma má função intelectual. Quer sejam da variedade religiosa ou ateísta, os não cristãos são estúpidos e insanos. Visite uma instituição mental e observe os maníacos. Alguns murmuram absurdos para si mesmos. Alguns gritam palavrões incoerentes. Outros espumam pela boca. Outros riem de nada. E ainda outros são violentos. Todos os não cristãos são interiormente assim durante todo o tempo. Mas Deus teve piedade de nós enquanto estávamos presos em nossas loucas ilusões, e nos resgatou do caos interior. Agora nossas mentes são claras. Agora encaramos a realidade e cremos na verdade. Ele nos salvou dos nossos ancestrais insanos, e de uma história de idolatria, incredulidade, assassinato, adultério, divórcio, materialismo, e coisas semelhantes.

Essa é a graça e o poder de Deus, que em Cristo podemos ter uma nova e gloriosa herança. Se nossa linhagem natural não tem nada em comum e não partilha disso, então não importa — Abraão é o nosso pai mediante a fé em Cristo, e nossos predecessores são os profetas e os apóstolos, e todos aqueles que fielmente serviram a Deus ao longo dos séculos. Essas pessoas não eram da nossa raça segundo a linhagem natural, mas se nos focarmos tanto em questões como raça, como muitas pessoas o fazem, então ficaremos sob a repreensão de Cristo: “Você não pensa nas coisas de Deus, mas nas dos homens” (Mateus 16.23). Mesmo quando Paulo expressou sua preocupação pelos judeus, seu único foco era a salvação espiritual deles. Ele nunca expressou qualquer interesse na restauração da força econômica e política dos judeus. É quase como você desejaria que sua família natural fosse salva por Cristo. Preocupar-se com os seus compatriotas seria uma preocupação mais ampla do mesmo tipo, mas permanece uma preocupação primariamente espiritual, e não racial.

6. ORDENAÇÃO E TRADIÇÃO HUMANA

Por essa razão, torno a lembrar-lhe que mantenha viva a chama do dom de Deus que está em você mediante a imposição das minhas mãos. (2 Timóteo 1.6)

Timóteo recebeu “o dom de Deus” quando Paulo impôs suas mãos sobre ele. Isso refere-se ao mesmo incidente mencionado em 1 Timóteo 4.14, onde é dito que um corpo de presbíteros impôs as mãos sobre Timóteo (em cujo caso Paulo teria sido um dos presbíteros), ou a um evento separado no qual apenas Paulo impôs as mãos sobre ele. Não existe nenhuma evidência bíblica para sugerir que a imposição de mãos, mesmo quando dons espirituais são conferidos, está reservada para a ordenação formal praticada hoje. Todavia, certo teólogo iguala o que Paulo descreve aqui com a ordenação formal de nossas denominações. Então, ele observa que a ordenação não é um reconhecimento de dons já presentes, mas uma concessão de dons não possuídos anteriormente. E, adiciona, esse dom é a autoridade para pregar.

Todos os três pontos são errados ou enganosos.

Primeiro, há evidência bíblica insuficiente para estabelecer a teoria de ordenação afirmada pelas denominações hoje. De fato, há evidência bíblica insuficiente para estabelecer as próprias denominações formais. Havia ordem na igreja, crentes trabalhando juntos em acordo, e conferências de presbíteros para discutir questões doutrinárias, mas tudo isso não se traduz numa instituição elaborada governada por concílios regionais e nacionais. Se um grupo de crentes decide se unir dessa maneira para fornecer apoio e prestação de contas mútuas como uma questão de vantagem e conveniência prática, não me oponho a isso. Contudo, seria errado eles desprezarem, criticarem ou de alguma forma pensar menos de cristãos que agem de acordo com os princípios bíblicos, mas diferem deles em detalhes não definidos ou restringidos por princípios bíblicos. Os princípios bíblicos para o governo da igreja são ricos, claros e inflexíveis, mas permitem muita liberdade nos detalhes, e simplesmente não requerem uma estrutura denominacional, ou muitas das teorias e práticas assumidas hoje. Se você impõe seus próprios princípios de governo eclesiástico sobre outros quando a Escritura não ensina ou os requer, então você está seguindo o exemplo dos fariseus, no fato de você alegar proteger a ordem prescrita da igreja, quando está na verdade protegendo tradições inventadas por homens.

Segundo, é enganoso dizer que a ordenação não é um reconhecimento de dons já presentes, mas uma concessão de dons não possuídos anteriormente. Essa é uma inferência muito ampla a partir de um versículo limitado e específico. De acordo com a Bíblia, Deus concede dons espirituais de diferentes formas. Algumas vezes eles são dados diretamente, sem nenhuma agência humana. Outras vezes são dados em resposta à oração. Por exemplo, Paulo diz que a pessoa que fala em línguas deve orar para que possa interpretá-las. Então, algumas vezes eles são dados por meio de agentes humanos, como quando os presbíteros e Paulo impuseram suas mãos sobre Timóteo. O que chamamos ordenação é um reconhecimento público do chamado. O chamado já existe, quer a igreja o reconheça ou não. Os dons espirituais sempre seguem o chamado. Eles apoiam o chamado da pessoa, e o capacitam a cumpri-lo. Mas os dons nem sempre são concedidos através da ordenação, nem o reconhecimento do chamado pela igreja é

sempre necessário. E se Deus chama alguém para repreender a igreja ou se opor a uma denominação? Quem o ordenou então? Ou isso nunca acontece? Qual é a evidência bíblica que torna nossas denominações e seu reconhecimento formal algo *necessário*? Não existe nenhum princípio rígido de ordenação na Bíblia. Isso é uma questão de ordem eclesiástica. Algumas vezes Deus a usa, outras não. Deus ainda é Deus. Quer a política da nossa igreja permita Deus ser Deus ou não, ele ainda pode fazer o que quiser.

Teólogos frequentemente afirmam doutrinas que restringem as práticas corretas àquelas já afirmadas por suas denominações. Eles começam a partir da Bíblia, então adicionam suas tradições a ela, e o resultado são as políticas denominacionais, que eles afirmam ser a pura doutrina escriturística e criticam aqueles que discordam. Mas o ensino da Bíblia deixa espaço para a soberania de Deus, muita variedade, e a liberdade para adaptar. Os cristãos poderiam aceitar a ordem eclesiástica prescrita por suas tradições como uma questão de conveniência prática, mas uma vez que se torna mais que isso – uma vez que se torna uma doutrina formal que define o certo e o errado — eles deveriam se rebelar contra ela. Que ninguém te roube da liberdade que Cristo comprou para você. Ai da denominação cuja rebelião contra o evangelho está na ordem e política da igreja.

Terceiro, quanto à autoridade para pregar, isso pelo menos precisa ser esclarecido. A Bíblia ensina que todos os cristãos são sacerdotes em Cristo (Apocalipse 1.6). E visto que todos somos sacerdotes, a implicação irresistível é que todos os cristãos podem pregar e administrar a ceia e o batismo. A coisa curiosa é que nem todas as igrejas e denominações que admitem o primeiro (que todos os crentes são sacerdotes) irão ao mesmo tempo reconhecer o último (que todos podem pregar e administrar as ordenanças sagradas). Isso acontece porque as pessoas nessas igrejas e denominações são hipócritas. Eles dizem o que dizem para distingui-los dos católicos, mas então praticam a mesma coisa em suas congregações. O Novo Testamento de fato ensina que deve haver líderes dentro das congregações, e como uma questão de ordem eclesiástica, eles são geralmente aqueles que pregam e administram a ceia e o batismo. Isso é para manter a excelência na atividade da igreja e para impedir o caos e a confusão. Contudo, outros cristãos não estão impedidos dessas coisas como uma questão de doutrina e princípio.

Deus é maior que nossas tradições e nossas denominações. Muitíssimas pessoas dizem que creem nisso, mas negam em suas doutrinas e práticas. Se Deus quer ordenar a alguém, ele na verdade não precisa de nenhuma aprovação ou reconhecimento humano. Ele frequentemente arranja o reconhecimento humano para manter a boa ordem, mas nada na Escritura indica que isso *deva* acontecer ou que deva acontecer de determinada forma. Cristo é o único mediador entre Deus e os homens. Não devemos permitir algo em nossa política eclesiástica que pareça negar isso.

Se Deus quer entregar suas palavras ou suas bênçãos por meio de homens, isso é direito seu. Mas se Deus deseja entregar essas diretamente, não cabe à igreja proibi-lo. A igreja é uma comunidade de pessoas *individualmente* redimidas e chamadas por Deus. Ele arranja pessoas para crerem no evangelho pelo ministério de agentes humanos, tal como a pregação de um pastor ou membro de uma igreja particular. Ele faz isso por inúmeras razões, tais como a ordem estabelecida, a comunidade e os relacionamentos entre os homens, e para exercitar e recompensar aqueles que pregam. Mas Deus não precisa de agentes humanos mesmo quando diz respeito à pregação do evangelho, e não devemos ressentir ou rejeitar alguém se ele recebe algo da parte de Deus sem nossa mediação.

Se você teme que isso levaria ao caos, então isso mostra que você adotou grandemente a mentalidade dos fariseus e católicos. Essa é a mentalidade que pensa que precisamos usar tradições humanas para reforçar os preceitos divinos, e isso removendo-se a liberdade que a revelação divina permite, incluindo a liberdade que Deus reserva para si. Se alguém se converte à fé cristã ou possui um ministério à parte do nosso controle, sua fé e ministério ainda estão sujeitos à palavra de Deus, e podem ser testadas pela palavra de Deus. E essa é a única base legítima para testar sua conversão ou chamado ao ministério. Ele não tem nenhuma obrigação de responder ou se submeter a tradições humanas que não prometeu cumprir. E se essas tradições violam a palavra de Deus, ele tem obrigação de romper com elas.

Pode ser verdade que a igreja está em tempos difíceis. Muitas pessoas estão se afastando das congregações locais, e as falsas doutrinas abundam. Contudo, a resposta não é uma teologia de controle por meio de tradições feitas por homens, mas uma teologia de liberdade em Cristo. Que Cristo atraia o povo que ele escolheu e chamou! Quanto aos cristãos, eles são responsáveis perante Cristo, não as tradições humanas. Portanto, desafie-as quando apropriado e necessário. É frequentemente aceitável se submeter a costumes humanos em prol do amor e da ordem, mas não porque seja requerido de você como uma questão de princípio.

Marcos 9 nos diz que um homem estava expulsando demônios em nome de Jesus, mas os discípulos disseram-lhe para parar de fazê-lo por não ser um deles. Jesus respondeu: “Não o impeçam. Ninguém que faça um milagre em meu nome, pode falar mal de mim logo em seguida, pois quem não é contra nós está a nosso favor”. Quem ordenou a essa pessoa? Por mãos de quem Deus conferiu dons espirituais a esse homem? Nem mesmo Jesus na Terra fez isso. Mas Deus no céu o fez, e aparentemente sem qualquer agência ou aprovação humana. Como observa um estudioso do Novo Testamento, o próprio Jesus não teve sanção humana oficial para o seu ministério. As tradições humanas são frequentemente tão perigosas quanto as ameaças à ordem que elas procuram eliminar. E eles frequentemente se afastam da ortodoxia que alegam proteger, ao ponto que até mesmo ordenariam o assassinato do próprio Filho de Deus. Todos os cristãos devem ser livres para servir a Deus, sob as diretrizes estritas, mas algumas vezes amplas, da Palavra de Deus, e não das restrições de tradições humanas.

7. UM ESPÍRITO DE PODER

Pois Deus não nos deu espírito de covardia, mas de poder, de amor e de equilíbrio. Portanto, não se envergonhe de testemunhar do Senhor, nem de mim, que sou prisioneiro dele, mas suporte comigo os meus sofrimentos pelo evangelho, segundo o poder de Deus... (2 Timóteo 1.7-8)

Paulo lembra a Timóteo que “Deus não nos deu espírito de covardia”, ou espírito de timidez, “mas [um espírito] de poder”, de amor e de equilíbrio”, isto é, um espírito de sobriedade, autocontrole e autodisciplina. É comum inferir disso que Timóteo fosse uma pessoa tímida. O texto permite essa possibilidade, mas não sugere-a diretamente. Antes, a inferência é feita a partir do texto devido à suposição particular de que quando Paulo diz algo, isso significa que precisamente o oposto está sendo crido ou praticado entre os seus leitores.

Isto é, se Paulo admoesta os cristãos a viverem em paz uns com os outros, então isso deve significar que há discórdia entre eles. Repetindo, isso é possível, mas a menos que o texto declare que seus leitores têm esse problema, o intérprete não tem o direito de inferir que esse deve ser o contexto histórico por detrás da passagem. Como em outros casos, nenhum contexto histórico é requerido para entender apropriadamente a admoestação, e que os crentes deveriam viver em paz é um ensino geral que é sempre aplicável.

É um insulto ao apóstolo assumir que quando ele encoraja alguém, é somente porque o oposto está acontecendo. Se você encorajar alguém somente quando ele obviamente precisa disso, então você não é um cristão muito bom, ou mesmo um bom amigo. Você diz a alguém para ter coragem somente quando ele está temeroso? Onde você estava antes dele ficar com medo?

E mais, Paulo não contrasta apenas timidez com poder, mas diz que Deus nos deu um espírito de poder, de amor e de autocontrole. Assumir que o contexto histórico é sempre o oposto do que Paulo diz requer de nós crermos que Timóteo não era apenas uma pessoa tímida, mas que ele também era cheio de ódio e fora de controle. Não há nenhuma evidência que ele fosse tal pessoa, e parece que os comentaristas não ousam ir tão longe. A suposição ridícula é arbitrariamente aplicada, e abandonada quando a implicação se torna muito forçada pelo padrão do intérprete. A falta de validade lógica em fazer inferências e a falta de consistência em sua aplicação torna a suposição inútil como um princípio de interpretação bíblica.

É possível que Timóteo fosse muito tímido, mas não sabemos isso. O texto não nos diz. O que sabemos é que Paulo tinha sido aprisionado, que havia inimigos que se opunham ao evangelho, e que mesmo alguns que serviram a causa com o apóstolo tinham agora o abandonado. Sabemos tudo isso porque esta carta nos diz tudo isso. É mais apropriado associar isso com o encorajamento de Paulo para Timóteo permanecer firme. Face a esse ambiente cruel e tendências desfavoráveis, Paulo adverte Timóteo para não sucumbir à pressão. Quer Timóteo esteja em perigo de sucumbir à pressão ou não é inteiramente incerto, e isso é inteiramente sem importância para um entendimento correto da carta.

Paulo contrasta timidez com poder, amor e autocontrole, ou a capacidade de dominar ou possuir seus próprios pensamentos e emoções. O contraste sugere os tons de significados dados a essas palavras. Dessa forma, o “poder” não se refere ao poder de realizar milagres, mas à coragem espiritual e moral.

Podemos até ser mais específicos que isso. O versículo 8 diz: “Portanto, não se envergonhe de testemunhar do Senhor, nem de mim, que sou prisioneiro dele”. Isso nos diz o que Paulo tinha em mente quando fala sobre timidez e poder. Ser tímido é ficar embaraçado em testificar sobre o Senhor Jesus, dizer às pessoas o que você sabe sobre ele, e o que elas precisam crer sobre ele. É ser muito receoso de dizer às pessoas quem ele é, o que veio fazer, e que embora tenha morrido, ele ressuscitou dentre os mortos, e que está agora vivo e detém todo poder, e julgará todos os homens.

Então, embora saibamos que somente Cristo mereça nosso culto e adoração, e que todos os seus ministros são apenas meros homens, Deus arranjou relações humanas entre o seu povo para que eles possam servir sua causa com sua força e talentos combinados, e um senso de solidariedade como companheiros que são servos de Cristo. Ser um covarde é ficar embaraçado demais para apoiar e se identificar com o povo de Deus, especialmente aqueles que são perseguidos por proclamar o evangelho de Jesus Cristo. É temer reconhecer nossa associação com os mestres da fé.

Os cristãos não têm nenhuma razão para ficar embaraçados. Não temos feito nada de errado em crer e pregar a Jesus Cristo. Nossa fé não nos torna inferiores, ou menos inteligentes ou éticos. De fato, é um insulto ao Senhor ficar embaraçado. Nossa fé está nele, não em nós mesmos. E nossa mensagem é sobre ele, não sobre nós mesmos. Jesus deveria se envergonhar dele mesmo? Ele deveria ficar embaraçado sobre o que disse e o que fez quando esteve sobre a Terra? Ele deveria pedir desculpar por sua posição e ministério atual? O que ele tem feito de errado?

Não, a fé cristã é o único sistema de crença verdadeiro e racional. Mesmo o zênite da inteligência e habilidade humana não podem se comparar a ela, visto que como a Escritura diz, até a loucura de Deus é mais sábia que a sabedoria humana, e a fraqueza de Deus é mais forte que a força do homem (1 Coríntios 1.25). Para o cristão, essa sabedoria da parte de Deus não é ilusória, mas nos foi dada mediante o evangelho (1 Coríntios 1.18-24), de forma que inclusive temos “a mente de Cristo” (1 Coríntios 2.16). Dessa forma, os não cristãos estão na posição inferior. Eles são os tolos e ímpios. Eles são aqueles que deveriam ficar embaraçados. E quando o Espírito de Deus usa nossa pregação para abrir os seus olhos, isso é o que acontece – eles se envergonham de si mesmos. O Espírito traz convicção aos seus corações, de forma que eles podem finalmente ver a si mesmos pelo que são.

Certo comentarista diz que o Espírito não transforma uma pessoa tímida numa personalidade poderosa, mas que ele nos dá o suficiente para cada situação. Besteira! O mesmo comentarista não diz que Deus nos dá apenas o amor suficiente para cada situação, que ele fará de cada crente nada mais que uma pessoa muito pouco amável. Paulo diz que Deus nos dá um espírito de poder! Ele deu a você um espírito diferente daquele com o qual você nasceu, e trocou sua timidez natural por coragem e força. Talvez a observação desse comentarista seja mais autobiográfica que expositiva.

O Senhor não é um Deus do suficiente, mas um Deus de abundância. Quando Jesus alimentou cinco mil pessoas com cinco pãezinhos, quantos cestos com pedaços de pães sobraram? E quando ele alimentou quatro mil pessoas com sete pãezinhos, quantos cestos com pedaços de pães sobraram? Ainda não entendeu?

8. SALVAÇÃO: UM RESGATE NECESSÁRIO

Deus... nos salvou e nos chamou com uma santa vocação... (2 Timóteo 1.9)

“Deus nos salvou e nos chamou com uma santa vocação” — que declaração sucinta e apropriada sobre o que significa ser cristão. A ideia de salvação é essencial. Alguns cristãos têm usado palavras como “salvo” e “salvação” com tanta frequência e descuido que esqueceram o que elas significam. Elas tornaram-se sons sem significado. Ou, se possuem algum significado, as palavras foram tão diluídas que “Você foi salvo?” é agora equivalente de “Você se inscreveu no torneio de golfe?”. É algo que é importante, mas ainda assim casual, sujeito à reflexão relaxada.

Salvação é uma palavra séria. Ela pressupõe perigo e desespero. Você não diz brandamente a um homem que se afoga, “Ei, por que você não sai da água?” ou “Você se importaria em se unir conosco para jantar, e termos um momento de comunhão?”. Não, salvação é resgate. Ela implica necessidade. Você precisa dessa salvação. Ela não é algo indiferente ou uma questão de preferência. Significa que uma pessoa permanecerá numa condição negativa ou sofrerá alguma consequência negativa se não for retirada da sua presente situação. Em nosso contexto, essa condição negativa é a culpa do homem perante Deus — isto é, não somente uma consciência culpada por ter feito algo errado, mas um veredito de culpado por estar errado e ter praticado o erro. A consequência negativa é a ira de Deus, que o homem sofrerá alienação e rejeição de Deus nesta vida, e o fogo sem fim do inferno na vida porvir. Deus salva algumas pessoas desse lugar, e as coloca numa esfera completamente diferente.

Em adição, a ideia de salvação dá crédito àquele que realiza o resgate; não àquele que foi resgatado. Assim, perguntar a alguém “Você foi salvo?” deveria ter uma conotação inteiramente diferente de “Você se filiou à igreja?”. Não é se você fez algo, mas se Deus fez algo por você e para você a fim de salvá-lo. Essa salvação que precisamos e que é realizada por Deus sempre caracteriza nosso relacionamento com ele, e deve permanecer na vanguarda da nossa teologia e pregação.

Ser salvo no sentido bíblico é ser resgatado de algo terrível e repulsivo — viver como um não cristão. Deus extrai algumas pessoas da vida não cristã e instá-las, não numa condição neutra ou numa mera imunidade da condenação, mas numa vida e destino superior. Não somos *salvos por* uma vida santa, mas *chamados a* uma vida santa. Dessa forma, os cristãos não são como os não cristãos, embora livres da condenação. Nós somos diferentes. Se somos cristãos verdadeiros e em crescimento, então somos um povo santo, um povo de discernimento e conhecimento, de amor e bondade, de fé e poder, e de verdade inflexível. Esse é um aspecto integral da nossa salvação, que Deus não somente nos salvou de algo, mas também nos chamou para algo. Um ministério do evangelho completo deve ensinar todas as ações e bênçãos de Deus na salvação.

Como cristãos, estamos familiarizados com a ideia que é Cristo quem adquiriu a salvação por nós mediante sua morte na cruz. Ele agiu em nosso favor, como nosso campeão e representante. E morreu em nosso lugar por nossos pecados, para que pudéssemos ser livres da condenação. Então, ele foi vindicado por sua ressurreição, e

assegurou para nós a justificação perante Deus. Todavia, somente aqueles que estão ligados a ele são salvos por ele, e esse vínculo ou relação com Cristo é manifesto em fé. A Escritura define essa fé em termos definidos e inflexíveis. Ter fé em Cristo é crer que ele morreu por meus pecados — não apenas *por causa dos* meus pecados, mas *para pagar pelos* meus pecados. Eu manifesto ser um cristão somente se tiver fé nesse sentido específico. Todos os cristãos concordam com isso, e aqueles que discordam não são cristãos. Eles não são salvos — permanecem debaixo do pecado e da condenação, e seu destino é o fogo eterno do inferno.

9. NÃO POR DECISÃO OU ESFORÇO DO HOMEM

Deus... nos salvou e nos chamou com uma santa vocação, não em virtude das nossas obras, mas por causa da sua própria determinação e graça. Esta graça nos foi dada em Cristo Jesus desde os tempos eternos... (2 Timóteo 1.9)

Cristo é aquele que salva, mas a Escritura ensina que nem toda pessoa é salva. Qual é a diferença entre aqueles que são salvos e aqueles que permanecem não salvos? Reformularemos a pergunta. A Bíblia ensina que somente aqueles que creem em Jesus Cristo, somente os cristãos, são salvos. Os não cristãos queimarão no inferno para sempre. Por que algumas pessoas se tornam cristãs, enquanto outras não? Qual é a diferença entre os homens, que alguns creem em Cristo, enquanto outros recusam crer nele?

Paulo diz que Deus nos salvou “não em virtude das nossas obras”, mas “por causa da sua própria determinação e graça”, e que essa graça foi dada “desde dos tempos eternos”. As referências a obras, ao propósito divino, à graça divina, e ao tempo, são altamente significativas. Paulo usa essas referências para indicar uma teologia definida sobre a questão, uma forma particular de pensamento. Principalmente, por essas expressões ele atribui tudo da salvação a fatores internos ao próprio Deus sem qualquer consideração de algo no homem. Estou enfatizando isso porque algumas vezes as pessoas pegam uma dessas referências e distorce-as para abrir espaço para teorias sobre a salvação que são alheias ou mesmo contrárias ao pensamento de Paulo. Contudo, quando deixamos de ignorar suas claras explanações, levando em conta o que o apóstolo diz, frequentemente dentro da mesma passagem, veremos que ele não deixa lugar para aberturas ou interpretações alternativas.

Em Romanos 9, ele oferece uma exposição comparativamente extensa sobre a doutrina da soberania de Deus na salvação. Os versículos 11-13 dizem: “Todavia, antes que os gêmeos nascessem ou fizessem qualquer coisa boa ou má — a fim de que o propósito de Deus conforme a eleição permanecesse, não por obras, mas por aquele que chama — foi dito a ela: ‘O mais velho servirá ao mais novo’. Como está escrito: ‘Amei Jacó, mas rejeitei Esaú’”. Observe as referências similares a obras, à propósito divino, e a tempo. Graça, e ideias relacionadas como misericórdia, aparecem logo após. Quando diz respeito a obras, Paulo nega que a salvação seja baseada em nossas obras. Aqui ela está combinada com as referências a tempo. Dessa forma, ele escreve que a questão foi determinada *antes* dos gêmeos nascerem e *antes* deles terem feito bem ou mal.

Eu mencionei aberturas acima, pois aqui é onde as pessoas tentam injetar suas teorias para evitar o claro ensino da Escritura. Eles dizem que é verdade que o destino dos gêmeos foi determinado antes deles nascerem e antes de terem feito algo, mas talvez essa determinação foi baseada em coisas que eles *iriam fazer*. Isto é, talvez Deus baseie sua decisão em seu conhecimento do futuro, do que os homens decidiriam e fariam.

Primeiro, mesmo que não haja nada na passagem para contradizer isso, nada é dito em suporte dessa teoria, de forma que ela não é nada mais que especulação sem

fundamento. Segundo, a passagem inteira de fato contradiz isso. As obras dos gêmeos são contrastadas com algo que é definido e explícito, a saber, o propósito e chamado de Deus. Ele escreve: “... antes que os gêmeos nascessem ou fizessem qualquer coisa boa ou má... a fim de que o *propósito de Deus* conforme a eleição permanecesse”, e “... não por obras, mas *por aquele que chama*”. O contraste não é entre obras passadas e obras futuras, mas entre obras humanas e propósito divino. Se não pelo fato que os homens são tendentes a pensar na salvação como sendo baseada em suas próprias obras, a simples afirmativa que a salvação é baseada no propósito de Deus seria suficiente para excluir todas as adições ou alternativas. Em outras palavras, negar que a salvação é baseada nas obras do homem é apenas uma aplicação da verdade que a salvação é baseada na decisão e graça soberanas de Deus.

Isso é confirmado por declarações explícitas que seguem imediatamente. O versículo 16 diz: “Portanto, isso não depende do desejo ou do esforço humano, mas da misericórdia de Deus”. Aqui ele separa sua referência ao homem do tempo passado, e declara abertamente que a salvação não depende do desejo ou esforço do homem. Não é que a salvação seja independente do desejo ou esforço passado do homem, deixando lugar para a salvação residir no desejo ou esforço *futuro* do homem, mas sim que ela é independente de qualquer desejo ou esforço no homem. Ela é baseada em alguém ou algo totalmente diferente, a saber, em Deus e na sua misericórdia.

O calvinismo popular ou a teologia reformada não é poupado por essa passagem. Ou para declarar a questão a partir de outra perspectiva, ele também tenta encontrar aberturas na Escritura a fim de afirmar suas próprias teorias e preferências. Essa tradição teológica geralmente afirma a eleição incondicional, em que Deus escolhe salvar alguém não por causa de algo bom nessa pessoa ou algo bom que a pessoa fará, mas frequentemente nega a reprobção incondicional. Contudo, Paulo coloca as duas coisas em pé de igualdade. Ele diz, “... antes que os gêmeos nascessem ou fizessem qualquer coisa boa *ou má*” — não “fizessem qualquer coisa”, ou “fizessem qualquer coisa boa”, mas “fizessem qualquer coisa boa *ou má*”.

Novamente, as referências a tempo não deixam lugar para obras futuras, mas têm a intenção de negar totalmente o papel das obras, quer boas *ou más*. Então, tendo negado o papel das obras, quer boas ou más, Deus escolhe amar Jacó e odiar Esaú. Assim como Deus escolhe quem salvar sem consideração de boas obras, quer passadas ou futuras, Deus escolhe quem condenar sem consideração de pecado, ou obras más, quer passadas ou futuras. Estamos dizendo que Deus envia alguns homens para o inferno que são justos ou moralmente neutros? Sem dúvida não — aqueles a quem ele escolheu condenar, ele também faz com que sejam injustos. O infralapsarianismo e a reprobção condicional são uma rejeição direta do ensino apostólico.

E novamente, esse ponto é explicitamente declarado mais tarde. O versículo 18 diz: “Portanto, Deus tem misericórdia de quem ele quer, e *endurece a quem ele quer*”. O versículo 21 usa uma imagem para estabelecer o mesmo ponto: “O oleiro não tem direito de fazer do *mesmo barro um vaso* para fins nobres e outro para uso desonroso?”. Ele não usa barro “bom” para fazer vasos nobres e barro “mau” para fazer vasos comuns. Ele usa o *mesmo* barro para fazer algumas pessoas boas, e algumas pessoas más.

Romanos 9 é uma passagem mais completa, mas Paulo pretende apresentar a mesma doutrina em 2 Timóteo. Quando ele diz que Deus nos salvou “não por causa de algo que *nós tenhamos feito*” (2Tm 1.9, NIV), ele não deixa lugar para algo que *nós faremos*. Essa é a forma como ele fala quando pretende excluir todas as obras humanas,

quer passadas ou futuras, e não somente isso, pois ele pretende excluir o papel do homem completamente. Essa é simplesmente sua forma de dizer que a salvação não é de forma alguma baseada sobre algo em nós. Ele não nega o papel das obras humanas na salvação apenas para atribuí-la a outra coisa no homem, ou a algo que o homem faça. Antes, ele atribui a salvação à “própria determinação e graça” de Deus. Uma pessoa é salva porque Deus a escolhe, e Deus a escolhe por razões que são internas ao próprio Deus.

10. A NATUREZA E PAPEL DA FÉ

Deus... nos salvou e nos chamou com uma santa vocação, não em virtude das nossas obras, mas por causa da sua própria determinação e graça. Esta graça nos foi dada em Cristo Jesus desde os tempos eternos... (2 Timóteo 1.9)

A doutrina que é Deus e somente Deus quem salva se estende à natureza e papel da fé na salvação. Os cristãos estão acostumados à ideia que somos “salvos pela fé”, mas nem sempre é claro para eles o que isso significa. Paulo coloca a fé em contraste com as obras em suas exposições sobre a salvação. Contudo, as ideias simples de fé e obras são apenas abreviações de visões mais completas sobre o assunto. O apóstolo se opõe à visão que diz “Eu salvo a mim mesmo por minhas obras”, mas ele não substitui isso por “Eu salvo a mim mesmo por minha fé”! Todavia, alguns cristãos falam e pregam como se essa fosse a doutrina apostólica, que não nos salvamos pelas obras, mas nos salvamos pela fé. Quando os cristãos esquecem que a salvação pela fé é posta como um contraste contra a salvação pelas obras, eles tendem a colocar o foco sobre a fé *como tal* como o caminho ou o meio para a salvação. Mas a fé em si não pode salvar. Fé é um termo relacional — você crê em algo. É esse “algo” que salva você. Fé é somente um termo descritivo para a relação.

Isso é essencial porque Paulo não diz que Deus te salva porque você colocou sua fé nele. De fato, isso seria verdadeiro a partir de uma perspectiva — depende do que “porque” significa — mas Paulo está considerando o cerne da questão. Ele diz que Deus te salva por causa do seu propósito e graça. Isto é, ele te salva por causa da sua própria razão e bondade. Se é assim, então pelo menos quando falando neste nível, não podemos dizer que Deus te salva por causa de sua fé, visto que sua fé não é o mesmo que o propósito dele, e sua fé não é a graça dele. E se Deus não te salva por causa de sua fé, então ele não te salva por causa de fé prevista. Deus não te escolheu para salvação porque ele sabia de antemão que você creria em Cristo. Antes, ele te escolheu por causa do propósito dele, à parte da sua fé.

Estamos prontos para abordar um defeito generalizado no entendimento da salvação pela fé. Muitos cristãos falham em definir fé de tal forma a distingui-la das obras de forma significativa. Eles reconhecem que somos salvos pela fé, não pelas obras. Contudo, fé, ou crer, é algo que fazemos, ou não? Eles respondem que a fé não é uma ação que produz mérito para conquistar a salvação; antes, o crente é como uma pessoa que estende sua mão para aceitar um presente, não conquistado, mas dado gratuitamente por outra pessoa.

Há pelo menos dois problemas com isso. Primeiro, é arbitrário insistir que essa ação não é meritória ou pelo menos uma bondade moral, especialmente quando a Bíblia chama a incredulidade de pecaminosa. A fé é de fato uma bondade moral. Segundo, isso não pode explicar o porquê uma pessoa crê enquanto outra não. Deve haver alguma diferença entre as duas pessoas. Visto que é moralmente bom crer em Cristo, e visto que é moralmente mau rejeitar a Cristo, se a fé é como um homem que estende uma mão para aceitar algo, então a diferença entre as duas pessoas deve incluir uma dimensão moral também. Em outras palavras, sob essa visão, uma pessoa que aceita a Cristo o faz

porque ela já é uma pessoa melhor que aquela que rejeita a Cristo mesmo *antes* de realmente aceitar a Cristo. Os cristãos são pessoas melhores que os não cristãos *antes* de se tornarem cristãos. Contudo, Paulo chama a si mesmo de o pior dos pecadores.

A Escritura define fé de uma forma diferente. Paulo diz que a própria fé é um dom (Efésios 2.8). E se a própria fé é um dom, o que é a mão que recebe a fé? A analogia da mão é inexata e inútil, mas se formos mantê-la por causa da ilustração, então ela deve ser drasticamente modificada. Visto que a própria fé é um dom, então a salvação não pode consistir em Deus estender o dom da justiça para nós enquanto esticamos a mão da fé para tomá-lo. Antes, não começamos com nenhuma mão, mas Deus cria uma mão onde não existia nenhuma antes. Então, ele chega, toma a nossa mão e a puxa, e coloca o dom da justiça na mão que ele criou, e após isso ele empurra a mão de volta para o nosso lado. Ela é “nossa” mão somente no sentido que está ligada a nós, mas ela é um dom e uma criação de Deus, e sujeita ao seu controle. É somente nesse sentido que Deus nos salva “por causa” da nossa fé, isto é, no sentido que fé é parte da *sua obra* de salvação em nós e que fé é parte do processo pelo qual *ele* nos *salva*. Dessa forma, permanece o fato que ele nos salva por causa dele mesmo. É mais preciso dizer que temos fé porque ele nos salva, e não que ele nos salva por causa da nossa fé.

Não somos salvos pela fé *como tal*, ou pela *própria* fé; antes, somos salvos *por Cristo* somente, e *ele* nos *salva* dando-nos fé. Fé é nossa consciência de sua operação em nós quando ele estabelece uma relação espiritual conosco. É correto dizer que somos salvos pela fé, conquanto percebamos que isso é uma forma resumida de dizer que é Cristo quem nos salva dando-nos fé, e a questão é posta dessa forma para fazer um contraste contra a visão que somos nós quem salvamos a nós mesmos por nossas obras, ou que Deus concede salvação a alguns e não a outros sobre a base das nossas obras. O dom da justiça é dado aos escolhidos por meio do dom da fé. Se você tem fé, é porque é o propósito de Deus que você tenha fé. Se você crê em Jesus Cristo, é porque Deus decidiu, à parte de algo em você ou sobre você, que você creria em Jesus Cristo. A salvação é totalmente uma obra de Deus, de forma que não existe nenhum lugar para nos orgulharmos, nem mesmo pelo fato de termos fé.

11. O EVANGELHO TRAZ A GRAÇA À LUZ

... sendo agora revelada pela manifestação de nosso Salvador, Cristo Jesus. Ele tornou inoperante a morte e trouxe à luz a vida e a imortalidade por meio do evangelho. Deste evangelho fui constituído pregador, apóstolo e mestre. Por essa causa também sofro, mas não me envergonho, porque sei em quem tenho crido e estou bem certo de que ele é poderoso para guardar o que lhe confiei até aquele dia. (2 Timóteo 1.10-12)

Antes da criação do universo, Deus decidiu que glorificaria a si mesmo pela demonstração de sua misericórdia e de sua ira. Para realizar isso, ele criaria alguns homens para salvação e alguns para condenação. A fim de que aqueles escolhidos para salvação necessitassem de salvação, ele mergulhou a humanidade no pecado através de Adão. A promessa de salvação foi imediatamente anunciada numa forma simplificada, declarando apenas que Satanás seria derrotado por aquele nascido da mulher. Por toda a história do Antigo Testamento, e principalmente por meio dos profetas, ele revelaria mais e mais detalhes sobre essa promessa e esse que nasceria da mulher. É por acreditar nessa promessa e aguardar pelo Salvador prometido que homens e mulheres foram salvos mesmo antes da vinda de Jesus Cristo.

A substância e cumprimento da promessa apareceu quando Jesus Cristo nasceu da virgem Maria. Um entendimento pleno dessa salvação é então “trazido à luz” (NIV) por meio do evangelho — isto é, a mensagem do evangelho, ou o sistema cristão de doutrinas, e a pregação e propagação dessa religião. A aparição histórica de Jesus Cristo foi o cumprimento da promessa de salvação, e o que chamamos de o “evangelho” é a mensagem que fala sobre essa salvação. Para espalhar esse evangelho por todo o mundo e ao longo dos séculos, Deus chama todos os crentes e especialmente ministros escolhidos em cada geração para publicá-la de várias formas, quer por falar ou escrita.

Paulo foi chamado para ser um “pregador, apóstolo e mestre” desse evangelho. A natureza do evangelho é fixa e bem definida, e a obra dos seus ministros reflete o que ele é. Paulo não “transmite” Jesus Cristo. Ele não é um artista que “encena” o caminho da salvação. Ele não pode colocar o evangelho em músicas ou pinturas. Não, ele é um anunciador, uma testemunha com autoridade, e um professor da informação intelectual que Deus revelou aos homens, com foco especial sobre os fatos com respeito à salvação em Jesus Cristo. O evangelho é uma mensagem clara e definida, comunicada em palavras e entendida pela mente. Não é um sentimento ou intuição nebulosa, mas um sistema de doutrinas, de afirmações ou explicações sobre fatos importantes.

A maioria dos homens são cheios de pecado e ira para com Deus. Assim, quando uma pessoa chega com uma mensagem clara e definida sobre Deus, a justiça, salvação e julgamento, ele encontrará oposição. Essa é uma mensagem que desperta os eleitos à fé e santidade, mas incita os réprobos à ira e ódio. Como Paulo escreve, “por essa causa também sofro”. É porque ele é um pregador e mestre do evangelho. Mas ele diz, “mas não me envergonho”. Ele era considerado como um criminoso, e preso como um, mas não se envergonha. Ele não tinha feito nada de errado, e não tinha dito nada errado. Ele sabe que tinha acreditado na verdade, e que pregava a verdade. E Deus vindicará a sua mensagem e o seu povo no tempo devido.

12. PADRÃO PARA A PREGAÇÃO

Retenha, com fé e amor em Cristo Jesus, o modelo da sã doutrina que você ouviu de mim. Quanto ao que lhe foi confiado, guarde-o por meio do Espírito Santo que habita em nós. (2 Timóteo 1.13-14)

Paulo tinha estabelecido um “modelo da sã doutrina”¹ para Timóteo seguir. Visto que esse padrão é autoritativo por proceder da inspiração do Espírito Santo, o que podemos dizer com respeito a ele também se aplica aos ensinamentos dos profetas e dos apóstolos, visto que eles também ensinaram por inspiração divina.

A Bíblia fornece um padrão ou modelo de sã doutrina. Ela diz a todos os crentes e especialmente aos ministros para *pregar* a palavra. Por definição, a pregação da Escritura é distinta da própria Escritura. Portanto, pregar a mensagem da Bíblia não é o mesmo que citar a Bíblia, e pregar um sermão não é apenas ler a Bíblia para uma audiência. Um sermão não é um arranjo de citações da Escritura; antes, o pregador produz a mensagem sobre a base do que ele aprendeu da Escritura. A comunicação fiel do evangelho não consiste de uma repetição *verbatim* da Bíblia, pois se esse fosse o caso, mesmo conversações ordinárias sobre as coisas de Deus seriam eliminadas.

A ideia bíblica de pregação deixa certa liberdade de variação em termos de expressão, ênfase e coisas semelhantes. Não existe nenhuma base bíblica para fazer do chamado método expositivo de pregação uma *prescrição* para o que deveria ser um sermão, embora ele represente o que um sermão poderia ser, precisamente devido à liberdade que a Escritura concede nessa área. Todas as tentativas de estabelecer um caso bíblico em favor do método expositivo que examinei inferem muito mais dos textos da Escritura do que eles realmente dizem.

Além disso, juntamente com essas tentativas, uma razão dada pela qual esse método é preferido é que ele é a melhor forma de permanecer fiel à Escritura em nossa pregação. Isso é aceitável como uma opinião, e é de fato uma forma de permanecer fiel à Escritura. Contudo, se usar o método expositivo torna-se uma regra quanto ao que um sermão *deve ser*, e que outras formas são inferiores ou mesmo erradas, então essa preferência pelo método expositivo tornou-se uma tradição humana antibíblica. Os fariseus também adicionaram regras humanas à palavra de Deus e alegavam que elas eram úteis ou mesmo necessárias, mas Jesus disse que elas tinham o efeito oposto. É verdade que algumas formas de sermão são de fato inferiores e errôneas, mas elas fracassam por seus próprios defeitos, e não por serem diferentes do método expositivo.

Outras razões têm sido promovidas para recomendar o método expositivo. Por exemplo, é dito que sermões expositivos, e especialmente exposições de livros bíblicos inteiros, expõe os ouvintes diretamente a passagens completas da Escritura no contexto apropriado, e dessa forma aumenta a familiaridade deles com a Bíblia, e capacita-os a conhecer e compreendê-la melhor. Esse é um benefício prático, e o pregador poderia preferir o método por causa disso. Contudo, isso ainda não requer que ele use o método. É de fato responsabilidade do pregador aumentar a familiaridade com a Escritura em seus ouvintes, mas nada na própria Escritura requer que ele o faça dessa forma.

¹ “Modelo de sã ensino”, na versão NIV, utilizada pelo autor. [Nota do tradutor]

O pregador não deve se prender a opiniões e tradições de homens, não importa quão bem intencionadas sejam elas. Se ele usa o método expositivo, é porque ele prefere este por suas próprias razões e baseado em seu próprio julgamento ao pensar que pode cumprir melhor o seu ministério com ele, e não porque é pressionado a fazê-lo. E se ele não pode seguir ou descobrir um método que lhe seja adequado e que siga o padrão da sã doutrina, então ele nem mesmo deveria ser um pregador.

Dessa forma, a Bíblia fornece um padrão ou modelo de sã doutrina, e isso deixa lugar para certa liberdade de variação no método e expressão. Dito isso, o padrão é muito mais que um esboço. É muito mais que um esqueleto – os detalhes sendo preenchidos. Ele é um padrão altamente desenvolvido e um modelo plenamente suficiente. Portanto, embora permita certa medida de fluidez na apresentação, e embora seja adaptável a todos os tipos de conversações, não há espaço para variação, adição ou subtração em sua substância. Isto é, seguir o padrão bíblico de sã doutrina é conformar-se exatamente às suas ideias. Há flexibilidade somente na apresentação.

Para ilustrar. Pedro disse: “Não há salvação em nenhum outro, pois, debaixo do céu não há nenhum outro nome dado aos homens pelo qual devamos ser salvos” (Atos 4.12). Podemos comunicar essa ideia citando o versículo, mas é aceitável também dizer: “A Bíblia ensina que Jesus Cristo é o único caminho para a salvação”. E permanecemos fiéis ao padrão que esse versículo estabeleceu quando afirmamos: “Maomé não pode te salvar. Buda não pode te salvar. Maria não pode te salvar. Somente Jesus Cristo pode te salvar da condenação eterna”. Essas declarações não são encontradas na Escritura, mas se conformam às ideias exatas da Escritura, e não adicionam ou subtraem a substância do que a Escritura ensina.

Visto que a pregação envolve nossa própria expressão de ideias bíblicas, é ainda mais importante que aprendamos essas ideias com precisão, e que cuidemos para preservá-las e promovê-las sem contaminação, guardando-as com vigilância zelosa. Se a pregação é mera leitura da Bíblia ou se envolve apenas exegese rígida, então até mesmo não cristãos podem realizá-la. O que a Bíblia diz sobre as qualificações do ministro não fariam sentido então. Contudo, a qualidade da pregação de fato depende da qualidade do pregador, e isso é verdade porque pregar o evangelho não é apenas ler a Bíblia, mas digerir suas ideias e então transmitir e aplicá-las de uma forma que seja moldada pela formação, personalidade e competência do pregador, bem como pela audiência e a situação a qual ele se dirige. Na pregação, a Escritura não é simplesmente lida, mas “manejada” (2 Timóteo 2.15). Suas ideias são processadas, organizadas, reformuladas e aplicadas pelo pregador. E esse é o motivo pelo qual o pregador deve constantemente se purificar e se esforçar para crescer.

Algumas instruções sobre homilética sugerem que a melhor pregação ocorre quando o ministro sai do caminho o máximo possível e permite que a Bíblia “fale por si mesma”. O método expositivo é então recomendado. Mas a melhor forma de alcançar esse efeito é fazer o ministro ler a Bíblia à sua audiência sem nenhum comentário. Isso, contudo, é ler e não pregar. A Bíblia ordena que preguemos. O ministro deve fazer contribuições decisivas para a forma e conteúdo do seu sermão. Pregador não é sair do caminho, mas sim estar bastante nele.

Nesse sentido, pregar não é deixar a Bíblia falar por si mesma, mas falar por ela. Muitos cristãos se sentem desconfortáveis com isso, mas na extensão em que nossa definição de pregação enfraquecer o papel humano, nessa mesma extensão ela também destrói a própria pregação, e também reduz a nossa responsabilidade na questão. Talvez esse seja o motivo pelo qual muitas pessoas favorecem tal definição em nome de

permitir que a Bíblia fale por si mesma: faz-nos sentir como campeões da ortodoxia sem ter que assumir a responsabilidade.

13. LEALDADE A HOMENS

Você sabe que todos os da província da Ásia me abandonaram, inclusive Fígelo e Hermógenes.

O Senhor conceda misericórdia à casa de Onesíforo, porque muitas vezes ele me reanimou e não se envergonhou por eu estar preso; ao contrário, quando chegou a Roma, procurou-me diligentemente até me encontrar. Conceda-lhe o Senhor que, naquele dia, encontre misericórdia da parte do Senhor! Você sabe muito bem quantos serviços ele me prestou em Éfeso. (2 Timóteo 1.15-18)

Paulo tinha se tornado um para-raios, um ponto focal para críticas e perseguições, e o governo o tratou como um criminoso. Muitas pessoas tinham o abandonado. Não sabemos quantos desses o abandonaram por temerem estar associados com ele, como quando Pedro negou que conhecia até mesmo Jesus, e quantos desses repudiaram também as doutrinas que ele ensinava. Sabemos que houve deserções do evangelho e que havia mestres de doutrinas estranhas. Assim, se podemos fazer a distinção, algumas pessoas abandonaram não somente o homem, mas também a religião que ele pregava.

A Escritura condena a adulação de homens. É obviamente inaceitável fazer de um mero homem algum tipo de deus. E o respeito que temos para com ministros do evangelho não deve ser o tipo que divide os cristãos em seitas, identificando-nos com pessoas. Paulo repreende os coríntios por formação de panelinhas baseadas em lealdade a Pedro, Paulo, Apolo e assim por diante. Os coríntios poderiam se considerar modernos por sua erudição religiosa e personalidades, e cada grupo poderia se congratular por seu discernimento e bom gosto, mas o apóstolo considera isso como uma forma não espiritual de pensar.

Contudo, embora nossa lealdade direta e última seja oferecida a Deus somente, existe uma lealdade legítima aos representantes humanos do evangelho. Deus mesmo frequentemente arranja relacionamentos humanos para nós, os quais ele nos ensina cultivar, e nos quais devemos aplicar os princípios bíblicos de amor e fidelidade. Dessa forma, não é errado, mas sim até mesmo obrigatório, exibir uma lealdade relativa aos homens por causa de Cristo. Como Jesus diz: “Quem recebe vocês, recebe a mim; e quem me recebe, recebe aquele que me enviou. Quem recebe um profeta, porque ele é profeta, receberá a recompensa de profeta, e quem recebe um justo, porque ele é justo, receberá a recompensa de justo. E se alguém der mesmo que seja apenas um copo de água fria a um destes pequeninos, porque ele é meu discípulo, eu lhes asseguro que não perderá a sua recompensa” (Mateus 10.40-42).

Onesíforo receberá certamente a sua recompensa “naquele dia”. Enquanto outras pessoas, incluindo aquelas que alegam ser cristãs, ficaram temerosas e embaraçadas de serem associadas com um prisioneiro, ele “procurou diligentemente” por Paulo até que o encontrou. Ele fez isso por Paulo o homem como um amigo, mas o fez por causa de Cristo, como um cristão e para um cristão. Como Jesus disse em outro lugar, “... estive preso, e vocês me visitaram... Digo-lhes a verdade: O que vocês fizeram a algum dos meus menores irmãos, a mim o fizeram” (Mateus 25.36-40). Você não pode julgar um

homem baseado em suas circunstâncias. Suponha que você conheça em primeira mão a boa doutrina e o caráter de um homem, mas agora ele caiu em desfavor. O que você irá fazer?

As cartas de Paulo a Timóteo também incluem princípios que se aplicam a todos os cristãos, mas ele também aborda situações que pertencem especialmente a ministros do evangelho. Embora gostaríamos de pensar melhor sobre as pessoas, o fato é que muitas pessoas são fracas e instáveis. Um ministro não pode colocar muita confiança em seus mantenedores, especialmente se eles nunca foram testados pela pressão. Uns poucos homens poderiam se provar fiéis em face da opinião pública negativa e mesmo de sério perigo. Tais homens são confiáveis e deve ser confiado a eles a tarefa de transmitir e continuar a fé cristã. Sem dúvida, não é que tiraremos o ensino do evangelho das mãos de homens inconfiáveis, mas devemos deliberadamente descobrir aqueles que são confiáveis e estabelecê-los no ministério, de forma que a religião cristã possa avançar nesta geração, e possa continuar nas gerações futuras.

Deus confia a obra do evangelho a homens, mas isso não significa que ele necessite do serviço deles. Comentando sobre uma passagem anterior, William Barclay escreve: “A ideia da dependência de homens por Deus nunca está longe do pensamento do Novo Testamento. Quando Deus quer algo, ele tem que encontrar um homem para realizar isso... ele tem que encontrar algum instrumento para fazer a sua obra”. Essa é uma doutrina demoníaca. Ao invés de algo que “nunca está longe” do pensamento do Novo Testamento, essa opinião está em contradição direta ao ensino explícito do Novo Testamento sobre Deus. Como Paulo diz: “Ele não é servido por mãos de homens, como se necessitasse de algo, porque ele mesmo dá a todos a vida, o fôlego e as demais coisas” (Atos 17.25).

É um ataque à natureza de Deus alegar que ele depende de suas criaturas para algo. Mesmo num nível humano, um pai pode dizer ao filho para realizar certas tarefas ao redor de casa, como tirar o lixo, mas isso não significa que ele seja dependente do seu filho para realizá-las. Ele mesmo pode realizá-las, e provavelmente faria um trabalho muito melhor. De fato, seu filho pode algumas vezes realizar uma bagunça, e o pai pode precisar vir limpar ou consertar o problema. Você pergunta: por que então ele manda o seu filho fazer as tarefas? Se você é um pai e não sabe a resposta para isso, você provavelmente deveria levar o lixo para fora até descobrir. E pense sobre o que discutimos anteriormente sobre o “drama” da redenção.

14. UM SISTEMA INTELLECTUAL PÚBLICO

Portanto, você, meu filho, fortifique-se na graça que há em Cristo Jesus. E as palavras que me ouviu dizer na presença de muitas testemunhas, confie-as a homens fiéis que sejam também capazes de ensinar outros. (2 Timóteo 2.1-2)

Muitos homens são instáveis quando diz respeito à doutrina e lealdade humana legítima. Uns poucos homens, por causa de seu amor e fidelidade a Jesus Cristo, permanecem fiéis até ao fim em sua doutrina e lealdade ao povo de Deus, especialmente aos seus ministros. Em conexão com isso, Paulo insta Timóteo para que se “fortifique na graça que há em Cristo Jesus”. Isso é o que produz o caráter incomum de lealdade corajosa. A força interior que distingue grandes homens de perdedores egoístas não é nossa disposição natural, nem nossa resolução ou força de vontade humana, nem educação secular e propaganda, mas o poder de Jesus Cristo operando em nós.

Todos os cristãos devem, pela graça de Cristo, ser fortes em favor do evangelho, mas isso é especialmente verdadeiro para os ministros, pois eles devem fazer a mesmíssima coisa que colocou Paulo em problemas. Ele escreve: “E as palavras que me ouviu dizer na presença de muitas testemunhas, confie-as a homens fiéis que sejam também capazes de ensinar outros”. O que são as “coisas” que Timóteo ouviu Paulo “dizer”, que “muitas testemunhas” também sabiam, e que homens fiéis podiam “ensinar a outros”? Elas são palavras, sentenças, proposições, ideias e doutrinas expressas, faladas de uma maneira pública, e numa forma que pode ser entendida e transmitida pelo mesmo método, isto é, falando e escrevendo palavras. Isso é de importância suprema para o correto entendimento e cumprimento do ministério, pois define a natureza e método da sua obra. A tarefa de um ministro não pertence primeiramente à política, economia, e tais aspectos da vida, mas é primária e diretamente intelectual. Isso não significa que seja acadêmica, mas que pertence à mente ou espírito.

Sem dúvida, um exemplo piedoso é importante. Paulo menciona seu próprio exemplo e instrui Timóteo a apresentar um bom exemplo diante dos outros, e insiste que os bispos devem estar acima de reprovação em seu comportamento e estilo de vida. Mas palavras e doutrinas são infinitamente mais importantes que ações. Primeiro, sem doutrinas, nem mesmo podemos dizer quais ações são recomendáveis e quais são condenáveis. Ações boas e más são distinguidas por doutrinas. Ações não falam mais alto que palavras, pois elas não falam de forma alguma. Elas são interpretadas por palavras e doutrinas. Se elas falam de alguma forma, é porque as palavras falam por elas. Segundo, ações não são o que os ministros do evangelho declaram ao mundo e confiam a homens fiéis. Quando diz respeito a perpetuar o poder para salvar e santificar, nós passamos palavras e doutrinas, não ações e exemplos, pois somente o evangelho pode salvar, e o evangelho é uma mensagem intelectual sobre Deus, o homem e Jesus Cristo, expressa em palavras escritas e faladas.

Um exemplo piedoso é importante, mas sua importância é frequentemente má compreendida e exagerada. Ele não contribui diretamente para a propagação do evangelho. Antes, apresentamos um exemplo piedoso perante o mundo e a igreja porque mediante isso honramos a Deus, de forma que deveríamos viver vidas piedosas quando ninguém está nos observando, e por ela *ilustramos* (não declaramos, visto que as ações

em si são silentes e sem significado) o evangelho que pregamos. Muitas pessoas tropeçam quando testemunham hipocrisia e ouvem sobre escândalos entre os cristãos. Isso é irracional, visto que o fracasso dos cristãos não tem nenhuma influência direta sobre se a fé cristã é verdadeira ou não. Todavia, os cristãos devem apresentar bons exemplos para que esse povo irracional não tropece por causa das nossas falhas. Essa é outra razão importante para apresentar um bom exemplo, e viver vidas piedosas de acordo com os mandamentos de Deus.

As palavras que Timóteo recebeu de Paulo poderiam ser confiadas a homens fiéis, e esses homens podem por sua vez “ensinar” outros. Isto é, Timóteo tinha sido ensinado por Paulo, mas para passar adiante os ensinamentos de Paulo, era desnecessário passar a pessoa de Paulo a outros. Passar as coisas que ele disse — suas palavras, ideias, proposições, doutrinas — é passar os ensinamentos de Paulo. Os mesmos ensinamentos podem então ser passados pelo mesmo método. A fé cristã é ensinada, não capturada, e é ensinada pelo uso de palavras.

Timóteo foi ensinado por Paulo principalmente no sentido que Paulo falou-lhe palavras sobre ideias e doutrinas cristãs. É um erro comum exagerar a diferença entre ser ensinado por alguém em pessoa e ser ensinado por alguém por suas palavras. Supõe-se que a proximidade física de uma pessoa transmite algo que é de outra forma inalcançável. Isso é antibíblico e irracional. Jesus diz: “As palavras que eu lhes disse são espírito e vida” (João 6.33). Ele diz a Filipe que alguém que o viu viu o Pai, e explica: “As palavras que eu lhes digo não são apenas minhas. Ao contrário, o Pai, que vive em mim, está realizando a sua obra” (João 14.9-10). As palavras de uma pessoa são suficientes para representar a pessoa.

Dessa forma, receber palavras de Paulo é ser ensinado pelo próprio Paulo. Essa simples percepção carrega implicações poderosas para nós. Isso é verdade porque nós também temos as palavras de Paulo. Temos muitas de suas cartas, e alguns de seus discursos estão registrados em Atos dos Apóstolos. Temos também muitas palavras dos profetas e de outros apóstolos, e temos até mesmo palavras do Senhor Jesus. Assim como ler as palavras de Paulo é ser ensinado por Paulo, ler as palavras de Jesus é ser ensinado por Jesus. Isso significa que não temos um Cristianismo inferior simplesmente porque os apóstolos já morreram e porque Jesus Cristo não está entre nós no sentido físico e corporal. Eles nos deixaram suas palavras, e isso significa que eles ainda estão aqui para nos ensinar.

Quando menciono que temos as palavras de Paulo e até mesmo as palavras de Jesus, não quero dizer que temos algo essencialmente superior no último caso. Em termos de autoridade e valor, não existe nenhuma diferença essencial entre palavras divinamente inspiradas de Paulo e as palavras de Jesus. Alguns cristãos tendem a pensar que as palavras de Jesus na Bíblia carregam autoridade especial, acima até mesmo daquelas dos profetas e apóstolos. Contudo, longe de expressar reverência para com a pessoa de Deus, essa posição equivale a um ataque contra o Espírito Santo. Paulo declara que o próprio Jesus ensinou-lhe suas doutrinas (Gálatas 1.11-12), e que o próprio Espírito Santo ensinou-lhe que palavras usar (1 Coríntios 2.13). O mesmo se aplica a todos os outros apóstolos, visto que Jesus disse-lhes: “Tudo o que pertence ao Pai é meu. Por isso eu disse que o Espírito receberá do que é meu e o tornará conhecido a vocês” (João 16.15).

As palavras de Jesus e dos apóstolos são as palavras de Deus, e fazer as palavras de um superiores a dos outros é fazer Deus superior a si mesmo, o que é impossível. E dizer que as palavras dos apóstolos são inferiores às palavras de Jesus é insultar a obra

do Espírito nos apóstolos, o que é blasfêmia. Devemos estender o mesmo princípio a todos os profetas, visto que eles “falaram da parte de Deus, impelidos pelo Espírito Santo” (2 Pedro 1.21). Eles declararam as próprias palavras de Deus, dizendo: “Assim diz o Senhor”. E Paulo declara que “toda a Escritura é inspirada por Deus” (2 Timóteo 3.16), isto é, como palavras faladas pela própria boca e fôlego de Deus. Portanto, toda a Bíblia consiste das palavras de Deus. Visto que ler as palavras de uma pessoa é ser ensinado por essa pessoa, ao ler a Bíblia, podemos todos ser ensinados por Deus.

Isso é boas novas. Pessoas não podem ser transmitidas. Exemplos não podem ser transmitidos. Mas palavras podem facilmente ser transmitidas com tranquilidade e precisão. E ao pregar as palavras, ideias e doutrinas da Bíblia, apresentamos a própria voz de Deus ao mundo e à igreja. A tarefa principal do ministro é passar essas palavras de Deus e esperar que o Espírito Santo use-as para afetar o povo da forma que ele desejar. Ele usa as palavras de Deus para despertar, converter e santificar aqueles criados e escolhidos para a salvação. E ele usa as mesmas palavras para cegar, irritar e endurecer aqueles criados e escolhidos para a condenação.

15. COMPARTILHANDO O SOFRIMENTO

Suporte comigo os meus sofrimentos, como bom soldado de Cristo Jesus. Nenhum soldado se deixa envolver pelos negócios da vida civil, já que deseja agradar aquele que o alistou. Semelhantemente, nenhum atleta é coroado como vencedor, se não competir de acordo com as regras. O lavrador que trabalha arduamente deve ser o primeiro a participar dos frutos da colheita. Reflita no que estou dizendo, pois o Senhor lhe dará entendimento em tudo. (2 Timóteo 2.3-7)

Deus preordenou a salvação de alguns indivíduos e decidiu que mostraria sua graça a eles. Essa salvação foi prometida e descrita por meio de todos os documentos do Antigo Testamento pelos profetas. Então, no tempo determinado por Deus, essa graça apareceu na pessoa de Jesus Cristo, que sofreu a penalidade do pecado em si mesmo por causa desses escolhidos, e morreu, e que ressuscitou dentre os mortos para sua própria glória e vindicação, e para a justificação desses mesmos indivíduos. Essa salvação foi pregada e crida antes da aparição de Cristo, e aqueles no passado foram salvos confiando na promessa divina de salvação que haveria de chegar.

Nesse sentido, o evangelho foi pregado até mesmo nos primeiros dias da história humana. Deus mesmo o pregou a Adão e Eva, e a Satanás como uma testemunha contra ele. E em sua carta aos gálatas, Paulo diz que Deus pregou esse mesmo evangelho a Abraão. Essa mensagem não é mais uma promessa, mas foi cumprida na pessoa de Jesus Cristo de uma forma definida e conclusiva. Agora pregamos a Jesus Cristo crucificado — não que ele será, mas que ele já foi crucificado — e ressurreto dentre os mortos. A salvação apareceu nele, e é agora explicada e propagada pela mensagem do evangelho. Embora todos os cristãos devam se engajar nesse esforço, e o poder do Espírito Santo esteja disponível a todos eles, Deus chama alguns indivíduos para dedicar suas vidas a essa tarefa e concede-lhes habilidades especiais para realizar a obra com excelência e eficácia. Paulo foi designado “pregador e apóstolo, mestre” (1Tm 2.7) do evangelho.

Esse evangelho é pregado a pecadores. Por sua própria natureza, eles são idiotas e rebeldes espirituais que não conhecem a verdade e que resistem à verdade quando esta é apresentada a eles. Os cristãos devem sempre dizer aos não cristãos que eles estão errados, que eles estão errados em seu pensamento e em seu comportamento. Se um cristão não diz isso, então ele não está falando sobre salvação, visto que não explica o porquê o não cristão precisa de resgate. Mas pecadores não gostam de ouvir que estão errados. Eles estão cheios de rebelião e não querem mudar. A menos que Deus aja em suas mentes para alterar suas disposições interiores, eles persistirão nessa rebelião, e reagirão com incredulidade e malícia.

Por essa razão, o ministério é difícil e perigoso. Quando o cristão prega o evangelho aos não cristãos, ele está apresentando algo que é obviamente verdadeiro, mas está apresentando isso a pessoas muito tolas e obstinadas. Elas são tão entorpecidas e ímpias que a verdade do evangelho não lhes afeta. Todavia, elas percebem o suficiente para entender que essa verdade é algo que eles não gostam, e algumas vezes reagem com agressão e até mesmo violência. O próprio Paulo foi preso como um criminoso por ter pregado o evangelho.

Ora, a obra do pregador é declarar o evangelho. Ele deve declará-lo a todos os homens, e ensinar-lhes as doutrinas da religião cristã. E ele deve também treinar outros para realizar a mesma obra. Assim, Paulo diz a Timóteo: “E as palavras que me ouviu dizer... confie-as a homens fiéis que sejam também capazes de ensinar outros”. Ele está dizendo para Timóteo fazer a mesma coisa que o colocou em problemas, e além disso, treinar mais pessoas para fazer essa mesma coisa.

Devia ser esperando, então, que Timóteo e aqueles treinados por ele enfrentariam problemas também. Assim, Paulo continua: “Suporte comigo os meus sofrimentos, como bom soldado de Cristo Jesus”. Ele está ciente que a obra que manda Timóteo realizar provavelmente o colocará no mesmo tipo de problema que é seu enquanto escreve esta carta. Paulo ama Timóteo ternamente, mas em vez de mandá-lo tomar outro caminho, ele insta para que Timóteo compartilhe do sofrimento que é comum àqueles que são chamados para pregar a verdade sobre Jesus Cristo.

Ele usa três analogias para ilustrar o seu ponto: o soldado, o atleta e o lavrador. Ele as usou em outro lugar, mas como as mesmas analogias podem servir para ilustrar diferentes pontos em vários contextos, ele as usa com uma ênfase particular aqui. Um soldado pode ter uma família e outras coisas associadas com uma vida normal, mas o fato permanece que ele não está envolvido nos negócios civis. Sua obra é mais que um hobby ou mesmo carreira. É uma modo de vida. Em geral, sua vida é sobre essa uma coisa, e ela controlará outros aspectos de sua vida. Um atleta é caracterizado pela autodisciplina. Ele é dedicado ao treinamento. Mesmo quando está fazendo outras coisas, essa uma coisa o governa, e controla até mesmo seu sono e hábitos alimentícios. Ele pode sair de férias, mas ele não para de treinar, e não retorna com uma barriguinha. Da mesma forma, a obra de um lavrador é labor intenso e demanda toda a sua atenção.

Um ministro não deve tomar a sua obra menos seriamente que o soldado, atleta ou lavrador. Ele não deve ser dado a excessos em luxúrias, em interesses particulares, ou mesmo em interações sociais que não tenham nenhum propósito espiritual. Certamente ele pode ter uma vida normal até onde os princípios bíblicos permitam. Ele poderia ter uma família. Poderia ter hobbies que pretenda exercer. Poderia tirar férias. Mas não importa o que faça, sua vida é governada por essa uma coisa, por sua dedicação para se preparar e realizar a obra do evangelho. Ele ensinará sua família a servir a Deus. Seus hobbies contribuirão para esse ministério. E ele devotará tempo extra ao estudo e oração durante as suas férias. Ele nunca pára de fazer a obra do ministério.

Assim como a resolução do soldado, do atleta e do lavrador capacita-os a persistir durante dificuldades, a dedicação do ministro à sua obra capacita-o a suportar sofrimento e enfrentar perseguição. O ministério não é um *hobby*, mas uma missão que reivindica toda a vida do pregador, cada aspecto dela. O evangelho não é simplesmente uma opção entre muitas, mas é uma mensagem necessária, e o poder de Deus para salvar aqueles que creem. Combinado com a expectativa de fruto e recompensa no futuro, um foco único sobre o evangelho de Jesus Cristo prepara o ministro para o sofrimento que ele provavelmente encontrará.

O ensino é aplicável a todos os cristãos, mesmo que não sejam ministros que dedicam todo o seu tempo e esforço à obra do evangelho. Um cristão deve considerar sua religião seriamente, assim como um pregador deve considerar seriamente o seu ministério. Quão seriamente? Ele deve estar preparado a permanecer fiel e sofrer por ele. Alguns de nós não sofrem nem de longo tanto quanto Paulo sofreu, mas cristãos em muitas partes do mundo sim, ou ao menos perto disso. E mesmo que não soframos

agora, poderemos sofrer mais tarde. Dessa forma, é importante manter as palavras de Paulo em mente. Somos infiéis ao evangelho e despreparados para sofrer por ele se não consideramos nossa religião tão seriamente quando o soldado, o atleta e o lavrador consideram o seu trabalho. E a menos que nossa fé governe todos os aspectos das nossas vidas, não temos a mesma dedicação.

16. LEMBRE-SE DE JESUS CRISTO

Lembre-se de Jesus Cristo, ressuscitado dos mortos, descendente de Davi, conforme o meu evangelho, pelo qual sofro e até estou preso como criminoso; contudo a palavra de Deus não está presa. (2 Timóteo 2.8-9)

Há um Deus, e nós somos sua criação. Sem dúvida, ele não é apenas um poder metafísico, mas também uma inteligência pessoal. Os cristãos pensam sobre Deus com uma ênfase sobre o fato que ele é uma pessoa, mas frequentemente pensar nele apenas parcialmente como um poder. Eles o chamam de poderoso, e até mesmo dizem que ele é onipotente, mas batem na própria boca — e na face de Deus — quando tentam distanciá-lo de ser a direta, total e única causa *metafísica* de todo o mal. A implicação é que há outro poder metafísico que constantemente rearranja o universo sem o controle imediato de Deus. É dito que esse poder funciona pela permissão de Deus, mas isso é o máximo até onde vão em termos de seu envolvimento.

O resultado é uma forma de dualismo, a visão que existem duas forças supremas — uma boa e uma má — que controlam o universo, e que estão em constante conflito uma com a outra. Essa é uma heresia que os teólogos cristãos condenam, mas eles mesmos propagam uma forma dela. Admitidamente, essa forma de dualismo não diz que as duas forças são iguais, mas que a força má está sujeita à “vontade permissiva” da força boa, e é a força boa que faz “decretos permissivos” para governar todas as operações da força má. Todavia, a força boa não exercita controle direto sobre tudo da criação, e por alguma razão não explicada, embora a força boa apenas “permita” a força má causar o mal, a força má é estúpida o suficiente para cumprir a agenda da força boa realizando o mal preciso da maneira e grau precisamente permitidos. Em nenhum instante a força má se abstém, só com o intuito de desafiar a força boa.

Sem dúvida, a teoria toda é absurda, mas é afirmada em alguma forma por muitos estudiosos de teologia, incluindo quase todas as versões de calvinismo, que alegam honrar a soberania absoluta de Deus. Mas essa forma popular de calvinismo fracassa inteiramente, e deve recuar em paradoxos e auto-contradições. Seus inimigos zombam corretamente dessa construção ridícula, embora geralmente tenham uma visão ainda mais debilitada da soberania de Deus. A única visão que é verdadeira à revelação bíblica e à razão necessária, e que evita o dualismo, é aquela que diz Deus exercer completo, ativo, direto e causativo (não permissivo) controle metafísico sobre tudo da criação, incluindo todas as ocorrências do mal. Deus é o autor do pecado e do mal. Não há nenhum problema nessa vida, pois não existe nenhuma lei divina declarando que Deus não deve ser o autor do pecado e do mal, e Deus é a própria definição de justiça; portanto, é algo justo que Deus seja o autor do pecado e do mal.

Embora os teólogos pensem em Deus como uma pessoa, eles falham em pensar nele como um poder total, a única força que pode criar algo, sustentar algo, e fazer qualquer mudança em qualquer coisa no universo, enquanto nós suas criaturas não podemos sequer tornar preto ou branco um cabelo da nossa cabeça (Mateus 5.36). Eles pensam nele não como um poder total que é também uma pessoa total, mas como nada mais que uma pessoa extremamente poderosa. Dessa forma, eles facilmente aplicam a ética humana sobre Deus, e o julgam por um padrão que eles julgam a si mesmos – eles

negam que ele seja Deus. Em todo caso, se Deus não é esse poder total, então temos o dualismo. Mas se Deus é deveras esse poder total, e se existe mal no universo, então por necessidade lógica e metafísica, Deus deve ser o autor do pecado e do mal. Não há escapatória dessa conclusão. Qualquer coisa aquém disso é blasfêmia contra a natureza e majestade do Altíssimo. Essa blasfêmia é a tradição querida de quase toda a cristandade.

Assim, Deus é tanto um poder total como uma pessoa total, e uma pessoa com uma natureza moral. Ele faz distinção entre bem e mal, e define-os ao homem por seus preceitos e mandamentos. Mas o homem transgrediu esses preceitos e mandamentos, e isso é chamado pecado. A Bíblia diz que a culpa – isto é, não o sentimento subjetivo de culpa, embora isso possa ser verdadeiro também, mas a condenação objetiva — do primeiro homem foi imputada a todos os seus descendentes, a toda pessoa humana. Deus é um Deus de justiça, e ele está inclinado a punir todos os pecadores num lado de fogo por uma duração sem fim. Mas ele é também um Deus de misericórdia, de forma que mesmo antes de criar a humanidade, ele já tinha selecionado indivíduos específicos que ele resgataria do fogo do inferno. Ele realizaria isso enviando Deus o Filho para tomar uma natureza humana, para morrer nesta natureza humana pelos pecados desses escolhidos, e então ressuscitar dentre os mortos para a justificação deles diante de Deus. Esses indivíduos, então, seriam transformados de pecados a santos por meio do dom da fé e pelo poder do Espírito Santo.

Eles não sofrerão castigo pelos seus pecados, visto que Deus na carne, Jesus Cristo, pagou a penalidade deles. Como disse Deus por meio do profeta Isaías, “sou eu, eu mesmo, aquele que apaga suas transgressões, por amor de mim, e que não se lembra mais de seus pecados” (43.25). E disse por Jeremias, “porque eu lhes perdoarei a maldade e não me lembrarei mais dos seus pecados” (31.34). Quão terrível é perceber a verdade que temos pecado, e que não há nada que possamos fazer para nos salvar. Mas então quão maravilhoso é aprender que Deus nos resgatou da penalidade que merecíamos tomando uma natureza humana e sofrendo o castigo em sua própria carne! É Deus quem concede fé e arrependimento, pois ninguém pode vir até que Deus o tenha escolhido e movido-o a vir. Se iremos a Deus por meio da fé em Jesus Cristo, então estamos numerados entre aqueles que foram salvos, salvos do fogo do inferno e destinados à glória celestial.

Esses versículos dizem que Deus não mais “lembrará” dos nossos pecados. De acordo com um pastor em Hong Kong, isso significa que Deus pega os nossos pecados e lança para trás dele, e quando Deus lança algo, isso continua em movimento para sempre. Mas a física newtoniana se aplica ao poder de Deus e aos nossos pecados? O pastor é agora o líder de uma seita. Então, um pregador carismático disse que nossos pecados são lançados no “oceano do esquecimento” quando Deus os perdoa. Mas quem se esquece? Deus? Desde então tenho descoberto que muitos evangélicos sustentam essa visão. Talvez eles deveriam se unir àquela seita em Hong Kong.

Como de costume, é necessário um teólogo reformado para refinar essa blasfêmia. Talvez isso seja injusto — a teologia reformada popular já está carregada com blasfêmias e contradições suficientes. Em todo caso, esse teólogo escreveu que embora o homem não possa por um ato de sua vontade esquecer o que ele fez, Deus é todo-poderoso e é capaz de fazer isso. Ele pode infligir amnésia sobre si mesmo. E por causa de sua graça, ele está disposto a fazê-lo. Ele pode literalmente perdoar e esquecer. Mas o idiota — quero dizer o teólogo, não o Deus com amnésia — esqueceu que isso contradiz a onisciência de Deus. Para ele, Deus deve ser misericordioso, e isso necessariamente significa amnésia, e Deus deve ser onipotente, e isso também significa

amnésia. Mas ele não precisa permanecer onipotente. Ou talvez ele seja onisciente, pelo menos quando não estamos falando sobre perdão. Podemos afirmar tanto a onisciência como a amnésia divina? Maravilha, outra antinomia!

Lembrar frequentemente significa mais do que chamar à mente a mera existência de um objeto, mas também chamar à mente sua importância, e algumas vezes implica também tomar alguma ação que corresponda a essa importância. Eu posso lembrar que alguém me deve dinheiro no sentido que o fato está presente em minha mente, mas eu não preciso observar sua importância ou agir com base na importância desse fato. Eu não preciso exigir que ele me pague. Eu posso até mesmo esquecer a dívida, mas a menos que eu tenha amnésia, eu ainda lembrarei dela. Ou, alguém pode me pagar o dinheiro no lugar dele, de forma que ele não mais me deva, mas ainda assim eu lembrarei que ele uma vez me deveu dinheiro. Não haverá, contudo, nenhuma base para eu reforçar a importância da dívida, visto que ela já foi paga.

Deus sempre permanecerá onisciente. Por essa razão, ele sempre lembrará de todos os nossos pecados nos mínimos detalhes. Mas porque a dívida já foi paga por Jesus Cristo, Deus não nos condenará por eles, quer verbalmente acusando-nos deles, ou castigando-nos com o fogo eterno ou outro meios. Não há mais dívida a ser paga, mas a memória da dívida não pode ser apagada. De fato, seria desastroso Deus esquecer nossos pecados no sentido de ter amnésia. Isso abalaria todo o universo. E isso devido ao fato da encarnação, crucificação, ressurreição e ascensão de Jesus Cristo serem todos partes do plano da salvação, e salvação pressupõe pecado. A Deidade, ou pelo menos Deus o Pai, estaria desesperadamente confusa se esquecesse um dos passos cruciais que levam da criação à consumação. Imagine um Pai assustando que vê o Filho à sua destra e pergunta: “O que você está fazendo aqui? E por quê você tem um corpo? Por quanto tempo eu dormi?” Não há necessidade de continuar essa estupidez. Deus não se esquece. Ele lembra dos nossos pecados, mas não no sentido de agir com base na importância deles, visto que aqueles que creem em Cristo foram perdoados e justificados por seu sacrifício e justiça perfeita.

Quando Jesus instruiu seus discípulos a partir o pão em memória dele, ele não quis dizer que eles deveriam chamar à mente sua mera existência, mas antes a importância de seu sacrifício, simbolizado pelo partir do pão. Quando o homem que foi crucificado perto de Jesus pediu para o Senhor lembrar-se dele, ele não estava pedindo para Jesus chamar à mente sua mera existência como alguém que foi crucificado próximo dele. Antes, ele estava pedindo para Jesus chamar à mente o fato que ele confessou que Jesus era um homem inocente e que creu que Jesus possuiria o reino, e que Jesus deveria agir com base na importância dessa confissão. Jesus prometeu levar esse homem ao paraíso naquele mesmo dia.

Dessa forma, quando Paulo diz para lembrar-se de Jesus Cristo, ele não está sugerindo que Timóteo deveria chamar à mente sua mera existência. Embora seja provavelmente necessário lembrar aos cristãos de hoje que existe um Jesus Cristo, Timóteo não era dessa espiritualidade falida. Antes, a instrução de Paulo é para chamar à mente a importância de Jesus Cristo. Essa importância é explicada na mensagem do evangelho. Contrário a como algumas pessoas usam a palavra, o “evangelho” não é um mínimo extraído de todo o corpo de doutrinas bíblicas. O uso do Novo Testamento de fato parece focar-se sobre os eventos e ações redentivas associadas com Jesus Cristo, mas isso não sugere um mínimo.

Paulo insiste que ele declara aos seus ouvintes todo o conselho de Deus, ou a fé cristã completa. Algumas vezes ele mencionará um aspecto da fé para representar o

todo, isto é, para focar a atenção sobre uma questão especialmente relevante ou para empregá-la como uma abreviatura, referindo a uma parte para representar o todo. Por exemplo, ele escreve o seguinte sobre a sua pregação aos coríntios: “Pois decidi nada saber entre vocês, a não ser Jesus Cristo, e este, crucificado” (1 Coríntios 2.2). Muitas pessoas, especialmente aquelas com preconceito anti-intelectual, interpretam isso como significando que Paulo não pregou um corpo inteiro de doutrinas bíblicas, e que ele não estava interessado em teologia ou em argumentos intelectuais, mas que ele pregava apenas o “evangelho”. Igualmente, não deveríamos estar tão interessados em doutrinas, mas somente em pregar o evangelho — ou para colocar isso em termos levemente pejorativos, pregar informação apenas o suficiente para empurrar as pessoas para o céu. Novamente, tal uso representa incorretamente o que o Novo Testamento quer dizer por “evangelho”.

Em todo caso, Paulo não menciona a ressurreição aqui em 1 Coríntios 2.2. De fato, embora ele mencione que Jesus foi crucificado, ele nem sequer diz que ele morreu como resultado disso. E nada é dito sobre Jesus morrendo por nossos pecados. Não são esses fatos partes necessárias do evangelho, mesmo como uma mensagem reduzida? Mais tarde na mesma carta, quando o contexto demanda isso, Paulo lembra aos coríntios que quando ele lhes pregou “o evangelho”, ele mencionou que Cristo morreu por nossos pecados, que ele foi sepultado, que ressuscitou ao terceiro dia, que apareceu a testemunhas, e assim por diante (veja 1 Coríntios 15.1-8).

Evidentemente, embora ele use “Jesus Cristo, e este, crucificado” como uma expressão que engloba tudo o que ele pregou aos coríntios (visto que ele diz ter resolvido não saber nada mais entre eles), isso é apenas uma representação (nem mesmo um resumo) do que ele pregou, quando o que ele pregou foi doutrinariamente muito mais extensivo do que a mera expressão por si só pode transmitir. Isto é, a expressão não tinha o intuito de ser entendida por si mesma, mas como uma representação de tudo o que foi pregado ao povo, que Paulo chama de “o evangelho”. A ideia de Jesus sobre pregação do evangelho é para os seus discípulos ensinar pessoas “a obedecer a *tudo* o que eu lhes ordenei” (Mateus 28.20). Quando introduzindo a fé cristã aos incrédulos, e quando ensinando-a a crentes, deveríamos apresentar o máximo, e não o mínimo.

Aqui na carta a Timóteo, “meu evangelho” é representando, não resumido, por duas proposições que Jesus Cristo foi “ressuscitado dos mortos” e que ele era “descendente de Davi”.

Deus o Filho tomou sobre si a natureza humana, e essa natureza humana estava ligada à linhagem histórica de Davi, cumprindo as antigas profecias concernentes ao Messias. Então, homens o assassinaram. Ele foi morto fisicamente, e então sepultado. Mas Deus o ressuscitou dentre os mortos. Dessa forma, o evangelho é tanto histórico como sobrenatural. Visto Deus ser a causa metafísica de todos os eventos naturais e sobrenaturais, não existe nenhuma diferença essencial entre o natural e o sobrenatural. O sobrenatural designa apenas o extraordinário, isto é, não algo que seja metafisicamente diferente, mas algo que é incomum.

Em todo caso, se uma mensagem compromete o aspecto histórico ou o sobrenatural, ela não é mais o evangelho salvador de Jesus Cristo. Os fatos sobre ele não são mais anunciados. Não podemos dizer que Jesus de fato apareceu na história, mas que ele não realizou milagres e que ele não ressuscitou dentre os mortos. Nem podemos espiritualizar ou supernaturalizar todo o relato sobre Jesus e arrancá-lo da história. O histórico e o sobrenatural são um em Jesus Cristo. Rejeitar um é rejeitar o todo, e ser um incrédulo, sujeito ao castigo sem fim no fogo do inferno.

Essa mensagem não deixa lugar para os não cristãos discordarem. Porque alegamos tanto o histórico como o sobrenatural, eles não podem aceitar um e rejeitar o outro. Dizemos que existe conhecimento e moralidade absoluta. Existe um único relato correto do mundo, e uma revelação exclusiva e abrangente da parte de Deus. Uma é correta, e as outras erradas. Portanto, o conflito total é inevitável. Nosso evangelho faz com que os não cristãos pareçam muito maus, e quando isso acontece, eles ficam muito loucos. E porque não podem triunfar na área do intelecto e argumento, eles recorrem à perseguição. Mas de alguma forma nós somos aqueles considerados como tolos, como obscurantistas, e até mesmo terroristas, como perturbadores da paz. Paulo foi preso como um criminoso.

Todavia, a palavra de Deus não pode ser aprisionada. Os não cristãos podem assassinar um pregador, mas não podem assassinar o evangelho. O que os homens podem fazer conosco, não podem fazer a Deus ou à sua palavra. A fé cristã continuará e triunfará.

17. UM OBREIRO APROVADO POR DEUS

Continue a lembrar essas coisas a todos, advertindo-os solenemente diante de Deus, para que não se envolvam em discussões acerca de palavras; isso não traz proveito, e serve apenas para perverter os ouvintes. Procure apresentar-se a Deus aprovado, como obreiro que não tem do que se envergonhar e que maneja corretamente a palavra da verdade. (2 Timóteo 2.14-15)

Um ministro do evangelho é chamado à se comunicar com pessoas falando e escrevendo. Alguns teólogos e peritos em homilética que desejam exaltar o lugar da pregação atribuem o que parece ser um poder místico ao próprio ato de falar a mensagem em alta voz, como se as mesmas palavras se tornassem mais eficazes uma vez transformadas de borrões de tintas num papel a sons no ar. O motivo para exaltar a pregação é louvável, visto que a própria Bíblia enfatiza sua importância em declarar o conhecimento e a majestade de Deus. Contudo, a menos que haja evidência bíblica para atribuir algum poder especial ao falar a mensagem em contraste a escrever a mensagem, tal visão sobre pregação é mera superstição. E não existe tal evidência bíblica.

Aqueles que advogam essa superstição apelam a Romanos 10.17, onde Paulo diz: “Consequentemente, a fé vem por se ouvir a mensagem, e a mensagem é ouvida mediante a palavra de Cristo”. A fé vem pelo ouvir, eles dizem, e uma pessoa ouve quando alguém prega. A alegação é que algo único acontece quando uma pessoa ouve a palavra de Deus. Contudo, o versículo não diz nada sobre ler e escrever. Simplesmente porque a fé vem pelo ouvir não significa que ela não possa vir pela leitura, ou que ela não possa vir tão eficazmente, ou até mais eficazmente. O versículo não sugere que haja algo místico, sobrenatural, ou único no próprio ouvir. Antes, João diz, “mas estes [sinais miraculosos] foram escritos para que vocês creiam” (João 20.31).

Dessa forma, mesmo o surdo pode experimentar o pleno poder da palavra de Deus lendo-a ou quando alguém prega para ele por linguagem de sinais. O poder está nas ideias de Deus, comunicadas através de palavras, seja falando ou escrevendo, ouvindo ou lendo, e tornadas eficazes pelo Espírito Santo. Há poder na pregação, não porque o homem faz sons no ar em oposição aos símbolos no papel, mas porque as palavras e ideias comunicadas procedem de Deus. A superstição desvia a atenção da sabedoria e poder de Deus.

Assim, o ministro do evangelho deve comunicar. Sobre o que ele tem que falar? Muitos ministros enchem seus sermões com questões sociais e preocupações superficiais. Eles são pessoas inúteis. É uma perda de tempo ouvi-los. Esses tópicos não são triviais, mas é necessário um fundamento teológico para abordá-los corretamente. Todavia, o fundamento doutrinário em si não é estabelecido primariamente para abordar esses tópicos; antes, ele é valioso por si próprio. O ministro é chamado a manusear a palavra da verdade, o evangelho, ou as doutrinas da fé cristã. É sobre isso que ele deve falar o tempo todo. O obreiro que maneja corretamente a palavra da verdade, diz Paulo, é aquele que não deve se envergonhar. Isso implica que a pessoa que não maneja a palavra da verdade ou a maneja incorretamente deve se envergonhar.

Essa é a diferença crucial entre um bom e mau ministro, ou aquele que não precisa se envergonhar e aquele que precisa. A diferença é a doutrina. Se um ministro

prega a Bíblia, deduz validamente ensinamentos dela, e então comunica esses ensinamentos a outros, então ele é aquele que não precisa se envergonhar. Se não faz isso, então ele precisa se envergonhar. A questão é simples e clara, mas é de suprema importância, pois apresenta o padrão pelo qual todos os ministros devem ser avaliados. Se somos ministros, então isso é o que devemos nos tornar e permanecer. Se somos membros de igreja, então esse é o tipo de ministros que deveríamos seguir e apoiar, e devemos rejeitar todos aqueles que não manejam corretamente a palavra da verdade.

Não é raro alguns dizerem sobre certo ministro: “Sua doutrina pode ser um pouco distorcida, mas ele tem um bom caráter”. A suposição é que não se requer um bom caráter para reconhecer e crer na sã doutrina, ou pelo menos a crença na verdade é uma parte pequena da personalidade. Em todo caso, o padrão usado é errado. Sem dúvida um ministro deveria ter bom caráter, mas se ele não possui primeiramente a sã doutrina cristã, que ele demonstre o seu bom caráter budista no banco. A doutrina, ou a palavra de Deus, é o padrão. O ministro conhece e crê na palavra da verdade? O que ele faz com ela?

Um ministro que maneja corretamente a palavra da verdade não é uma criança nas coisas de Deus. Ele aplica a sã doutrina de uma forma séria e madura, e encara de frente a realidade que nos confronta neste mundo. No mesmo contexto onde Paulo declara que um obreiro deveria manejar corretamente a palavra da verdade, ele diz a Timóteo: “Continue a lembrar essas coisas a todos”. Se “essas coisas” não incluiu tudo que precede o versículo desde o começo da carta, pelo menos referem-se aos versículos 8-13. E nesses versículos Paulo fala dos conteúdos doutrinários do evangelho, incluindo a ressurreição e herança real de Cristo. Ele diz que é por pregar o evangelho que ele está sofrendo ao ponto de estar aprisionado como um criminoso. Ele fala de suportar as dificuldades pelos eleitos, de forma que eles possam obter a salvação que há em Cristo Jesus. Então, ele fala da consequência de desonrar a Cristo: “Se o negamos, ele também nos negará”. Esse é um negócio sério e solene, e um ministro que maneja corretamente a palavra da verdade deve comunicar isso àqueles que o ouvem.

18. SOBRE HEREGES E HERESIAS

Evite as conversas inúteis e profanas, pois os que se dão a isso prosseguem cada vez mais para a impiedade. O ensino deles alastra-se como câncer; entre eles estão Himeneu e Fileto. Estes se desviaram da verdade, dizendo que a ressurreição já aconteceu, e assim a alguns pervertem a fé. (2 Timóteo 2.16-18)

Falsas doutrinas são perigosas. As pessoas que são afetadas por elas e que as promovem tornam-se crescentemente más. Para muitas pessoas, a ideia de mal evoca imagens de assassinato, adultério, opressão e coisas semelhantes. Mas não importa quão más sejam essas coisas, como um entendimento geral e primário do mal, isso é insuficiente e superficial. Jesus disse que o maior de todos os mandamentos é amar a Deus, e o segundo é amar as pessoas. Definir bem e mal primariamente pelo segundo, e até mesmo em negligência ao primeiro, denuncia uma inclinação humanista.

O padrão bíblico começa com Deus. Dessa forma, o conhecimento e adoração correta de Deus vem antes da conduta e relação correta com os homens. Não devemos ter outros deuses, mas isso implica um conhecimento suficiente do único Deus verdadeiro para identificá-lo, e reconhecer as variações e impostores. Não devemos construir ídolos nem adorar imagens, mas isso implica um entendimento da própria natureza de Deus — do que ele é e não é. E devemos usar o seu nome corretamente — não em vão, mas com o entendimento e atitude correta, com reverência e adoração. Isso envolve uma inclinação definida da mente. Amar a Deus, sem dúvida, também significa que devemos amar a sua palavra, considerar seus ensinamentos como preciosos e sagrados. Isso também ocorre na mente, antes que a obediência exterior seja exibida.

Falsas doutrinas levam uma pessoa a transgredir o maior de todos os mandamentos antes mesmo de levá-la a transgredir o segundo, e mesmo antes que qualquer ação externa seja exibida. Isto é, crer ou pensar algo falso sobre Deus, ou crer ou pensar algo diferente ou contrário ao que ele revelou, é em si mesmo pecaminoso. É uma violação do maior mandamento. Portanto, moralmente falando, crer e promover falsas doutrinas é muito pior que assassinato, adultério, roubo e coisas semelhantes. Isso é o contrário do que muitas pessoas, incluindo cristãos, parecem acreditar.

Os falsos mestres que Paulo tinha em mente incluíam Himeneu e Fileto. Eles eram falsos mestres porque tinham “se desviado da verdade”. Novamente, é a verdade ou doutrina que representa o padrão. Qualquer doutrina que não seja a verdade é por definição uma falsa doutrina. Um líder eclesiástico deve possuir, tanto quanto possível, um caráter que esteja acima de reprovação. Mas mesmo antes do caráter ser considerado, a linha é traçada pela doutrina. Essa é a regra que guia os cristãos ao selecionar mestres para seguir e imitar. Essa é a regra que governa a política da igreja ao designar oficiais eclesiásticos, bem como ao definir sua agenda, orçamento, e assim por diante.

É apropriado e algumas vezes necessário que os ministros discutam essas questões tanto em privado como em público. Os ministros devem advertir as pessoas sobre falsas doutrinas e falsos mestres, às vezes anunciando os nomes dos hereges, para que os crentes possam evitá-los. Todavia, um foco desordenado nas falsas doutrinas,

mesmo em se opor a elas, gera um ministério fora de equilíbrio. Como não é o hábito de Paulo tolerar os falsos ensinamentos, não é frequentemente que ele refere-se diretamente aos seus conteúdos ou descreve-os em grande detalhe. Aqui ele menciona que a heresia incluía a ideia “que a ressurreição já aconteceu”.

Seria o caso deles terem espiritualizado a ressurreição, com a implicação que a ressurreição de Cristo foi também meramente espiritual? Em todo caso, como Gordon Fee escreve: “Para Paulo, a negação da nossa ressurreição (corpórea e futura) é negar a própria fé”. Visto que a ressurreição de Cristo foi física, e nossa ressurreição será como a sua, então até que tenhamos um corpo similar ao seu, a ressurreição ainda não aconteceu, e qualquer doutrina que diga que a ressurreição já aconteceu é heresia, e equivale à uma negação da fé cristã.

Não podemos ter certeza da natureza exata desse falso ensino, mas seja qual for, ela contradiz uma das doutrinas cruciais da fé cristã. E se isso é suficiente para evocar uma reação agressiva do apóstolo, então é o nosso dever reagir fortemente também quando ensinamentos fundamentais do evangelho estão sob assalto. Falsos ensinamentos sobre a natureza de Deus e de Cristo, sobre a criação e queda do homem, sobre expiação e justificação, e no mínimo várias outras, devem ser enfrentados com condenação. Negar o que a Bíblia ensina sobre esses tópicos, ou ensinar algo diferente daquilo que a Bíblia assevera, é negar a própria fé cristã.

19. O FIRME FUNDAMENTO DE DEUS

Entretanto, o firme fundamento de Deus permanece inabalável e selado com esta inscrição: “O Senhor conhece quem lhe pertence” e “afaste-se da iniquidade todo aquele que confessa o nome do Senhor”. Numa grande casa há vasos não apenas de ouro e prata, mas também de madeira e barro; alguns para fins honrosos, outros para fins desonrosos. Se alguém se purificar dessas coisas, será vaso para honra, santificado, útil para o Senhor e preparado para toda boa obra. (2 Timóteo 2.19-21)

Paulo escreve que os falsos mestres “a alguns pervertem a fé” (v. 18). Ele não quer dizer que a fé verdadeira possa destruída, pois adiciona: “O firme fundamento de Deus permanece inabalável... O Senhor conhece quem lhe pertence”. “Conhecer” aqui deve se referir a mais do que mera ciência. A afirmação é que o fundamento de Deus permanece firme, mas se há uma mudança constante quanto aos indivíduos que constituem o povo de Deus, de forma que alguns que não eram seus tornam-se seus enquanto alguns que eram seus deixam de sê-lo, então uma mera ciência, um mero estar a par da identidade desses indivíduos não poderia ser considerado como um sólido fundamento que permanece. Antes, consistente com o uso bíblico, “conhecer” aqui refere-se a um relacionamento positivo estabelecido por escolha de Deus.

Deus é o criador, e todos “lhe pertencem” nesse sentido, mas ele não estabeleceu um relacionamento amigável, amoroso e salvador com todo indivíduo. A ideia é usada num sentido diferente aqui, a saber, aqueles que ele escolheu ter esse relacionamento especial com ele “lhe pertencem”. Porque Deus fez suas escolhas antes da criação do mundo, há uma lista fixa de indivíduos que teriam relacionamento com ele por meio de Jesus Cristo. Portanto, mesmo quando falsos mestres fazem com que pessoas desviem, e parecem destruir a fé de alguns membros da igreja, o fundamento de Deus permanece firme.

Isso significa que aqueles cuja fé é destruída pelos falsos mestres nunca foram verdadeiros cristãos. Como o apóstolo João escreve: “Eles saíram do nosso meio, mas na realidade não eram dos nossos, pois, se fossem dos nossos, teriam permanecido conosco; o fato de terem saído mostra que nenhum deles era dos nossos” (1 João 2.19). O fundamento de Deus é sua própria decisão, reforçada pelo seu próprio poder. Ele nunca pode ser abalado ou alterado. E dessa forma, a igreja não pode ser destruída por más influências.

Existe uma segunda parte disso: “Afaste-se da iniquidade todo aquele que confessa o nome do Senhor”. Deus escolheu uma lista fixa de indivíduos para ter um relacionamento especial e salvífico com ele por meio de Jesus Cristo. E ele faz com que esses indivíduos cheguem até ele por meio de Jesus Cristo realizando uma ação direta em suas almas, regenerando-os e produzindo fé neles. Eles, por sua vez, confessam o nome do Senhor.

Os réprobos podem imitar a ação física de confessar ao Senhor; contudo, o relacionamento que os escolhidos têm com Deus não está fundamentado na confissão deles como tal, mas na eleição deles por Deus, que produz a confissão. Dessa forma, a confissão é um efeito da eleição e regeneração. A verdadeira confissão não é algo que

pode ser imitado, ou algo que alguém possa simular. Aqueles que confessam verdadeiramente ao Senhor Jesus têm o poder de Deus neles, e eles estão em relacionamento pactual com Deus. Eles devem e podem se voltar da iniquidade. Isso é algo que os réprobos não podem fazer.

No contexto da nossa passagem, a iniquidade deve incluir falsas doutrinas, e não apenas ações imorais. Da mesma forma, quando o apóstolo procede para a metáfora de artigos da casa, a limpeza da qual ele fala também deve incluir falsas doutrinas. Sem dúvida uma pessoa deve estar limpa de ações e hábitos imorais para se tornar um dos artigos mais úteis na casa de Deus, mas ele também deve, e nesse contexto deve primariamente, estar limpo de falsas doutrinas. De outra forma, ele seria um dos vasos “desonrosos”, que nas antigas casas provavelmente seria usado para recolher lixo ou excremento. Quem respeita a palavra de Deus — quem respeita a Deus — deve concordar com esse julgamento. Os não cristãos e os falsos mestres são recipientes de excremento. Eles são vasos sanitário.

20. CONTROVÉRSIAS TOLAS

Fuja dos desejos malignos da juventude e siga a justiça, a fé, o amor e a paz, com aqueles que, de coração puro, invocam o Senhor. Evite as controvérsias tolas e inúteis, pois você sabe que acabam em brigas. (2 Timóteo 2.22-23)

No começo do versículo 14, Paulo escreve: “Advertindo-os solenemente diante de Deus, para que não se envolvam em discussões acerca de palavras”; e agora ele escreve no versículo 23: “Evite as controvérsias tolas e inúteis”. Colocado nesse contexto, os “desejos malignos” no versículo 22, também traduzido como “luxúrias” e “paixões”, referem-se não somente, ou nem mesmo primariamente, a coisas tais como orgias sexuais e ambições materialistas, mas a uma propensão pecaminosa em tolerar falsas doutrinas, incluindo um desejo desordenado e investigá-las e argumentar sobre elas. O pecado é frequentemente legitimado ao ser chamado de “apologética”, e vidas e ministérios inteiros de muitos cristãos giram ao redor disso. Eles estão mais familiarizados com os segredos de Satanás do que com os mistérios de Deus. Eles pensam que estão fazendo a obra de Deus, mas estão mantidos onde Satanás os quer. Se ele não pode fazer com que eles abandonem a verdade, então pelo menos ele pode levá-los a se tornarem obcecados pelo erro. Em casos extremos, o efeito é quase o mesmo.

Devemos confrontar as falsas doutrinas, mas não devemos ser tomados por elas e tornarmo-nos obcecados com elas. Satanás tem capturado a atenção de exércitos inteiros de cristãos professos aticando os seus “desejos malignos”, de forma que eles confundem justiça própria e vanglória com a satisfação do genuíno serviço cristão e a pregação do evangelho. O efeito positivo que eles têm pela causa de Cristo é algumas vezes praticamente nulo. Mas cuidado! Se você lhes disser isso, eles se voltarão e realizarão alguma de suas “apologéticas” em você!

Timóteo é advertido contra isso, e alguns daqueles comentaristas que o chamam de tímido agora o chamam de contencioso. Se o apóstolo escreve sobre coragem, então isso deve significar que o leitor é um covarde. Se o apóstolo adverte contra controvérsias tolas, então isso deve significar que o leitor está enredado nelas. Visto que o apóstolo oferece tantas exortações positivas na carta, Timóteo deve ter sido uma pessoa terrível, indigna de viver. Já consideramos esse absurdo, mas estranhamente popular princípio de interpretação bíblica.

Algumas vezes uma discórdia é tola por ser ela uma questão de semântica. Frequentemente ouvimos que algo é “apenas uma questão de semântica”. Se a divergência gira em torno do uso de uma palavra — isto é, o som ou símbolo — à parte do significado, então isso é de fato “apenas uma questão de semântica”, e relativamente trivial. Muito provavelmente uma batalha intensa e prolongada sobre algo assim não é digna. Por outro lado, frequentemente quando as pessoas dizem que algo é apenas uma questão de semântica, o intuito é permanecer vago, evitar a confrontação, ou eles são muito estúpidos para perceber uma distinção real no significado. Em tais casos, se é digno ou não insistir sobre algo depende da substância da divergência, e então somente nos sons e símbolos usados.

Algumas vezes uma divergência é tola não por ser uma questão de semântica, mas porque a substância da questão é trivial, estranha, improdutiva, e representa uma

distração para a mensagem salvífica do evangelho. Debates intermináveis sobre uma questão é possível algumas vezes, e para algumas pessoas, desejável. Um embaixador do evangelho com um sentido de missão e que fale com autoridade abordará a situação diferentemente comparado com um ambicioso que está tentando fazer o seu nome gritando ameaças sobre tudo e todos. Visto que muitos cristãos abrigam um interesse doente em controvérsias, ele pode ganhar muitos seguidores se gritar alto e por muito tempo. Um bom ministro de Jesus Cristo sabe que não deve se engajar em batalhas prolongadas sobre questões triviais ou já resolvidas com pessoas incompetentes e sem importância.

Assim como há um tempo para “sacudir o pó dos seus pés” e continuar, chega um momento quando você abandonará uma controvérsia, e deixará seu oponente irado e insatisfeito, e seguirá adiante. Cuidado com as artimanhas de Satanás. Não deixe que falsos mestres controlem o programa do seu ministério. Se eles puderem mantê-lo num debate limitado e tolo, eles o farão. Eles gostam disso. Isso é o que eles fazem. Eles não realizam nenhum ministério real. Eles foram levados cativos pelo diabo, e estão gastando suas vidas em conflitos improdutivos, e agora estão tentando te afundar com eles. Não deixe que isso aconteça. Isso é muito diferente do conselho para cessar todos os debates e “apenas pregar o evangelho”. Não, a pregação do evangelho envolverá conflitos e debates. Você deve tomar uma atitude e declarar suas razões, e fornecer refutações básicas às objeções e às falsas doutrinas. Mas você deve evitar ser sugado por controvérsias a ponto de ter pouco tempo para fazer qualquer outra coisa. Isso é uma armadilha do diabo.

21. ENSINANDO OS APRISIONADOS DO DIABO

Ao servo do Senhor não convém brigar mas, sim, ser amável para com todos, apto para ensinar, paciente. Deve corrigir com mansidão os que se lhe opõem, na esperança de que Deus lhes conceda o arrependimento, levando-os ao conhecimento da verdade, para que assim voltem à sobriedade e escapem da armadilha do Diabo, que os aprisionou para fazerem a sua vontade. (2 Timóteo 2.24-26)

Às vezes as pessoas me criticam por eu obedecer o ensino bíblico que eu deveria repreender severamente certos indivíduos e por seguir os exemplos dos profetas, apóstolos e do Senhor Jesus, mesmo quando eu meramente repito as palavras duras que eles usaram para condenar incrédulos e hereges. De acordo com eles, a prática é contra o ensino cristão sobre bondade e gentileza. Sua crítica contra mim, algumas vezes tão duras quanto as palavras duras que eles me criticam por usar, equivale a dizer que é antibíblico obedecer aos mandamento bíblicos e seguir os exemplos bíblicos.

Aqui Paulo diz: “Ao servo do Senhor não convém brigar mas, sim, ser amável² para com todos”. Isso apresenta um problema tremendo para os meus críticos. A igreja moderna iguala gentileza com o uso de palavras não ameaçadoras e não condenatórias, preferivelmente acompanhadas por um tom e postura efeminados. Eles têm confundido um estereótipo homossexual com a gentileza de Jesus Cristo. Isso é uma blasfêmia que por si só demanda repreensão e castigo severos. Se essa é a definição de gentileza, então os profetas, os apóstolos e o próprio Senhor Jesus nunca foram gentis. A definição é antibíblica.

Considere as duas cartas a Timóteo. Paulo escreve: “Querendo ser mestres da lei, quando não compreendem nem o que dizem nem as coisas acerca das quais fazem afirmações tão categóricas”. Isso é caridoso? Então, ele diz: “Entre eles estão Himeneu e Alexandre, os quais entreguei a Satanás, para que aprendam a não blasfemar”. Isso é gentil? Mais tarde, ele adiciona: “Tais ensinamentos vêm de homens hipócritas e mentirosos, que têm a consciência cauterizada”. Isso é polido? “Alexandre, o ferreiro, causou-me muitos males. O Senhor lhe dará a retribuição pelo que fez”. Pelo padrão dos meus críticos, isso é sequer “cristão”? Então, ele escreve a Tito: “Cretenses, sempre mentirosos, feras malignas, glutões preguiçosos’. Tal testemunho é verdadeiro. Portanto, repreenda-os severamente”. Isso não é ofensivo? E, claro, ele vai ao ponto de comparar incrédulos e hereges com lixeiras e vasos sanitários. Por que eu não estou autorizado a fazer o mesmo? Além disso, o que dizer quando ele disse para os judaizantes irem adiante e se castrarem? Paulo foi “gentil” com todo o mundo no sentido entendido pelos meus críticos e por crentes contemporâneos? Há centenas de exemplos similares nas palavras dos profetas, dos apóstolos e do próprio Senhor Jesus, muitos deles mais fortes que aqueles citados acima.

Dada a definição antibíblica de gentileza, a instrução bíblica para “ser amável para com todos” apresenta algumas opções preocupantes. Se os exemplos e mandamentos bíblicos são consistentes com gentileza, então não podemos usar a

² “Gentil” na NIV, versão bíblica utilizada pelo autor. A ARC e a ACF usam “manso”, enquanto a ARA utilizada o termo “brando”. [N. do T.]

definição antibíblica de gentileza, o que significa que não existe nenhuma crítica bíblica contra mim, aos escritores bíblicos, ou ao Senhor Jesus. Mas dada a definição antibíblica de gentileza, uma pessoa deve considerar os exemplos e mandamentos bíblicos como inconsistentes com gentileza. Se esse é o caso, então aqueles que sustentam essa definição devem limitar a aplicação do versículo em questão ao ponto que nenhuma crítica pode se aplicar contra mim, ou devem dizer que Paulo era um hipócrita, ou que a Escritura se contradiz. Seja qual for o caso, eles têm se exposto como hereges, e eu recomendo a disciplina eclesiástica contra eles. A verdade é que a Escritura não apoia a definição de gentileza que pode ser usada para contradizer ou criticar a minha abordagem.

Você pode responder que os profetas, os apóstolos e o Senhor Jesus eram exceções porque eles tinham o benefício da infalibilidade por meio da inspiração divina. Por outro lado, nós somos infalíveis, e não conhecemos o coração dos homens, de forma que não deveríamos pronunciar julgamento sobre ninguém. Contudo, se eu não devo dizer algo negativo sobre pessoas, mesmo que o meu julgamento seja baseado na palavra de Deus, então por quê eu posso dizer algo positivo sobre elas? O que me dá o direito de dizer palavras “gentis” a elas? Carecendo de infalibilidade, eu não cometerei o engano de aprovar algo ou alguém que eu deveria reprovar? E já que estamos falando sobre isso, por quê você está me julgando por ser rude? Você é infalível? Hipócrita! Você não tem nenhum respeito pela palavra de Deus. Se o meu julgamento é baseado na Palavra de Deus, então o meu julgamento é correto, e o julgamento que eu pronuncio é na verdade o julgamento de Deus contra as pessoas, e Deus está sempre certo. Se você diz que o meu entendimento da Escritura é imperfeito, então a mesma crítica se aplica a você. Sua interpretação daquelas passagens bíblicas sobre bondade e gentileza são sempre falíveis; assim, como você pode aplicá-las a mim?

Você está usando a infalibilidade dos profetas e dos apóstolos como uma escusa para não crer e aplicar a palavra de Deus. Você é um covarde e um hipócrita, e você é infiel ao Senhor Jesus Cristo. Mas eu digo: não sejamos covardes e hipócritas! Usemos nossa falibilidade e a infalibilidade deles, não como uma escusa, mas como uma motivação para nos apegarmos ainda mais à palavra de Deus, de forma que louvaremos o que Deus louva, e condenaremos o que ele condena. É melhor condenar a Deus, ou adorar o diabo? Você me diz para eu parar, a fim de que eu não condene a Deus, mas você diz eu que deveria adorar o diabo? É o que você faz? Mas eu prefiro adorar a Deus e condenar o diabo. A palavra de Deus me diz a diferença.

A passagem não nega o testemunho de toda a Bíblia, mas antes é consistente com ele. Ela não proíbe o debate racional. E ela não exclui o lugar de repreender falsos mestres e seus seguidores nos termos e tons mais duros e imagináveis quando apropriado. Paulo logo diria a Timóteo para incluir a “repreensão” quando pregando a palavra de Deus (4.2), e novamente, ele diz para Tito repreender severamente os cretenses. Em vez disso, Paulo está dizendo para Timóteo evitar “as controvérsias tolas e inúteis”, e especialmente para evitar as “brigas”. É neste contexto que ele diz para “ser amável para com todos”. Isso é diferente da aplicação que algumas pessoas fazem de versículos como esses.

Aqueles que seguem falsas doutrinas são os aprisionados do diabo. Para usar um termo conveniente, eles têm sido “programados” para processar ideias de uma certa maneira, de forma que suas mentes pensam em direções que sempre levam-nos a conclusões erradas, não importa com o que você os alimente. O fenômeno é evidente quando lidando com membros de seitas, mas um padrão similar é visto em qualquer pessoa que afirme falsas doutrinas. Elas são imunes à gentileza e persuasão antibíblica.

Se você agir como um perverso em torno delas, elas não entenderão a questão ou vão rir de você. A gentileza bíblica é muito maior que um vocabulário não ofensivo e um tom efeminado. Ela envolve instrução, argumento, reprimenda e advertência. Ela persiste em lugar com o demônio dentro da outra pessoa hora após hora após hora, determinada a arrancá-lo da armadilha do diabo. Mesmo quando ela grita insultos severos para a pessoa, o faz em benefício da sua alma e para a honra de Deus, e não por ressentimento ou por causa de vingança pessoal. Isso é gentileza e paciência bíblica.

Nós temos que nos esforçar. Contudo, é Deus quem decide conceder ou não arrependimento à pessoa. Arrependimento não é algo que uma pessoa decide por si mesma, mas é algo que Deus decide causar que a pessoa faça. É verdade que o homem faz uma decisão, mas é a decisão de Deus que causa a decisão do homem. Novamente, a tolice do compatibilismo é evidente. Sem dúvida o fato que o homem faz uma decisão é compatível com o fato de Deus fazer uma decisão. Mas visto que é a decisão de Deus que determina e causa a decisão do homem, isso é como dizer que a decisão de Deus é compatível com a decisão de Deus. Deus é compatível com ele mesmo. O efeito do seu controle é compatível com o fato do seu controle. Sem dúvida isso é verdade, mas como isso é útil à pessoa que afirma o compatibilismo?

Arrependimento significa uma mudança de mente. Visto que Deus é aquele que concede arrependimento, isso significa que não é a pessoa quem muda a sua própria mente, mas é Deus quem muda a mente de uma pessoa. Ao que ele muda a sua mente? Paulo diz que o arrependimento leva a “um conhecimento da verdade”. Novamente, isso se resume a uma questão de doutrina. Esta é a forma como devemos reconhecer o verdadeiro arrependimento. Não existe nenhum arrependimento a menos que a pessoa passe a afirmar as doutrinas verdadeiras. Se ela não afirma as doutrinas verdadeiras, então ela não se arrependeu, e ainda permanece em seus pecados.

22. PESSOAS MÁS, TEMPOS MAUS

Saiba disto: nos últimos dias sobrevirão tempos terríveis. Os homens serão egoístas, avarentos, presunçosos, arrogantes, blasfemos, desobedientes aos pais, ingratos, ímpios, sem amor pela família, irreconciliáveis, caluniadores, sem domínio próprio, cruéis, inimigos do bem, traidores, precipitados, soberbos, mais amantes dos prazeres do que amigos de Deus, tendo aparência de piedade, mas negando o seu poder. Afaste-se desses também.

São esses os que se introduzem pelas casas e conquistam mulheres instáveis sobrecarregadas de pecados, as quais se deixam levar por toda espécie de desejos. Elas estão sempre aprendendo, e jamais conseguem chegar ao conhecimento da verdade. Como Janes e Jambres se opuseram a Moisés, esses também resistem à verdade. A mente deles é depravada; são reprovados na fé. Não irão longe, porém; como no caso daqueles, a sua insensatez se tornará evidente a todos. (2 Timóteo 3.1-9)

O tipo de pessoas sobre quem Paulo está falando são não cristãos. Ele diz que eles não são amantes de Deus, que se opõem à verdade, e até onde diz respeito a fé cristã, eles são rejeitados. Os vícios que ele lista nos versículos 2-4 são características não cristãs. Desde que comecei a ler a Bíblia quando criança, e muito antes de me deparar com o termo “depravação total”, sempre me foi claro que o Cristianismo descreve os incrédulos nos termos mais depreciativos.

Os não cristãos são pessoas injustas e desonestas, de forma que esperamos que eles protestem sobre a forma como eles são descritos na Escritura. Mas ficamos surpreendidos que aqueles que alegam crer na Bíblia e aqueles que ensinam a doutrina da depravação total sejam os que denunciam e até mesmo perseguem aqueles cristãos que aplicam esses mesmos termos aos não cristãos. As duas coisas são incompatíveis. Ou eles admitem que não creem de fato na Bíblia, que eles reprovam e discordam dos profetas, dos apóstolos e do Senhor Jesus, ou eles devem dar seu total apoio àqueles que falam sobre e aos não cristãos como a Escritura o faz.

O que está em jogo inclui o padrão correto de discurso social, mas muito mais importante do que isso, está a questão se afirmaremos ou negaremos a inspiração da Escritura, a justiça dos profetas, dos apóstolos e do Senhor Jesus, e, portanto, por implicação, a base da nossa salvação. Ao condenar o uso de invectivas bíblicas, esses hipócritas religiosos condenam-se ao exporem o tipo de pessoas que realmente são, e onde reside verdadeiramente sua fidelidade. Eles são muito melhores que os não cristãos e os falsos mestres descritos aqui? Eu aconselho-os a se examinarem, para ver se estão verdadeiramente na fé.

Comparado a outras coisas, isso poderia parecer um erro pequeno, mas Jesus diz que se alguém é infiel com mui pouco, será infiel com muito também. Se uma pessoa não deixa a Bíblia lhe ensinar o que é amor e gentileza genuínos, e a forma correta de abordar os incrédulos, mas antes reverencia a filosofia do mundo na forma como ele fala e age perante os não cristãos, como se eles fossem seus mestres, deveríamos ouvir algo mais do que eles têm a dizer? Permitiríamos que ele permaneça atrás de um púlpito

para nos ensinar sobre verdade e erro, certo e errado? E eu não seria estúpido e insano, se aceitasse as críticas dele?

Paulo está falando sobre pessoas que exibem uma forma de piedade, mas negam o seu poder. O apóstolo provavelmente tinha pessoas ou tipos de pessoas específicas em mente, mas o princípio é universal. É sempre errado ter uma forma de piedade, mas negar o seu poder. Essas pessoas afirmam uma forma de religião, até mesmo a religião cristã, mas negam o poder dela. Elas têm uma forma de piedade, mas ainda são “ingratos, ímpios, sem amor pela família, irreconciliáveis, caluniadores, sem domínio próprio, cruéis”, e assim por diante. E, embora tenham uma forma de piedade, eles “resistem à verdade”. Portanto, neste contexto a negação do “poder” da religião inclui tanto caráter como doutrina.

Muitas pessoas amam suas fórmulas e rituais religiosos, mas não têm nenhum poder para viver uma vida santa. Os sacerdotes católicos romanos podem parecer piedosos num sentido perverso e antibíblico. Pelo menos seus paroquianos, que não entendem nada de cristianismo, consideram-nos homens santos. Mas muitos desses sacerdotes molestam crianças secretamente. Eles têm uma forma de religião, vestem-se como palhaços e murmuram tolices em latim, mas não existe nenhum poder espiritual verdadeiro neles.

Então, muitas pessoas se consideram piedosas, e até mesmo alegam ser cristãs, afirmando uma forma de religião, mas negam seu poder num sentido doutrinário. Alguns rejeitam a inspiração divina da Escritura. Outras rejeitam a soberania, a onisciência e a onipotência de Deus, de forma que talvez afirmem várias versões de dualismo, teísmo aberto, arminianismo, e assim por diante. Há aqueles que alegam afirmar a autoridade da Escritura, mas rejeitam o nascimento virginal, ou a ressurreição de Cristo, ou os milagres dos apóstolos. Embora confessem a Deus e a Jesus Cristo, visto negarem as doutrinas bíblicas com respeito ao pecado, a confissão deles consiste do mero movimento físico de expressão, emitindo sons no ar com nenhum significado ou importância. Não há nenhuma crença real, nenhum poder real e nenhuma salvação.

Tempos terríveis são feitos por pessoas terríveis. Pessoas terríveis são aquelas que rejeitam a santidade bíblica e o ensino bíblico. Ainda pior são aqueles que dizem ser religiosos, que exibem uma aparência de espiritualidade, mas negam o poder da verdadeira religião no seu caráter e na doutrina. A lista de vícios nos dá a impressão que Paulo refere-se a pessoas especialmente terríveis, mas tais pessoas são inúmeras hoje. Elas estão em toda parte. Sai na sua varanda e atire uma pedra, e provavelmente você acertará uma delas. Como se isso não fosse ruim o suficiente, a pessoa que você acerta provavelmente vai à sua igreja, pois as igrejas estão cheias dessas pessoas terríveis, que têm uma forma de piedade, mas negam o seu poder.

Paulo diz não ter nada a ver com elas. Isso não significa virar para o outro lado e correr delas. Elas já estão entre nós. Mas significa que quando descobrimos essas pessoas em nossas igrejas, devemos julgá-las perante a igreja, e quando forem consideradas culpadas, devemos excomungá-las, e expulsá-las de nossas comunidades e encontros. Significa que devemos evitar a contratação de professores de seminário que tenham uma forma de piedade, mas neguem o seu poder no caráter e doutrina deles. Se já contratamos alguns, devemos rescindir o contrato e removê-los da propriedade do seminário. Significa que nunca devemos apoiar igrejas, conferências e profetas que forneçam uma plataforma para hereges falar.

Algumas vezes as pessoas pensam que mesmo hereges têm algo bom a oferecer, e tudo está bem se apenas não permitir que eles promovam suas heresias quanto

estiverem entre nós. Isso é tolo e ingênuo. É também desobediência à instrução bíblica. Paulo escreve que não devemos “participar dos pecados dos outros” (1Tm 5.2). Dar a hereges qualquer sinal de respeito, apoio ou endossamento é compartilhar do pecado deles. É adultério espiritual, um sinal de infidelidade ao Senhor Jesus. É bem melhor seguir o mandamento apostólico: “Afastem-se desses também”.

23. TEOCENTRISMO VS. ANTROPOCENTRISMO

Saiba disto: nos últimos dias sobrevirão tempos terríveis. Os homens serão egoístas, avarentos, presunçosos, arrogantes, blasfemos, desobedientes aos pais, ingratos, ímpios, sem amor pela família, irreconciliáveis, caluniadores, sem domínio próprio, cruéis, inimigos do bem, traidores, precipitados, soberbos, mais amantes dos prazeres do que amigos de Deus, tendo aparência de piedade, mas negando o seu poder. Afaste-se desses também.

São esses os que se introduzem pelas casas e conquistam mulheres instáveis sobrecarregadas de pecados, as quais se deixam levar por toda espécie de desejos. Elas estão sempre aprendendo, e jamais conseguem chegar ao conhecimento da verdade. Como Janes e Jambres se opuseram a Moisés, esses também resistem à verdade. A mente deles é depravada; são reprovados na fé. Não irão longe, porém; como no caso daqueles, a sua insensatez se tornará evidente a todos. (2 Timóteo 3.1-9)

O traço fundamental desses não cristãos, quer estejamos falando sobre a doutrina ou caráter deles, é que eles são “amantes de si mesmos” “amantes dos prazeres”, e não “amantes de Deus” (NIV). Isso é similar ao que queremos dizer quando afirmamos que a doutrina e ética cristã são centradas em Deus, enquanto a doutrina e ética não cristã são centradas no homem. Chamamos uma de pensamento teocêntrico, e a outra de pensamento antropocêntrico.

O pensamento antropocêntrico coloca o homem no centro de uma cosmovisão, e apresenta certas suposições sobre o homem que são consideradas essenciais e inegociáveis. Essas suposições são consideradas essenciais e inegociáveis não porque sejam racionalmente necessárias, mas porque são desejáveis e consistentes com as inclinações ímpias dos não regenerados. Elas são racionalmente arbitrarias e injustificadas. Uma vez que essas suposições estão presentes, todas as outras coisas são categorizadas, priorizadas e interpretadas relacionando-as com essa preocupação central, o homem, de uma maneira que seja consistente com e controlada por essas suposições essenciais e inegociáveis.

Por exemplo, se é considerado importante o homem possuir livre-arbítrio, então essa é uma suposição básica pela qual até mesmo a natureza e a ação de Deus são interpretadas. Os cristãos são frequentemente incapazes de romper com o pensamento centrado no homem, de forma que eles introduzem preocupações antropocêntricas em suas construções teológicas. Dessa forma, temos heresias como o arminianismo e o teísmo aberto. Um exemplo mais sutil seria uma doutrina enganosa como o compatibilismo. Uma teologia centrada em Deus atribuiria todo poder, toda causa e toda liberdade a Deus, e negar que o homem tenha livre-arbítrio. O fundamento da responsabilidade moral descansaria unicamente na soberania de Deus, e não em alguma liberdade ou escolha no homem.

A natureza do centro, ou fundamento, de uma cosmovisão determina o restante do sistema de pensamento da pessoa. Por exemplo, um sistema centrado no homem pode assumir a confiabilidade da sensação humana em vez da confiabilidade da

revelação humana, e procedendo disso, o sistema pode também depender do método falacioso de experimentação científica. Os cristãos que permanecem cativos ao pensamento centrado no homem até mesmo tornam a confiabilidade da sensação uma pré-condição para qualquer confiabilidade na revelação divina. Isso coloca o próprio homem como o centro de todo conhecimento. Há uma escola de pensamento que faz isso, mas ao mesmo tempo é famosa por alegar que Deus é a pressuposição ou pré-condição de todo conhecimento! Como Paulo escreve, os “impostores irão de mal a pior, enganando e sendo enganados”. Ela é centrada em Deus na aparência, pelo menos para aqueles que são enganados por suas alegações, mas na realidade é centrada no homem.

Então, quando diz respeito à ética centrada no homem, certo e errado não são definidos por mandamentos divinos, mas pela relação de uma determinada ação com as suposições básicas sobre o homem. Assim, porque a dignidade e bem-estar do homem é primordial, uma ação poderia ser considerada moralmente aceitável simplesmente porque, na opinião dos pensamentos antropocêntricos, não prejudica o bem-estar de nenhum homem. É completamente irrelevante se a ação é consistente com o mandamento de Deus ou se o honra. Dessa forma, por exemplo, alguns não cristãos argumentam que a homossexualidade é moralmente aceitável porque não inflige nenhum dano a outras pessoas. Mas por que esse é o padrão de julgamento moral? E como dano é definido? Pode ser argumentado que a homossexualidade é danosa em algum sentido mesmo quando avaliada por um padrão antropocêntrico.

Um exemplo de transigência cristã na área de ética é o absolutismo ideal. Nesse sistema predominante de ética, primeiro, os mandamentos de Deus são priorizados, frequentemente não de acordo com a revelação mas de acordo com a opinião do homem. Segundo, muitas situações são ditas apresentar dilemas, de acordo com o julgamento do homem, nos quais dois mandamentos divinos (ou pelos dois) parecem se aplicar, mas uma pessoa deve violar um deles para obedecer o restante. Terceiro, o mandamento que é considerado ser o superior é obedecido, e o outro é quebrado, enquanto a violação deste, sem fundamento bíblico para assim o dizer, não é considerado como pecado. O absolutismo ideal é na realidade um relativismo disfarçado.

A rebelião é bem explícita, mas a blasfêmia está implícita. Isto é, quando Deus deu os mandamentos, ele não teve a inteligência ou a perspicácia para perceber que eles gerariam dilemas éticos em muitas situações, nas quais seria impossível obedecer todos os mandamentos relevantes. Mas parece que o homem detecta esses dilemas com maior facilidade. Podemos não ser capazes de matar Deus, mas podemos pelo menos enganá-lo. Assim, priorizamos os seus mandamentos, algumas vezes de acordo com a sua revelação, algumas vezes de acordo com o nosso próprio julgamento, e decidimos obedecer somente aqueles que consideramos viáveis em qualquer situação.

Pode ele esperar mais de nós? O que? Obediência total a todo mandamento em cada situação? Deus realmente pensa que ele é Deus? E se alguém bate à porta e exige saber a localização de um amigo para que possa assassiná-lo? Esse é o caso de teste clássico. Não é mais importante proteger a vida de um homem do que dizer a verdade, embora a verdade seja o princípio pelo qual Deus age, por meio da qual ele estabelece o valor da vida, e pela qual ele nos testifica o evangelho da graça? Mas não existe nenhuma forma de obedecer os dois mandamentos, existe? O que você diria? Tentaríamos subjugar o agressor, ou recusaríamos revelar a informação e sofrer o risco da tortura, ou mesmo sacrificar a nossa própria vida para salvar o amigo? Você deve estar brincando. Nós lhe demos apenas duas opções entre as quais escolher. O

pensamento centrado no homem não pode processar a coragem abnegada e o sacrifício. Pare de nos confundir.

Considere o que isso significa para Jesus Cristo. A Escritura diz que ele foi tentado, mas nunca pecou. O que isso significaria de acordo com os proponentes do absolutismo ideal? Eles dizem que os mandamentos divinos frequentemente se contradizem devido às circunstâncias nas quais eles se aplicam, e quando se contradizem, a coisa certa a fazer é obedecer o mandamento superior, enquanto desobedecer ao mandamento menor não é contado como pecado. Isso significa que, na visão deles, Jesus poderia ter matado milhares de pessoas com as suas próprias mãos — homens, mulheres e crianças — mas enquanto estivesse obedecendo um mandamento superior em cada caso, ele nunca teria pecado ou assassinado ninguém. Ou, ele poderia ter cometido fornicação, até mesmo atos homossexuais, centenas de milhares de vezes. Ele poderia ter estuprado milhares de mulheres e crianças. Ele poderia ter roubado centenas de milhares de vezes, e mentido centenas de milhares de vezes. Se ele foi compelido a fazer isso em cada caso para obedecer a um mandamento superior, então ele não pecou.

Pelo menos por implicação, essa é a ideia deles da impecabilidade de Cristo. Se eles não abandonam o absolutismo ideal após esse ter sido clara e repetidamente explicado para eles, então eles deveriam ser julgados perante a igreja e excomungados. Pessoas que sabem que sua doutrina implica essa blasfêmia sobre Cristo e ainda insistem nela não podem ser consideradas cristãs. E todos aqueles que poupam-os compartilham de seu pecado. A única visão correta é reconhecer que os mandamentos de Deus nunca contradizem um ao outro, e que é sempre logicamente possível obedecer todos eles.

À luz do material acima sobre pensamento antropocêntrico, o pensamento teocêntrico precisa somente de uma breve explicação. Em vez de colocar o homem, e o que é considerado sua capacidade inerente de descobrir informação, no centro de um sistema de pensamento, este pensamento coloca Deus e sua revelação no centro do sistema. As suposições básicas dizem respeito aos atributos de Deus — que ele é criador, sustentador, governador, e eterno, onipresente, onisciente, onipotente, santo, justo, misericordioso e assim por diante — e os atributos da Escritura — que ela é inspirada, verdadeira, completa, racional, consistente, autoritativa e assim por diante. Essas suposições são essenciais e inegociáveis. E uma vez que estão presentes, todas as outras coisas são categorizadas, priorizadas e interpretadas relacionando-as com essa preocupação central, Deus, de uma maneira consistente com e controlada por essas suposições essenciais e inegociáveis.

Assim, o restante do sistema é também muito diferente de uma cosmovisão centrada no homem. Quando diz respeito a doutrinas, a majestade e soberania de Deus são determinativas, e não a dignidade e liberdade do homem. Quer estejamos falando sobre metafísica ou soteriologia, as conclusões corretas concordarão com esse princípio. E quando diz respeito à ética, a preocupação central não é o conforto e bem-estar do homem, mas a honra de Deus. Os mandamentos de Deus definem o certo e errado, e todos os seus mandamentos devem ser obedecidos em toda situação. Não existe situação na qual as circunstâncias requeiram que uma pessoa desobedeça a um mandamento divino. Talvez ele desobedecerá por causa de defeitos em sua inteligência e caráter, mas nenhuma situação torna uma impossibilidade lógica prestar obediência completa a todos os mandamentos divinos.

É evidente que essas duas formas de pensamento e esses dois tipos de sistemas não são apenas radicalmente diferentes, mas mesmo nos princípios básicos estão em conflito. Os dois sistemas nunca podem concordar verdadeiramente em algo. Uma pessoa não pode reter o mesmo fundamento e modificar somente os detalhes. Por essa razão, para um não cristão concordar com Deus, ele deve abandonar seus princípios antropocêntricos e abraçar princípios teocêntricos. Portanto, uma pessoa que chega à fé em Jesus Cristo não adiciona simplesmente um pedaço de informação à sua atual filosofia antropocêntrica. Antes, ele renuncia toda a sua antiga cosmovisão, e adota um novo fundamento, uma nova forma de pensamento, uma nova estrutura e sistema intelectual.

Nenhuma persuasão sobre a base de suposições antropocêntricas pode realizar isso, pois as suposições antropocêntricas não podem levar a conclusões teocêntricas, e o jeito é ele adotar uma nova série completa de princípios teocêntricos. Dessa forma, quer isso seja efeito ou não na ocasião de uma apresentação de argumentos, esse evento ocorre numa pessoa quando Deus a transforma mediante uma ação direta na alma. Isso é o que chamamos de conversão. O produto é uma pessoa que não somente exhibe uma forma de piedade, mas também possui o seu poder.

24. INTELIGÊNCIA PARA SALVAÇÃO

Quanto a você, porém, permaneça nas coisas que aprendeu e das quais tem convicção, pois você sabe de quem o aprendeu. Porque desde criança você conhece as Sagradas Letras, que são capazes de torná-lo sábio para a salvação mediante a fé em Cristo Jesus. (2 Timóteo 3.14-15)

É uma máxima não cristã que as pessoas deveriam viver autenticamente, ou que deveriam ser verdadeiras consigo mesmas. O problema é que quando pessoas terríveis vivem a sua verdadeira natureza, o resultado são tempos terríveis. Todos os tipos de males florescem na sociedade porque pessoas más vivem autenticamente. Eles pensam e se comportam de acordo com a natureza de seu pai, o diabo. Muitos deles estão infiltrados até na igreja. Exibem uma forma de piedade, mas negam o seu poder em seu caráter e doutrina. Eles se opõem à verdade e perseguem os justos.

Mas nós estamos aqui para nos opormos a ele. Embora conspirarem contra nós, a Bíblia diz que o Senhor está assentado em seu trono e ri deles. Assim como o Senhor ri dos seus inimigos, Elias zombou dos falsos profetas. Aqueles que são fieis ao evangelho deveriam seguir o seu exemplo piedoso e ridicularizar os incrédulos. Honramos a Deus quando escarnecemos aqueles que desprezam a sua sabedoria e poder. Encorajamos os eleitos quando os lembramos que a incredulidade é tola e fútil, e que é apropriado, mesmo necessário, assim dizê-lo. E nos opomos contra as investidas dos não cristãos quando demonstramos que são eles os irracionais e imorais. Para parafrasear a confrontação entre Acabe e Elias, quando eles dizem, “Vocês são aqueles que perturbam este mundo?” respondemos, “Não! Vocês são!”.

Paulo diz que ele é diferente dos falsos mestres e impostores religiosos. Enquanto eles são ingratos, profanos, sem amor, e assim por diante, e enquanto eles se opõem à verdade, o apóstolo aponta para a sua sã doutrina, sua forma de vida, seu propósito, fé, paciência e outras qualidades piedosas. Ele também menciona que ele suportou perseguição inúmeras vezes. Suas doutrinas, virtudes e sofrimentos são informações públicas.

Comentaristas se apressam para explicar porquê a declaração de Paulo não constitui ostentação arrogante de suas realizações. O que é estranho é tal defesa ser necessária. Talvez eles mencionem isso em benefício dos leitores. Claramente, Paulo não se considera arrogante, nem existe algo na Escritura que condenaria esse tipo de conversa franca. Assim, a menos que abordemos a Bíblia com um padrão de humildade que seja alheio à Bíblia — um padrão antibíblico — consideraríamos isso como uma declaração verdadeira sobre a obra da graça de Deus nele, e nem sequer cruzaria nossas mentes que ele poderia estar fazendo um alarde arrogante sobre sua própria espiritualidade. A forma como abordamos a Escritura expõe nossas atitudes e preconceitos. Em todo caso, o apóstolo fornece uma declaração direta para se contrastar contra aqueles que têm uma forma de piedade, mas negam o seu poder.

Então ele diz para que Timóteo também seja diferente. A forma de fazer isso é “permaneça nas coisas que aprendeu e das quais tem convicção”. Novamente, a diferença básica é doutrinária. Paulo diz que Timóteo está convencido das doutrinas que tinha aprendido. Esse é um contraste nítido com aqueles indivíduos espiritualmente

fracos e confusos, que estão “sempre aprendendo, e jamais conseguem chegar ao conhecimento da verdade”.

Algumas pessoas estão sempre curiosas sobre as últimas teorias e movimentos religiosos. Eles gostam de ter trechos do ensino aqui e ali, comentar sobre ele, e argumentar sobre ele. Costumamos reclamar que há tantos estudos bíblicos sem supervisão competente, onde crentes ignorantes, seduzidos por seus próprios desejos e preconceitos, têm a permissão de contribuir com suas opiniões sobre a Escritura. Agora temos a internet, de forma que eles nem mesmo precisam deixar seus lares para fazer isso.

Alguns são mais aventureiros e até mesmo arranjam debates públicos para defender o cristianismo. Mas para eles todo o empreendimento é uma busca pessoal e acadêmica. Eles se deleitam nas discussões e controvérsias, mas não no Senhor Jesus Cristo. Esse não é o zelo ou amor genuíno por Deus, mas é apenas outro exemplo de uma forma de piedade sem seu poder. Suas atividades constituem uma forma de entretenimento para eles mesmos. Sua obra parece ser um ministério somente porque acontece de estarem do lado da fé cristã, pelo menos por ora. Em vez disso, deveríamos aprender a verdade e nos tornarmos convencidos dela, estabelecidos nela e permanecermos firmes nela.

Timóteo tinha aprendido as doutrinas corretas a partir de instrutores confiáveis, desde que era um infante. Pais e ministros deveriam ensinar doutrinas bíblicas às crianças pelo menos tão logo sejam capazes de entender a linguagem. Ainda melhor, eles deveriam ensinar a linguagem às crianças por meio de doutrinas bíblicas. É comumente assumido que crianças acham doutrinas chatas e difíceis. Assim, em vez de ensinar-lhes os profetas do Antigo Testamento e as epístolas de Paulo, contamos-lhes histórias sobre a Arca de Noé, Sansão, e Davi e Golias. Sem dúvida, essas são histórias muito boas, mas não devemos apresentá-las somente como histórias, mas como eventos históricos colocados no contexto da revelação de Deus concernente aos seus propósitos e ações no tempo, levando à aparição de Jesus Cristo, e também explicando seu lugar no sistema de doutrinas cristãs. Não cabe a nós assumir no lugar das crianças que doutrinas são chatas e difíceis. Ensine-as. Deixe que os pequenos réprobos durmam, mas dê às crianças eleitas uma chance de aprender. Pode haver um Timóteo entre elas.

Um teólogo famoso publicou recentemente um livro de teologia sistemática para crianças. É uma ideia maravilhosa. Contudo, essa obra de outra forma decente está marcada de repetidos avisos que algumas das doutrinas sob consideração são difíceis de entender. Mas isso é quase sempre precedido ou seguido por explicações claras e simples das doutrinas, e na maioria das vezes as explicações são boas ou pelo menos aceitáveis. Parece que o escritor foi programado pela tradição religiosa que deve-se supor que algumas doutrinas são difíceis de entender, de forma que isso é o que uma pessoa deveria dizer mesmo que ela seja capaz de explicar quase tudo claramente e em termos simples.

Contudo, isso é uma injustiça grosseira às crianças, até mesmo um envenenamento de suas mentes, dizer-lhes que certas doutrinas são difíceis de entender, a menos que a própria Bíblia declare especificamente que essas doutrinas são difíceis para a compreensão humana. De outra forma, estaríamos impondo nossa própria incompetência e tradição antibíblica sobre a próxima geração. O apóstolo Pedro admite que alguns dos escritos de Paulo são difíceis de entender. Mas ele não especifica passagens ou doutrinas particulares. Em adição, até mesmo algo que seja difícil de entender pode ser entendido – difícil não significa impossível. E algo que costumava ser

difícil de entender, uma vez entendido, pode ser entendido melhor e melhor até que se torne fácil explicar e pensar sobre o assunto. A menos que a Bíblia seja mais específica, não cabe a algum teólogo nos dizer o que pode ou não ser entendido simplesmente porque ele acha difícil, ou simplesmente porque ele pensa que somos estúpidos. Ele não tem direito de impor suas próprias limitações e preconceitos sobre nós. Vamos parar de instalar bloqueios mentais na mente das nossas crianças, para que elas possam ir além de nós.

Paulo observa que os escritos sagrados são capazes de tornar Timóteo “sábio para a salvação mediante a fé em Cristo Jesus”. Como o faz em outros lugares, o apóstolo coloca a diferença entre cristãos e não cristãos como uma questão de sabedoria, isto é, de intelecto e de inteligência. Em sua carta aos Romanos, ele se refere aos homens ímpios que tinham recusado reconhecer ou adorar a Deus desde a criação do mundo. E ele diz: “Os seus pensamentos tornaram-se inúteis e as suas mentes estúpidas estão nas trevas. Eles alegam ser sábios, mas são tolos” (Romanos 1.21-22, CEV).

É estranho que mesmo cristãos insistem que os não cristãos são inteligentes. De que lado eles estão? Algumas vezes eles atribuem um significado limitado à sabedoria, restringido-a assim às questões morais. Assim, os incrédulos são “moralmente estúpidos”. Esse argumento falha por pelo menos três razões. Primeiro, a Bíblia não usa essa ou palavras equivalentes nesse sentido limitado. O contexto sempre leva a uma interpretação intelectual, ou seja, que os não cristãos são intelectualmente estúpidos. Segundo, a Bíblia distingue entre ser estúpido e ser ímpio, e declara que os incrédulos são tanto estúpidos como ímpios, não apenas ímpios. Terceiro, a Bíblia diz que os incrédulos “alegam ser sábios”, mas essa alegação é incorreta. Mas os incrédulos não alegam ser sábios somente num sentido moral. A menos que esses cristãos estejam prontos para acusar a Bíblia de equívoco, quando ela diz que os não cristãos são tolos, isso corresponde à alegação dos incrédulos que eles são sábios — isto é, não somente no sentido moral. Portanto, o ensino da Bíblia é que os não cristãos são pessoas ignorantes — eles são tolos estúpidos e sem inteligência. Sem dúvida, eles também são ímpios. Essa qualidade está relacionada à tolice, mas é distinguível dela.

A Escritura dá sabedoria que leva à salvação. Isso pressupõe pecado e inferno. Fomos resgatados dessas coisas pela sabedoria que recebemos das doutrinas bíblicas. Essa sabedoria ensina o caminho da fé, e isso significa que é necessário uma crença pessoal em algo definido. A salvação não é automática e universalmente aplicada, mas somente certas pessoas a recebem, e essas pessoas são marcadas pela fé.

Essa fé é em “Cristo Jesus”. Isso está associado com uma ideia definida de Deus, da encarnação, da expiação e ressurreição. A fé da salvação é definida, e seu foco é singular e exclusivo. A salvação pertence àqueles que inteligentemente creem no que a Escritura diz sobre Jesus Cristo. Qualquer proposta que não seja da fé, ou que não seja da fé em Cristo, além de não ser inteligente, é incapaz de salvar alguém da condenação eterna.

25. INSPIRADA POR DEUS

Toda a Escritura é inspirada por Deus e útil para o ensino, para a repreensão, para a correção e para a instrução na justiça, para que o homem de Deus seja apto e plenamente preparado para toda boa obra. (2 Timóteo 3.16-17)

Paulo escreve que a Escritura “é dada por inspiração de Deus” (KJV). Inspirar significa respirar ou soprar *em* algo. Contudo, a palavra grega refere-se à expiração, inspirar ou soprar. Inspiração pode se referir a mero estímulo ou incitamento. Isto é, um cenário grandioso pode “inspirar” um poema ou pintura. Um evento emocionante pode “inspirar” um romance ou documentário. O triunfo de um herói improvável pode “inspirar” outros a alcançar objetivos maiores. Frequentemente nos referimos à inspiração nesse sentido fraco, mas há somente uma relação indireta entre o que inspira e o que é inspirado. De fato, a relação consiste de mera correlação, não causalidade direta. Essa ideia de inspiração está longe do que a Escritura ensina sobre o relação de Deus com ela, isto é, como ele produziu a Bíblia.

A NIV é mais literal e diz: “Toda a Escritura é sopro de Deus”. A ESV deixa o significado claro: “Toda a Escritura é soprada por Deus”. Ele não produziu a Bíblia meramente estimulando as mentes dos escritores ou sugerindo ideias para eles. Ele o fez por causalidade direta. Você diz: “Certamente isso não pode ser, visto que os autores humanos foram aqueles que escreveram as palavras”. Mas Deus não é um homem – ele não escreve apenas palavras no papel, mas também planetas e galáxias inteiras. Não, ele “escreveu” os próprios autores humanos por sua criação e providência, e então causou de forma direta os autores humanos escreverem o que ele queria que escrevessem. Isso não significa que ele suspendeu a consciência deles. Seu controle foi bem mais extensivo que isso — ele “escreveu” os próprios pensamentos e personalidades deles. Pedro nos diz que os profetas “falaram da parte de Deus, impelidos pelo Espírito Santo” (2 Pedro 1.21).

Não é necessário abandonar o uso de “inspiração”. A palavra tomou um significado teológico que poderia representar fielmente a doutrina da Escritura. Exceto para aqueles que não estão familiarizados ou sejam infiéis à doutrina, entende-se que a palavra não se refere a mero estímulo ou incitamento, mas um exercício do poder sobrenatural de Deus em comunicar seus pensamentos, controlar os escritores humanos e assegurar o registro exato de suas palavras. Isso é o que queremos dizer por inspiração divina, ou que a Bíblia foi dada pela inspiração de Deus. Então, por sua providência, Deus causou que os vários documentos fossem compilados num único volume completo, sem nenhum erro, e com nada adicionado ou subtraído dele.

A Bíblia é inspirada, infalível e inerrante. Essa doutrina é uma crença obrigatória para todos os cristãos, todos os líderes e membros de igreja, e todos professores de seminário. Excomungamos aqueles que afirmam heresia após terem sido repetidamente instruídos e advertidos, mas a Escritura é o padrão pelo qual a verdade é conhecida e a heresia detectada, bem como a base da autoridade pela qual a comunidade cristã expulsa os membros impenitentes. De fato, a Escritura é o padrão pelo qual tudo sobre o próprio cristianismo é definido.

Portanto, a nossa visão sobre a Escritura é o cerne da questão. Essa é uma batalha da qual nenhum cristão pode correr, e esse é um lugar onde nenhuma transigência e nenhuma discordância pode ser tolerada. Essa é uma doutrina que não está aberta à negociação, e cuja verdade não está sequer aberta à discussão. Nosso conflito com aqueles que rejeitam a doutrina da inspiração divina não é uma disputa sobre semântica, ou uma controvérsia tola e improdutiva. É isso. Ela é tudo.

Por essa razão, os dissidentes devem ser confrontados com o mais duro tratamento imaginável que esteja dentro dos limites bíblicos e legais. Isso inclui ridicularização e condenação pública, o uso de orações imprecatórias contra eles, e a excomunhão, incluindo a remoção física deles da igreja e das instalações do seminário. Os infratores deveriam ser removidos do emprego quando aplicável. Qualquer igreja ou seminário que paga alguém para resistir à inspiração e inerrância bíblica não merece existir. Não deve haver nenhuma clemência. Aqueles que discordam abertamente com essa política deveriam ser considerados como cúmplices e co-conspiradores contra o Senhor, e deveriam ser punidos da mesma maneira.

Sem dúvida, eu não espero que isso seja implementado em igrejas e seminários, pois no atual período da história, parece que a maioria das pessoas que se chamam cristãs não se importam com o Senhor Jesus a esse ponto. Eles preferem muito mais deixá-lo sofrer desgraça do que fazer sequer o mínimo esforço para erradicar o mal em suas congregações, muito menos uma política tão fiel a Deus e à Escritura que certamente encontraria tremendo ataque e resistência.

Algumas vezes a Escritura é rejeitada de formas menos direta, de modo que existem pessoas que alegam afirmar a inspiração da Escritura, mas que discordam com o que isso significa. Por exemplo, existem teólogos que asseveram que, por causa do grande abismo ou distinção entre Deus e os homens, entre o criador e as suas criaturas, os homens podem conhecer a mente de Deus de uma maneira análoga na melhor das hipóteses. Portanto, mesmo a Escritura não pode falar de Deus ou revelar Deus de uma maneira exata ou unívoca. Contudo, a Escritura não se apresenta dessa forma. Ela se apresenta como uma revelação unívoca da mente de Deus.

Paulo escreve: “Isso é o que falamos, não com palavras ensinadas pela sabedoria humana, mas com palavras ensinadas pelo Espírito, expressando verdades espirituais em palavras espirituais” (1 Coríntios 2.13, NIV). Ele não diz, “expressando verdades espirituais em palavras naturais”, mas “palavras espirituais”, ou palavras que são capazes de expressar o significado de verdades espirituais. Isso significa que Deus é realmente como ele se descreve na Escritura, e que ele realmente pensa da forma como diz pensar. Não há diferença. Sem dúvida, Deus conhece e pensa mais do que ele diz na Escritura, mas na extensão em que a Bíblia diz o que diz, isso é o que Deus pensa e diz. A Bíblia é a expressão exata, perfeita e unívoca da mente de Deus. Negar isso é rejeitar a inspiração e autoridade da Escritura. Uma vez que isso seja clara e repetidamente explicado aos infratores, se não se arrependem, eles deveriam ser tratados da mesma forma como aqueles que explicitamente rejeitam a inspiração e inerrância bíblica.

Esses teólogos e aqueles que os seguem têm invadido igrejas e seminários, e têm se estabelecidos como defensores fiéis da fé, ocultando a heresia deles por detrás de uma falsa humildade, a saber, a suposição que a diferença entre criador e criatura envolve uma diferença qualitativa total entre os pensamentos de Deus e os nossos pensamentos. A Bíblia de fato diz que os caminhos de Deus são mais altos que os nossos caminhos, que seus pensamentos são mais altos que os nossos pensamentos, e

que “mente nenhuma imaginou o que Deus preparou”, mas então ela adiciona: “mas Deus o revelou a nós por meio do Espírito” (1 Coríntios 2.10).

Portanto, negar que conhecemos os pensamentos exatos de Deus na extensão que ele os revelou na Escritura, e da exata forma como ele pensa tais pensamentos, é rejeitar não somente a ideia da inspiração da Escritura, mas o conteúdo real da Escritura. Esses teólogos e seus seguidores falam tanto sobre finitude humana que estou inclinado a crer que eles são vastamente mais finitos do que o restante de nós. Assim, certeza paciência é necessária quando explicando a eles novamente os ensinamentos elementares de Cristo. Contudo, chega um momento em que a idiotice parece estar tão misturada com a obstinação que eles devem ser considerados como hereges impenitentes que negam a inspiração, a utilidade e os ensinamentos da Escritura. Eles alegam honrar a Deus com a falsa humildade deles, mas na realidade eles abrigam um desprezo secreto por ele, e a doutrina deles abre espaço para que eles mantenham suas visões pessoais e especulativas com respeito à natureza de Deus e do homem, e a relação entre as duas.

Visto que eles transformam a revelação bíblica em comunicação análoga, como eles podem crer no evangelho unívoco? A fé deles nunca pode subir acima do nível de uma analogia. Portanto, embora aleguem ser cristãos fiéis, eles são cristãos apenas num sentido analógico — isto é, cristãos, mas não exatamente. Se, contrário à sua teologia, alguns deles têm uma fé unívoca no evangelho, então embora sejam cristãos verdadeiros, eles estão ensinando as pessoas a terem somente uma analogia de crença na verdade, visto que mesmo uma crença unívoca numa analogia da verdade pode equivaler somente a uma analogia de crença na verdade. Em outras palavras, ninguém que verdadeiramente afirme tal teologia crê no evangelho. A menos que uma pessoa rejeite pelo menos implicitamente essa teologia, ela não pode ser um cristão. E se a afirma explicitamente, mas a rejeita implicitamente, é um hipócrita e enganador.

O que a Bíblia diz é o que Deus diz. Não há diferença. Por essa razão, a atitude de uma pessoa para com a Bíblia é sua atitude para com Deus. Aos incrédulos, aos hereges, e aos teólogos da analogia e paradoxo, essas são novas ruínas, pois significa que não existe nenhuma barreira significativa entre eles e a voz de Deus. Não há base para a escusa que não podemos saber o que Deus diz ou o que ele quer dizer. As palavras explícitas e unívocas de Deus estão diante de nós.

Por outro lado, aqueles que reverenciam a Deus se regozijam nesse fato, que Deus nos deu uma revelação exata de si mesmo, de seus pensamentos e mandamentos, da natureza da realidade, do homem e do mundo, e da salvação, e que ele expressou essa revelação em declarações explícitas e unívocas, e não em analogias e paradoxos. Queremos nos submeter à sua autoridade, e não nos esconderemos por detrás de escusas e diremos que isso ou aquilo é difícil de entender, ou essa ou aquela declaração deve significar algo diferente do que dizem as palavras. Queremos ouvi-lo e ser ensinados por ele, e podemos, pois na Bíblia ele fala claramente, e o que ele diz ali é o que quis dizer, e o que ele verdadeiramente pensa em sua mente divina.

A autoridade, utilidade e suficiência da Escritura é portanto estabelecida sobre essa base, que a Bíblia é divinamente inspirada, e que seu conteúdo é compreensível e sua linguagem é unívoca. Como você pode me ensinar algo, ou ser tão presunçoso a ponto de me repreender, quando tudo o que você tem é uma analogia do que Deus quer dizer? Por que eu deveria prestar alguma atenção, quando a base de suas afirmações é uma interpretação de uma analogia por uma mente ridiculamente finita que insiste em ver paradoxos? Deixe-me ouvir do próprio Deus, direta e univocamente, ou fale comigo

sem analogias e paradoxos, e eu irei acreditar e obedecer. Isso é o que temos na Bíblia, e isso é o que a verdadeira pregação realiza, de forma que a Escritura é útil para “o ensino, para a repreensão, para a correção e para a instrução na justiça”.

Embora seja um mero homem, eu tenho a autoridade de ensinar outra pessoa, e dizer-lhe no que acreditar sobre Deus, homem, pecado e salvação, pois enquanto comunicar-lhe o que a Bíblia diz, é como se Deus falasse com ele, e Deus tem a autoridade de ensinar-lhe essas coisas. Embora eu seja um mero homem, e não tenha nenhum conhecimento direto do coração do homem ou a autoridade para condená-lo, Deus tem esse conhecimento e autoridade, e a Bíblia é o próprio Deus falando; portanto, a Bíblia tem a autoridade de repreender e corrigir. E conquanto eu fale de acordo com a revelação bíblica, tenho a autoridade para repreender e corrigir aqueles que estão em erro em sua doutrina e comportamento. Quando a mensagem da Bíblia é fielmente comunicada, é como se Deus estivesse falando, ensinado e repreendendo. Todos os crentes são sacerdotes de Deus, e têm a permissão de manejar a Escritura, ensinar e repreender, mas aqueles a quem Deus chamou para serem ministros do evangelho são especialmente autorizados e obrigados a fazê-lo.

26. PROCLAME A SÃ DOUTRINA

Pregue a palavra, esteja preparado a tempo e fora de tempo, repreenda, corrija, exorte com toda a paciência e doutrina. Pois virá o tempo em que não suportarão a sã doutrina; ao contrário, sentindo coceira nos ouvidos, juntarão mestres para si mesmos, segundo os seus próprios desejos. Eles se recusarão a dar ouvidos à verdade, voltando-se para os mitos. (2 Timóteo 4.2-4)

As principais preocupações de Paulo são a honra de Deus e o progresso do evangelho. Visto ter alcançado o final de sua vida e ministério, ele agora ordena, diante de Deus e de Jesus Cristo, que Timóteo continue a obra.

Os profetas, os apóstolos e o próprio Senhor têm estabelecido a presença da fé cristã no mundo. O Senhor Jesus disse que essa é uma presença permanente, e que as forças do inferno não prevalecerão contra a igreja. A religião cristã nunca será exterminada, e suas doutrinas nunca podem ser refutadas ou destruídas. Contudo, de acordo com o plano de Deus, o cristianismo continuará a ter os seus inimigos. Haverá aqueles que resistem a ele e tentam aniquilá-lo. Haverá aqueles que recusam abraçar a única pessoa e mensagem que pode salvar as almas miseráveis dos homens, e que ainda tentar impedir que outros entrem na vida eterna. Embora nunca terão sucesso em seus esquemas perversos, seus esforços permanecerão mais que um simples aborrecimento aos seguidores de Jesus Cristo.

Paulo diz a Timóteo algo sobre o que a igreja enfrentará, incluindo as profundezas da depravação na qual os não cristãos se afundarão. Haverá tempos terríveis. As pessoas serão amantes de si mesmas, do dinheiro e do prazer, e não amantes de Deus. Elas serão ingratas, profanas, sem amor, implacáveis, caluniadoras, e assim por diante. Elas terão uma forma de religião, mas negarão o seu poder. Algumas alegarão ser religiosas, ou mesmo cristãos, mas na verdade irão se opor à verdade. Homens maus e impostores, ele escreve, irão de mal a pior, enganando e sendo enganados.

Qual é a instrução de Paulo para a igreja que encara oposição de todo lado, e enfrenta problemas de todos os tipos? Tempos terríveis estão aqui e estão mais adiante, e o ministério do apóstolo está prestes a chegar ao fim. Se há uma arma potente, uma estratégia especial, um entendimento espetacular, agora é o tempo de falar sobre isso. Com uma solenidade quase ameaçadora que é insuperável em qualquer outro lugar, ele encarrega Timóteo: “Pregue a Palavra”. Devemos ter isso fixado em nossas mentes: quando diz respeito ao ministério, essa é a única prescrição apostólica que se aplica a todos os tempos e em todas as situações.

A fim de reduzir a reduzir a ofensa, mostrar respeito, demonstrar humildade, e incitar interesse, a pregação têm frequentemente sido remodelada em termos não autoritativos. Assim, em vez de “pregar”, o ministro com frequência diz “compartilhar” a palavra de Deus ou “discutir” com a congregação o que deveria ser crido e praticado. Embora seja inteiramente apropriado compartilhar e discutir os ensinamentos da Bíblia, aqui Paulo não diz compartilhar ou discutir, mas pregar. Há uma diferença. Preguar é afirmar, declarar e proclamar com conhecimento, convicção e autoridade. É entregar uma palavra da parte de Deus sobre algo de importância considerável.

Paulo diz que o conteúdo da pregação é “a Palavra”. Aqui ela é sinônimo daquilo que algumas pessoas recusariam ouvir, isto é, “sã doutrina”. Embora nossa pregação deva ser totalmente consistente com a Escritura, ela não é idêntica à Escritura. Preguar não é simplesmente ler a Bíblia em voz alta, pois se fosse esse o caso, não haveria na verdade nenhuma necessidade de algo como pregação, e uma pregação não seria boa ou ruim, correta ou incorreta. E não haveria nenhuma diferença entre um pregador bom e ruim. Todos seriam leitores. Nem deveria um pregador parecer um comentário. Antes, o pregador assimila a Escritura e então declara a sua mensagem.

Novamente, a pregação sempre deve ser bíblica no sentido que deve seguir “o modelo da sã doutrina” (2 Timóteo 1.13). Mas ela é um padrão, não um roteiro. É um modelo, não um esboço preparado. Peritos em homilética com frequência prescrevem métodos pelos quais o pregador pode realizar melhor a sua tarefa. O método expositivo, pelo qual tanto o título como o conteúdo dos sermões são derivados de uma passagem, é considerado por muitos como a abordagem preferida. Contudo, visto que a própria Bíblia não ordena nenhum método particular, e os peritos em homilética têm falhado em provar que ela o faça, ou mesmo provar que existe um a ser preferido, ninguém tem a autoridade para afirmar que um pregador é fiel, ou mais fiel, à sua comissão apenas se usar o método expositivo.

Paulo pregou a sã doutrina tão fielmente aos atenienses em Atos 17, onde ele não citou nenhuma passagem bíblica, quanto Pedro, quando este usou uma abordagem “texto prova” em Atos 2. Mas pregar sem citar a Escritura, e citar passagens meramente como textos prova, são considerados como métodos inferiores ou mesmo inaceitáveis por muitos peritos em homilética terroristas. A verdade é que, embora o pregador deva sempre ser verdadeiro à Bíblia, a Bíblia permite muita liberdade e variedade na construção e apresentação do sermão. Ele deve pregar a sã doutrina, mas não deve deixar que os peritos em homilética digam como ele deve fazer isso.

De fato, se insistirmos que o próprio método deve vir da Escritura, parece que o método expositivo (onde tanto o título como o conteúdo são derivados de uma passagem) teriam o menor apoio escriturístico. Nenhum sermão na Bíblia segue este método como definido pelos peritos em homilética. Isso não o torna errado ou inferior. De fato, é discutível se o método expositivo é aquele que eu uso com maior frequência, embora por vezes vagamente. O ponto é que algumas pessoas têm alegado muito em favor dele, e têm imposto o mesmo sobre outros, ao passo que a Bíblia parece permitir certa liberdade nessa área. Assim, embora não haja nenhum método rígido, o conteúdo da pregação é definido e decidido, de forma que a ênfase essencial da mensagem é inegociável. E visto que a mensagem é baseada na revelação e na autoridade de Deus, ela obriga legitimamente a consciência dos homens.

O pregador aplica as doutrinas bíblicas de várias formas benéficas — ele deve instruir, repreender e encorajar. Instruir, ou anunciar e explicar a verdade, é o fundamento para os outros usos da palavra de Deus. O pregador então corrige e repreende aqueles que se desviam do padrão bíblico apresentado. É também sobre a mesma base da sã doutrina que o encorajamento significativo é possível. Deve haver uma proporção correta desses usos da palavra de Deus. Encorajamento sem uma base bíblica, sem o fundamento do ensino, é vazio ou mesmo enganoso. Correção é significativa somente quando o padrão correto é definido, de forma que possa ser mostrado que alguém se desviou dele, e de forma que possa ser conhecido que alguém deve retornar a ele. Então, se um pregador apenas instrui e encoraja, mas nunca repreende, aquele que se desvia da verdade nunca é confrontado com o seu erro, e o pregador não cumpriu o seu dever.

Paulo diz que haverá um tempo quando as pessoas não suportarão a sã doutrina. Elas rejeitarão a pregação como um método de ouvir da parte de Deus. E elas rejeitarão a mensagem que a pregação pretende comunicar. Em vez disso, elas desejam ouvir coisas que vão entretê-las, fasciná-las e justificar seus erros e maus desejos. E elas exigem uma certa estimulação carnal e sensorial no método de apresentação. Alguns cristãos alegam que devemos acompanhar os tempos e adaptar nossa abordagem de acordo com as tendências culturais. Em outras palavras, deveríamos seguir os não cristãos e nos submeter aos seus desejos. Mas o apóstolo prescreve a pregação já com essa resistência em mente. Ele é quem menciona aqueles que não suportarão a sã doutrina. Ele é aquele que diz para pregar a palavra “a tempo e fora de tempo”, quer o tempo seja favorável ou não a esse método ou à nossa doutrina, e quer essa seja a coisa popular a se fazer ou não.

Portanto, aqueles que propõem alternativas à pregação, e aqueles que propõem alternativas à sã doutrina, estão na realidade propondo rendição ao pecado e à incredulidade. Ora, se as pessoas são desatentas e rebeldes, um rei não ordena ao seu arauto para que pare de declarar a sua mensagem, e que comece a dançar e fazer malabarismo, como um palhaço para atrair uma multidão. Não, se as pessoas não forem ouvir ao arauto, e se elas não concordarão com o rei, a próxima coisa que o rei faz, se assim o agrada, é enviar seus soldados para matá-los. O arauto não muda sua abordagem ou mensagem. Se um pregador muda sua abordagem ou sua mensagem para diminuir a distração e resistência, ele não é mais um pregador. Ele abandonou o seu ministério. Mas que os arautos do Rei insistam em cumprir o seu dever, suportar as dificuldades e manter a fé.

27. SOZINHO, MAS NUNCA SOZINHO

Na minha primeira defesa, ninguém apareceu para me apoiar; todos me abandonaram. Que isso não lhes seja cobrado. Mas o Senhor permaneceu ao meu lado e me deu forças, para que por mim a mensagem fosse plenamente proclamada e todos os gentios a ouvissem. E eu fui libertado da boca do leão. (2 Timóteo 4.16-17)

Deus ordenou que seres humanos formem comunidades e tenham comunhão uns com os outros. Assim, homens e mulheres se juntam para formar famílias, várias sociedades, e até mesmo nações. Deus chama seus escolhidos dessas famílias e nações, de forma que eles possam ter comunhão consigo mesmos e com Jesus Cristo, e também uns com os outros. A “igreja” é a sociedade de crentes em Jesus Cristo, mas a palavra pode ser usada de várias formas diferentes. Podemos nos referir a todos aqueles que foram escolhidos para a salvação por meio de Jesus Cristo, incluindo aqueles que estão na terra e aqueles que estão no céu. Ou, podemos limitar o termo somente àqueles que professam o Senhor Jesus na terra. Quando usado num sentido ainda mais limitado, a palavra refere-se a um ajuntamento local de crentes. Isto é, nesse sentido limitado, cada congregação local é uma igreja. Deus ordenou que houvessem comunidades locais onde o seu povo pudesse adorar, aprender e servir juntos.

Não há dúvida que a igreja local é uma instituição ordenada por Deus. Sua importância merece ênfase. Dito isso, teólogos e pregadores frequentemente exageram o caso com afirmações que não possuem nenhum suporte bíblico, ou que são baseadas em inferências que vão muito além do que passagens bíblicas relevantes permitem. Eles dizem coisas sobre a importância da comunidade local e da obrigação de membresia e frequência eclesial que são alheias à Bíblia, que não podem ser validamente inferidas dela, e que não passam de invenções. Isso não produz uma doutrina mais segura, mas falsa doutrina. O resultado não é uma comunidade forte e serviço fiel a Jesus Cristo, mas uma teologia que está focada no homem, uma atitude que é dependente do instrumento humano, além de fraqueza e incredulidade generalizada nos cristãos.

Por exemplo, afirma-se com frequência que um cristão nunca pode desenvolver melhor seu conhecimento bíblico lendo livros em casa do que ouvindo sermões na igreja. Contudo, não existe nenhuma evidência, quer bíblica ou não, para essa visão. De fato, parece que a afirmação não é necessariamente verdadeira ou mesmo completamente falsa, visto que há bons argumentos para dizer que uma pessoa pode desenvolver tanto a profundidade como a amplitude do seu conhecimento bem mais eficazmente lendo em casa do que ouvindo a sermões na igreja.

Em algumas sociedades, praticamente qualquer um pode acessar os escritos de Agostinho, Calvino, Turretin, e assim por diante. Em termos de conhecimento e doutrina confiável, quão provável é que o pastor em alguma igreja local possa pregar sermões que possam rivalizar com os escritos deles? Quão provável é que um pastor local possa pregar sermões que rivalizem com os de Spurgeon? A verdade é que, em nossos dias, é bem mais provável que uma pessoa se desvie doutrinariamente indo à igreja do que ficando em casa lendo autores confiáveis como Calvino e Spurgeon.

A afirmação que é superior ouvir sermões na igreja é frequentemente acompanhada por declarações no sentido que “há algo simplesmente diferente” e que “há algo nisso” que está indisponível à pessoa que fica em casa e lê. Mas a menos que esse “algo” extra seja definido, e a menos que haja evidência bíblica para apoiar sua presença na igreja e sua ausência em casa, então a ideia equivale a mera superstição. A palavra de Deus é poderosa e eficaz em qualquer situação, o Espírito está com todo crente, e o conhecimento não é menos verdadeiro e útil simplesmente por ter sido adquirido em estudo privado.

Antes, devemos admitir que, se uma pessoa possui pelo menos habilidades medianas de leitura, e se ela tem a disciplina de realizar estudos privados, então é muito provável que ela ganhará muito, muito, muito, muito mais conhecimento bíblico lendo livros em casa do que ouvindo sermões na igreja. Mesmo que a igreja forneça classes onde a Escritura seja exposto em grande detalhe, isso ainda não pode se comparar à profundidade e amplitude que pode ser alcançada por um estudante determinado que segue um programa vigoroso de estudos privados. É tolice e desonestidade dizer o contrário. É verdade que muitas pessoas não possuem habilidades de leitura adequadas e que muitas pessoas não têm a disciplina de seguir estudos privados. Mas então o problema está nesses indivíduos, e não diz nada sobre se é melhor ler livros ou ouvir sermões. De fato, as mesmas pessoas podem ter habilidades de escuta ainda piores, e embora careçam de disciplina, ainda pode ser mais fácil seguir estudos em casa do que ir à igreja.

A abordagem correta é admitir a verdade, que a leitura e os estudos privados têm as suas vantagens, e ou ouvir sermões na igreja também. Quando diz respeito a crescer em conhecimento e entendimento, ler livros de autores confiáveis é provavelmente bem mais eficaz do que ouvir sermões na igreja. Isso é especialmente provável dada a condição dos pastores e igrejas contemporâneas. Contudo, os cristãos devem então ser lembrados que crescer em conhecimento não é a única razão para membresia e frequência eclesial.

Outras razões para frequentar a igreja inclui adoração e culto corporativo. Todavia, declarações exageradas também são feitas sobre isso. Em seu zelo para encorajar membresia, frequência e participação, os líderes cristãos devem ser cuidadosos para evitar fazer alegações e ameaças que não possam ser apoiadas pela Escritura. Muitas, se não a maioria das declarações sobre o que os cristãos devem fazer nessas áreas são exageradas, e não podem ser validamente inferidas da Bíblia.

Algumas vezes eles pensam que uma mera menção de Hebreus 10.25 é suficiente: “Não deixemos de reunir-nos como igreja, segundo o costume de alguns”. Mas isso não é suficiente, pois esse versículo tem um contexto particular e refere-se a pessoas que tinham parado de se reunir por uma razão particular. Se deve ser usado em algum contexto diferente e em referência a pessoas com motivos e razões diferentes, e se deve ser usado até mesmo para extrair regras e ameaças, então é necessário fornecer justificação sólida para isso. Caso contrário, o maior perigo para a igreja não é mais a baixa frequência de membros, mas esses fariseus modernos que impõem suas tradições humanas sobre o povo de Deus e que ameaçam suas almas por abandono.

Como outro exemplo, algumas vezes é dito que uma pessoa não pode crescer em santidade sem uma comunidade de pessoas da mesma opinião para encorajá-lo e admoestá-lo. De novo, existe suporte bíblico para dizer que uma comunidade poderia ajudar, mas não há nenhum suporte bíblico para a afirmação que uma pessoa não pode ter sucesso sem a ajuda de uma comunidade. É dito que uma pessoa que precisa prestar

contas a uma comunidade com maior probabilidade se conformará a um padrão de vida santa. Contudo, podemos replicar, é também possível que ele se tornará um hipócrita religioso, desenvolvendo uma aparência externa de santidade, sustentada por orgulho e desejo de aprovação. É dito que Deus usa instrumentos humanos para salvar os homens de cair. Mas é antibíblico afirmar ou implicar que Deus irá ou deve sempre usar instrumentos humanos; de fato, é claro a partir da Escritura que ele não o faz. Não são os homens que nos guardam de cair, mas Deus. Algumas vezes ele usa instrumentos humanos; outras não. Afirmer a importância da comunidade sobre a base de uma visão exagerada dos instrumentos humanos leva a regras e ameaças que não possuem garantia bíblica. E de novo, esse tipo de teologia se expõe à condenação de Cristo contra os fariseus e judeus.

Então, há a ênfase sobre a “equipe ministerial”. De novo, o problema não está no ensino da cooperação, mas em exagerar a sua importância e aplicação. A Bíblia de fato ensina que os cristãos deveriam trabalhar uns com os outros e respeitar as habilidades espirituais que Deus nos deu.

Por exemplo, considere o que Paulo ensina em 1 Coríntios 12. Usando o corpo humano como uma metáfora, ele escreve que o olho não pode dizer à mão, “não preciso de você” (v. 21). Aplicando isso aos dons espirituais que ele lista antes nesse capítulo (v. 8-10), entendemos que ele quer dizer que uma pessoa com um dom de profecia não pode dizer a uma pessoa com o dom de cura, “não preciso de você”. O “preciso” aqui é usado num sentido específico. Ele escreve: “O corpo é uma unidade, embora tenha muitos membros”. Isto é, sua preocupação é por uma igreja saudável e completa. E quando isso está em vista, então há um “preciso” para todo membro. Uma pessoa não pode fazer tudo. A pessoa que tem o dom de profecia, mas não o dom de curar, pode profetizar, mas não pode curar o doente.

Não devemos exagerar o que isso significa para a equipe ministerial. Embora a pessoa que tenha o dom de profecia não possa realizar a função de outra pessoa, ela ainda pode realizar a função para a qual foi capacitada. Isto é, ele não pode dizer ao que tem o dom de cura, “não preciso de você”, se o contexto é a saúde de uma igreja completa, mas como um indivíduo, a pessoa que tem o dom de profetizar pode fazer isso quer esteja associada ou não com a pessoa que tem o dom de curar, ou na verdade, com qualquer outra pessoa. Da mesma forma, a pessoa que tem o dom de pregar, ou escrever, ou cantar, tem a habilidade de fazê-lo quer esteja associada ou não com alguma igreja ou outra pessoa. Portanto, alargar a ideia de “preciso” além das restrições do contexto bíblico podem levar a um ensino exagerado sobre equipe ministerial.

O ensino é algumas vezes tão exagerado que é como se um ministério solitário fosse sempre errôneo, mesmo pecaminoso, e até mesmo condenado ao fracasso. Algumas vezes é sugerido que um ministro ou crente sempre fracassará se estiver sozinho. Contudo, esse ensino não pode ser derivado da Escritura; em vez disso, é uma manifestação de fraqueza e incredulidade.

Costuma-se dizer que deveríamos olhar para Jesus como nosso modelo, e até ele escolheu discípulos para ficar em torno dele. Mas essa é uma visão equivocada do seu ministério, visto que é mais fácil argumentar que eles o atrapalharam em vez de ajudar. Vez após vez, o Senhor os repreendeu pela sua falta de fé e entendimento. Algumas vezes eles foram até usados pelo diabo para tentar o Senhor a pecar, como quando pediram permissão para descer fogo do céu e consumir aqueles que rejeitaram o seu ministério, e quando Pedro insistiu que ele não seria morto e ressuscitado dentre os mortos.

Então, no momento mais crucial, quando Jesus pediu aos discípulos para orar com ele antes da sua prisão, eles adormeceram. E após o seu aprisionamento, eles fugiram e o abandonaram. Ele sabia que tudo isso aconteceria, e disse: “Aproxima-se a hora, e já chegou, quando vocês serão espalhados cada um para a sua casa. Vocês me deixarão sozinho. Mas eu não estou sozinho, pois meu Pai está comigo” (João 16.32). Se aspiramos ser como Jesus, então paremos de fazer escusas, e paremos de codificar nossa fraqueza e incredulidade em doutrina. Em vez disso, estejamos dispostos a trabalhar com outros, mas também aspiremos ser capazes de permanecer sozinho.

Isso é especialmente importante para um líder cristão. Ele não deveria precisar de uma comunidade de crentes para segurá-lo na fé. Antes, ele deveria ser capaz de, sozinho, levantar uma congregação cheia de medo e desencorajada. De fato, ele deveria ser capaz de permanecer fiel e destemido no Senhor mesmo que toda a comunidade cristã e não cristã se reunissem contra ele, para se opor aos preceitos e mandamentos do Senhor. Se um ministro do evangelho é capaz de atingir isso é uma questão, mas não existe nenhuma garantia fazer uma questão de doutrina o dizer que é impossível atingir isso.

Algumas vezes é a vontade de Deus que um homem permaneça só. Isso é inegável. Como Paulo escreveu, “Na minha primeira defesa, ninguém apareceu para me apoiar; todos me abandonaram”. À luz disso, é uma injustiça grosseira aos crentes exagerar a doutrina da comunidade e cooperação, pois poderia deixá-los confusos e despreparados se alguma vez forem deixados sós. Em vez disso, devemos ensiná-los que Deus não nos deu um espírito de medo, mas um espírito de poder, de amor e de uma mente sã. Um cristão pode permanecer só, mesmo quando todos os outros o tiverem abandonando, pois o Senhor permanece com ele, e ele pode fazer todas as coisas por meio de Deus que o fortalece.